

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOVENS NO ENSINO SUPLETIVO:
RECONSTITUINDO TRAJETÓRIAS

CARMEN TERESINHA BRUNEL DO NASCIMENTO

Porto Alegre, RS
2001

CARMEN TERESINHA BRUNEL DO NASCIMENTO

**JOVENS NO ENSINO SUPLETIVO:
*RECONSTITUINDO TRAJETÓRIAS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Profa. Dra. Jaqueline Moll

Porto Alegre, RS
2001

Ao Hugo, pelo seu amor incondicional, dedico cada letra, cada palavra, cada gesto, cada lágrima e cada sorriso que constituíram este trabalho. À pessoa mais bonita e generosa que conheci e que hoje brilha em outras esferas planetárias.

Agradecimentos

Neste momento duas emoções se mesclam, a primeira é a alegria de agradecer a todos aqueles que estiveram presentes nesta trajetória e a segunda, a necessidade de limitar o número delas. Algumas pessoas poderão não estar aqui, mas estarão sempre nas minhas memórias.

Aos meus pais, Justina e Lucidio, pela oportunidade de transitar neste planeta e receber deles tanto carinho e atenção.

À minha irmã Eva, meu cunhado Antônio Carlos, aos meus sobrinhos, Júnior, Rafael, Mateus, Cristiane, Karen e à minha sobrinha e afilhada Priscila que se constituíram na minha família e estiveram comigo em todos os momentos.

Às amigas Ana Luiza e Ilneida e ao amigo Rogério pela presença marcante em momentos importantes da minha vida.

À Angela, Sinara e Heloisa, amigas e colegas de docência, com as quais muito aprendi, tanto na arte de educar quanto na de viver.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS pela oportunidade de realização do curso de Mestrado e ao CNPq pelo apoio financeiro.

Agradeço carinhosamente à Jaqueline Moll que me orientou nos caminhos da pesquisa e pela oportunidade da realização de um sonho.

A todos os funcionários da Secretaria do Pós-Graduação, em especial, ao César, à Ione, ao Eduardo e ao Douglas, pelo carinho e atenção em todos os momentos.

Às professoras Carmen Maria Craidy, Carmen Lúcia Machado, Malvina do Amaral Dorneles e ao Professor Nilton Bueno Fischer, pelos saberes que, com tanta competência e generosidade, foram a mim transmitidos e pelo prazer de conviver com eles.

Ao Professor Bernard Charlot pela oportunidade da realização de um estágio em sua equipe de pesquisa, em Saint-Denis, pela sua receptividade e orientações acadêmicas.

Às colegas e grandes amigas Maristela, Zuleica, Jaqueline, Débora, Luciana, Eliane, Cristiane, Giciola e ao colega e amigo Cristiano, pelo convívio fraterno e prazeroso nos espaços acadêmicos e em outros espaços de viver.

À Olga pela amizade carinhosa em todos os momentos desta trajetória. Ao Álamo pela alegria do convívio e pelos diálogos acadêmicos. À Gisele, pelo carinho e pela ajuda em momentos decisivos.

Ao Marcos, pelo companheirismo e pela parceria nas aulas, na escrita e na aposta de um mundo mais humano e solidário.

A todos os alunos que participaram desta pesquisa, em especial à Adriana, ao Aldair, à Andréia, ao Luís Alejandro, à Michele e à Valéria, pelas lições de vida que aprendi através de suas histórias, todas elas recheadas de sonhos e esperanças.

À equipe diretiva da Escola de Ensino Supletivo Mauá, aos funcionários e a todos os professores da escola, principalmente àqueles que participaram efetivamente da pesquisa. Agradeço à professora Maria Cristina Fracasso que tão generosamente dividiu sua sala de aula comigo para os encontros com os alunos.

LISTA DE SIGLAS

CEED: Conselho Estadual de Educação

CES: Centro de Estudos Supletivos.

CMET: Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire

CRES: Centro Rural de Ensino Supletivo

DE: Delegacia de Educação

DEJA: Divisão de Educação de Jovens e Adultos.

DEPLAN: Departamento de Planejamento

DINF: Departamento de Informática

DMAE: Departamento Municipal de Água e Esgoto

E P A : Escola Porto Alegre

ESCOL: Education , Socialisation e Collectivité Locales

FESC: Fundação de Educação Social e Comunitária

FUNDEF: Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC: Ministério da Educação e Cultura

MOBRAL: Movimento Brasileiro de Alfabetização

MOVA-PORTO ALEGRE: Movimento de Alfabetização de Porto Alegre

MOVA-RS: Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

NOES: Núcleo de Orientação do Ensino Supletivo.

ONU: Organização das Nações Unidas.

PMPA: Prefeitura Municipal de Porto Alegre

PNAC: Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania

PUC-RS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SE: Secretaria da Educação

SEC/RS: Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul

SEJA: Serviço de Educação de Jovens e Adultos.

SINPRO: Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul.

SMED: Secretaria Municipal de Educação

SMOV: Secretaria Municipal de Obras e Viação

LISTA DE TABELAS

Tabela Nº.1: Total de Adolescentes, Jovens e Adultos na Escola Municipal X. SEJA/Agosto de 2000.

Tabela Nº. 2: Total de Adolescentes, Jovens e Adultos no CMET.

Tabela Nº. 3: Exames Supletivos – Ensino Fundamental

Tabela Nº. 4: . Exames Supletivos – Ensino Médio

Tabela Nº. 5: Matrícula Inicial por Modalidades. Mês/03

Tabela Nº. 6: Estabelecimentos de Ensino Supletivo

Tabela Nº. 7: Regentes de Classe Ensino Supletivo

Tabela Nº. 8: Matrícula Inicial por Idade – Ensino Fundamental

Tabela Nº. 9: Matrícula Inicial por Idade – Ensino Médio

Tabela Nº.10: Ensino Supletivo Fundamental – Adolescentes + Jovens

Tabela Nº.11: Ensino Supletivo Fundamental – Adultos

Tabela Nº.12: Ensino Supletivo Médio – Adolescentes + Jovens

Tabela Nº.13: Ensino Supletivo Médio – Adultos

Tabela Nº.14: Total de Adolescentes, Jovens e Adultos na E. E.Supletivo A. Anos 97/98/99/2000.

Tabela Nº.15: Ensino Fundamental – Escola Privada

Tabela Nº.16: Ensino Médio – Escola Privada

Tabela Nº.17: Idade/Número de Alunos – Escola Privada

Tabela Nº.18: Escolaridade dos Pais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 PRIMEIRAS PALAVRAS: UM PASSEIO PELO TEMPO	12
1.1 Nos Caminhos da Suplência: A Aproximação do Campo	17
2 JOVENS NO ENSINO SUPLETIVO NO FINAL DO SÉCULO	20
2.1 O Significado da Escuta no Ato Pedagógico	26
3 NOS CAMINHOS DA PESQUISA – A METODOLOGIA	31
3.1 Focalizando o Campo de Estudo	41
4 A MODERNIDADE E A ESCOLA	49
5 SURGIMENTO, TRAJETÓRIA E MOMENTO ATUAL DO ENSINO SUPLETIVO	64
5.1. O Supletivo no Panorama Atual	75
5.2. Os Diversos Espaços da Educação de Jovens e Adultos	78
5.2.1. Esfera Municipal	78
5.2.2. Esfera Estadual	91
5.3 Os Dados e o Rejuvenescimento em Âmbito Estadual	95
	104
6 ESCOLA SUPLETIVA: UM ESPAÇO DE VIVER E DE EDUCAR	126
6.1. A Sala de Aula: Conhecendo os Sujeitos	130
6.2 O Primeiro Contato	133
6.3 O Primeiro Diálogo Com a Turma	136
6.4 Os Encontros: Relatos, Debates e Descobertas	142
6.5 Os Jovens: Resistência, Sonho e Esperança	154

6.6 “... Uma Escola Onde Todos Tenham os Mesmos Direitos ...”	170
6.7 “Ser Jovem é Esperar Que o Melhor Ainda Aconteça...”	180
CONCLUSÃO	188
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	195
ANEXO	195

RESUMO

Nesta dissertação investigaram-se os motivos pelos quais uma parcela cada vez maior de jovens opta pelo ensino supletivo. O estudo foi realizado a partir de uma pesquisa empírica, em uma escola de ensino supletivo privada, através da trajetória escolar de seis jovens de uma turma de ensino médio e das entrevistas com os outros alunos e professores desta turma. O rejuvenescimento desta população, enquanto fenômeno, também foi constatado na esfera pública através de um levantamento documental nos diversos espaços que oferecem educação de jovens e adultos no estado do Rio Grande do Sul e na cidade de Porto Alegre. Diferentes autores, principalmente, Freire, Morin, Sposito e Charlot, deram suporte teórico para o entendimento deste fenômeno e das relações que estes jovens estabelecem com a escola e com a vida. O desencanto dos jovens pela escola 'regular', a ausência de políticas públicas eficientes na área da educação, a repetência, os traumas escolares, os problemas familiares e econômicos são alguns fatores determinantes na escolha destes jovens pelo ensino supletivo. O rejuvenescimento, neste estudo, foi entendido como um processo complexo e multifacetado que parte de fatores sócio-econômicos e se estende até as relações familiares, afetivas e culturais.

Palavras-chave: Ensino Supletivo; Jovens; Trajetória Escolar; Descontinuidades e Rupturas no Processo Escolar.

RÉSUMÉ

Dans cette dissertation, on recherchera les raisons pour lesquelles une portion, chaque fois plus grande de jeunes, opte pour l'enseignement "supletive". L'étude a été réalisée à partir d'une recherche empirique, dans une école privée d'enseignement "supletive", à travers de la trajectoire scolaire de six jeunes gens d'un groupe de l'enseignement moyen et à travers des entrevues auprès des élèves et des professeurs de ce groupe. Le rajeunissement de cette population, en tant que phénomène, a été aussi constaté dans le domaine public à travers d'un relevé de documents dans les divers locaux qui offrent l'éducation à des jeunes et à des adultes dans l'Etat du Rio Grande do Sul et dans la ville de Porto Alegre. Différents auteurs, surtout Freire, Morin, Sposito et Charlot ont apporté un soutien théorique à la compréhension de ce phénomène et aux rapports que ces jeunes établissent avec l'école et avec la vie. La déception des jeunes quant à l'école de circuit traditionnel, l'absence de politiques publiques efficientes en matière d'éducation, la répétition, les traumatismes scolaires, les problèmes de famille et les problèmes économiques représentent quelques facteurs déterminants dans le choix que ces jeunes font de l'enseignement "supletive". Le rajeunissement, dans cette étude, a été compris comme un processus complexe, aux multiples facettes, qui part de facteurs socio-économiques et s'étend aux relations familiales, affectives et culturelles.

Mots-Clef: Enseignement "Supletive"; Jeunes; Trajectoire Scolaire; Discontinuité et Ruptures dans le Processus Scolaire.

INTRODUÇÃO

Minha experiência de treze anos como professora de ensino supletivo me possibilitou perceber que mudanças significativas, nesta modalidade, foram se constituindo ao longo dos anos, principalmente no que dizia respeito ao perfil dos alunos que ali se encontravam.

O rejuvenescimento da população que frequenta o ensino supletivo é um fato que vem, progressivamente, ocupando a atenção de educadores e pesquisadores na área da educação. O número de jovens e adolescentes, nesta modalidade de ensino, cresce a cada ano, modificando o cotidiano escolar e as relações que se estabelecem entre os sujeitos que ocupam este espaço.

Os jovens, quando chegam ao ensino supletivo, em geral, estão desmotivados, desencantados com a escola 'regular', com histórico de repetência de um, dois, três anos ou mais. Muitos deles sentem-se perdidos no contexto atual, principalmente em relação ao emprego e a importância do estudo para a sua vida e inserção no mercado de trabalho.

O número de jovens, cada dia maior, nas salas de aula, foi gerando em mim questionamentos que não conseguia responder. Muitas eram as dúvidas que iam surgindo nesta caminhada, permeadas de constatações advindas da minha experiência nesta área. Este novo panorama, pouco a pouco, foi modificando o ambiente escolar, exigindo

dos professores uma nova postura e um jeito novo de conviver com estes alunos, cada dia mais jovens.

Em 1987, quando iniciei no ensino supletivo, os alunos não eram tão jovens, tinham parado há muito tempo de estudar e o objetivo da maioria era terminar os estudos com vistas a um emprego melhor ou a promoção no seu local de trabalho.

Atualmente, os alunos são mais jovens, muitos pararam há pouco tempo de estudar, são recém egressos da escola 'regular' e a maioria possui um histórico de repetência de um ano, dois anos ou mais. A repetência, muitas vezes, faz com que o aluno perca o desejo de continuar na escola. A repetência de, no mínimo dois anos, faz com que este aluno "destoe" um pouco dos outros colegas, e como eles mesmos dizem: "professora eu era a mais alta da turma" ou "professora, só tinha criança na minha sala, eu não tinha com quem conversar".

Observei, também, que muitos dos alunos que freqüentam o ensino supletivo são aqueles que apresentavam problemas de indisciplina no ambiente escolar ou são aqueles que os pais dizem: "ele não gosta de estudar, professora, eu não sabia mais o que fazer, resolvi colocá-lo no supletivo. Pelo menos, ele termina o segundo grau". Para muitos pais, o ensino supletivo é a última alternativa para mantê-los na vida escolar.

Todos estes aspectos são novos no campo do ensino supletivo e em um primeiro momento as minhas indagações concentraram-se nas seguintes reflexões: Por que tantos jovens optam por esta modalidade de

ensino? Como esta trajetória foi se constituindo ao longo das suas vivências e como chegaram até o supletivo?

A ansiedade de alunos e professores, neste contexto, proporcionou subsídios para uma reflexão maior e impulsionou-me para uma atitude de busca, através da pesquisa, de leituras e de alguns teóricos que pudessem ajudar-me a entender este fenômeno, para além de uma visão simplista sobre esta realidade.

Para entender melhor este fenômeno, em um primeiro momento, foi desenvolvido um estudo nos diversos espaços da educação de jovens e adultos no Estado do Rio Grande do Sul e em Porto Alegre, para que pudéssemos comprovar, através de dados estatísticos, que este fenômeno era real e não se limitava somente à esfera privada para, em um segundo momento, mover-me, mais especificamente, no espaço no qual foi realizada a pesquisa empírica: uma turma de ensino médio, no interior de uma escola de ensino supletivo privada, com os alunos e professores desta turma e, principalmente, através da trajetória escolar de seis jovens desta turma.

Conhecer a trajetória escolar desses jovens foi importante na busca de elementos para o entendimento de sua opção pelo ensino supletivo, tendo como panorama, o pensamento dos jovens no momento atual. Neste espaço, além dos jovens, que são os principais sujeitos desta pesquisa, pude ouvir, também, os professores que fazem parte desta rede e assim constituir um olhar mais amplo sobre esta realidade.

A pesquisa desenvolveu-se com alunos entre 18 e 25 anos. Para entender melhor os jovens que constituíam esta turma, foram programados cinco encontros, nos quais foram discutidos temas ligados à vida escolar deles e assuntos pertinentes à realidade e o momento atual da juventude. Cada encontro contou com um tema. Os temas específicos trabalhados em cada encontro foram: Escola, Violência, Sexualidade, Drogas e Juventude.

Estudar o fenômeno do rejuvenescimento, que começa a surgir no panorama brasileiro a partir dos anos 90, foi fundamental, uma vez que ele contempla uma categoria que foi esquecida durante duas décadas na pesquisa educacional. Os jovens foram silenciados a partir dos anos 60, anos de ditadura, e começam, timidamente, a surgir nos debates e discussões na década de 80.

Tento através de um espaço que os acolhe e de um fenômeno que tem neles seus personagens principais dar-lhes voz, constituindo um espaço para dizerem suas “coisas”, seus pensamentos, de mostrarem sua revolta ou indignação frente a um sistema que, a cada dia mais, os exclui. Os jovens estão fora do contrato social, seu espaço não está definido na sociedade, sua fala é freqüentemente interdita e, quando mencionados na mídia, sua imagem está, na maioria das vezes, ligada às drogas, à violência, a doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez indesejada.

O descaso com os jovens e com sua educação é o descaso com a nação, pois um país que conta com um grande número de jovens como o nosso e que não os prioriza, falha naquilo que tem de melhor, o povo. Através das suas falas eles dizem: “quero escola pública, digna, limpa e acessível a todos. Sem escolas de ricos e de pobres, com ensino igual para todos, para quem tem condições de pagar por ela e para quem não

tem". Os jovens neste estudo exigem: "quero saúde, não quero violência, quero direitos iguais para todos, quero um futuro digno para mim, para os meus e para a humanidade".

Para compreender melhor este fenômeno foi necessário um olhar mais amplo sobre esta realidade. Conhecer a gênese da instituição chamada escola, o surgimento do ensino supletivo no Brasil e o momento atual da educação de jovens e adultos. Este estudo foi fundamental para o entendimento deste rejuvenescimento e da escolha destes jovens por esta modalidade de ensino.

Este estudo inicia com alguns relatos, fruto das minhas memórias, nos quais exponho alguns episódios relacionados a minha trajetória escolar, algumas escolhas pessoais e acadêmicas que justificam minha opção pela arte de ensinar, pela realização desta pesquisa e a crença no prazer que o ensinar e o aprender podem proporcionar a alunos e professores.

O capítulo I tem por objetivo mostrar a realidade dos jovens que freqüentam o ensino supletivo, suas angústias, desejos e os aspectos políticos e legais que facilitam o ingresso desses alunos, cada vez mais cedo, nesta modalidade de ensino. O Capítulo II trata da metodologia usada na pesquisa e localiza o leitor nos espaços investigados.

O Capítulo III constitui-se de uma reflexão sobre a modernidade e a escola, sobre os pressupostos básicos que definiram a modernidade e as conseqüências deste pensar na vida das pessoas e na gênese das

instituições, principalmente, na instituição chamada escola, e como as pessoas convivem, hoje, com as velhas e as novas formas de pensar e viver a vida.

O capítulo IV localiza, historicamente, o ensino supletivo no Brasil, enfocando seu surgimento, as mudanças ocorridas neste espaço ao longo dos anos e seus desdobramentos atuais. Neste capítulo pretendo, também, proporcionar ao leitor uma visão mais ampla da educação de jovens e adultos no Estado do Rio Grande do Sul e em Porto Alegre, portanto, em nível estadual e municipal, através de dados estatísticos que comprovam o rejuvenescimento desta população.

O capítulo V localiza o leitor no campo do ensino supletivo privado, já que no anterior trabalhei nos espaços públicos que oferecem Educação de Jovens e Adultos. Este capítulo trata da escola de ensino supletivo privada, seu espaço físico, a legislação que a rege e, principalmente, as relações sociais e as trocas de saberes que se estabelecem neste ambiente, considerando as falas dos jovens e dos professores que compõem este universo e que foram os principais sujeitos desta pesquisa. Vamos conhecer também, as angústias e os desejos dos jovens que, tão generosamente, participaram desta pesquisa, enfocando sua visão de mundo, de futuro, suas perspectivas e esperanças.

Para a realização deste trabalho, vários foram os autores que deram suporte teórico à pesquisa e que ajudaram na compreensão deste fenômeno. Entre eles, Haddad, Beisegel, Melucci, Giroux, Boaventura de Sousa Santos, Dubet. Todos foram fundamentais para a tessitura deste texto, entretanto, vou citar, com mais detalhes, apenas quatro, pois estes são os grandes referenciais teóricos que deram suporte à pesquisa.

Começarei com Paulo Freire, pois o autor, com sua visão humanista de mundo, mostra-nos que a escola é um local de troca de saberes e de afetividade. Local este, onde educadores e educando encontram-se para uma tarefa conjunta e nos alerta, também, para a necessidade do diálogo e da reflexão entre os sujeitos que ocupam este espaço.

Edgar Morin, neste estudo, contribuiu de maneira fundamental para o entendimento do pensamento moderno. Ele nos diz que a mentalidade baseada somente na razão deve dar espaço para outras formas de pensar, que é preciso um entrelaçamento de idéias. É necessário um pensamento mais complexo. A razão não explica tudo. Ela deve dialogar com o irracional, com a idéia de ordem e desordem e que a verdade não está numa só direção, num só caminho. Acredito que este pensar mais global e, conseqüentemente, mais complexo é fundamental para podermos entender a sala de aula de uma escola de ensino supletivo, já que uma de suas características básicas é a diversidade de sujeitos que ocupam este espaço, e no caso desta pesquisa dos jovens que ali se encontram.

Para entender os jovens e, principalmente, os jovens que freqüentam o ensino supletivo escolhi Marília Sposito. A autora, além de,

historicamente, desenvolver um trabalho relevante na área da educação de jovens e adultos, contribui de maneira efetiva para entendermos as inquietudes e os anseios desta camada da população que, freqüentemente, é citada como categoria problema e que tem, na autora, através de seus escritos sobre a juventude brasileira, uma voz que ecoa de maneira generosa e responsável sobre esta realidade.

O outro autor é Bernard Charlot¹, o primeiro contato que tive com a obra deste pesquisador foi no segundo semestre de 1998, no Seminário Avançado: Introdução à Pesquisa de Campo nas Ciências Sociais e Educação, ministrado pela Prof^a.Dr.^a Carmen Craidy durante a realização dos créditos no curso de Mestrado. Neste seminário estudamos alguns artigos² do professor e debatemos vários pontos de seu trabalho. Sua pesquisa sempre me instigou, pois ele e sua equipe trabalham com alunos com histórico de “*fracasso escolar*”, termo este colocado em destaque, pois como o próprio autor diz: “*O fracasso escolar não existe; o que existe são alunos em situação de fracasso*” (Charlot, 2000). Sabemos que existem alunos que não correspondem satisfatoriamente a certos saberes e competências que lhe são exigidos na escola e, muitas vezes, são classificados como fracassados, sem uma análise mais detalhada de seu histórico ou de seu entorno.

Neste seminário, o enfoque principal era conhecer os métodos de pesquisa de campo nas ciências sociais e educação, para tanto estudávamos o autor na perspectiva de conhecer a metodologia usada por ele nas suas pesquisas. Como Charlot trabalhava naquela época e

¹ Diretor da Equipe de Pesquisa ESCOL (Educação, Socialização e Coletividades Locais). Departamento das Ciências da Educação. Universidade Paris VIII. Saint-Denis.

² -Isolamento escolar e Alienação. In A mistificação pedagógica, realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1979, p.203-308.
-A Etnografia da Escola. In Em Aberto, Brasília, ano 11, n. 53, jan./mar. 1992.

ainda trabalha com alunos, na periferia de Paris, com históricos de repetências, de violência dentro e fora da escola, com problemas de drogas e de pequenos roubos, interessei-me por seu trabalho, pois minha pesquisa também era com jovens que tinham um histórico, em alguns pontos, semelhantes àqueles pesquisados pela equipe do Prof. Charlot.

No decorrer da pesquisa, retomei algumas leituras do autor, e seguindo algumas orientações da banca que analisaram a minha proposta de pesquisa, aprofundei o estudo sobre as suas obras. Em julho de 2000 assisti a algumas palestras³ do Prof. Charlot, o que me ajudou a entender melhor os seus objetivos e compreender o quanto eles ajudariam no meu trabalho, pois não conseguia classificar meus alunos, simplesmente, como fracassados escolares. Minha convivência de treze anos com alunos do ensino supletivo mostrou que eles, como dizia Charlot, viveram “situações de fracasso” que fizeram com que repetissem na escola ou a abandonassem.

Em outubro de 2000, tive a oportunidade de realizar um estágio de três meses, na equipe ESCOL, na Université Paris VIII em Saint-Denis, sob a orientação do Prof. Charlot. Este estágio foi fundamental para desenvolver a minha pesquisa e entender melhor os meus alunos, neste caso, os jovens que freqüentam o ensino supletivo e que geralmente são rotulados de alunos “inferiores”, alunos que “fracassaram” na sua trajetória escolar. Durante o estágio, assisti a dois seminários ministrados pelo Prof. Charlot, e como diretor responsável pelo meu estágio tive a

³ - Questões para Pensar a Utopia: que conhecimento, para quem?

Palestrantes: Bernard Charlot e Elvira Lima

Local: Salão de Atos da UFRGS: 04/07

-Da Relação com o Saber: Elementos Para uma Pesquisa

Palestrante: Bernard Charlot

Local: FACED/UFRGS: Data: 05/07

oportunidade de reunir-me com o autor, onde recebi orientações sobre o meu trabalho.

A contribuição fundamental deste autor para a minha pesquisa é sua leitura positiva acerca dos alunos que *“fracassam na escola”*. Neste sentido Charlot (2000) nos diz que diante de um aluno que fracassa em um aprendizado, em geral, é feita uma leitura negativa da situação, fala-se em deficiências, carências, lacunas, enquanto que uma leitura positiva quer saber: O que está acontecendo com este aluno? O que ocorreu com ele? O que ele fez? O que ele pensou? A leitura positiva busca compreender como as *“situações de fracasso”* foram se constituindo na trajetória escolar deste aluno, e não somente o contrário, o que ele não fez, o que ele não pensou, o que ele não entendeu.

A leitura positiva quer saber o que está ocorrendo, em que situações ele fracassa e em quais ele consegue ter sucesso, *“a leitura positiva busca compreender como se constrói a situação de um aluno que fracassa em um aprendizado e, não, ‘o que falta’ para essa situação ser uma situação de aluno bem-sucedido”* (Charlot, 2000, p.30). Não apenas olhar o aspecto negativo da situação, não se deter somente nas suas carências e deficiências, mas prestar atenção em outras coisas que os alunos podem fazer e que fazem muito bem.

Neste sentido, Charlot ressalta que devemos levar em conta a singularidade deste aluno e sua história particular, uma vez que ele é um ser humano original, para podermos entendê-lo. Conhecer a trajetória escolar desses jovens, sua vida pessoal, seus sonhos, desejos e medos foi fundamental para a realização deste trabalho.

Através das falas dos jovens e de seus professores é que vamos compreender os motivos que fizeram com que estes jovens optassem pelo ensino supletivo. Neste estudo aprendi que vários foram os motivos que os fizeram optar por esta modalidade e cada vez mais cedo. Pude perceber, através das falas dos jovens, que os fatores emocionais, sócio-econômicos e familiares foram mais determinantes que os cognitivos, e que seria impossível eleger um como principal.

A pesquisa é o início de uma longa caminhada, tímida, humilde, mas apaixonada, que tenta mostrar a face dos jovens, aqui representados pelos alunos de uma turma de ensino supletivo que, tão generosamente, contribuíram para esta pesquisa e que representam um grupo social esquecido e discriminado.

1 PRIMEIRAS PALAVRAS: UM PASSEIO PELO TEMPO

"Uma hora não é somente uma hora, é um jarro cheio de perfumes, de sons, de projetos e de climas. O que denominamos realidade é uma certa relação existente entre tais situações e lembranças que nos cercam simultaneamente". Marcel Proust⁴

Meu encanto pelos livros e minha curiosidade, sempre presente, de desvendar os seus mistérios fizeram com que eu me encantasse pelo ato de aprender desde os meus primeiros anos de vida escolar. Acredito que este encanto deu-se, principalmente, a partir de uma postura generosa de meus primeiros professores, a importância dada à escola pelos meus pais e à paixão que os livros, ou melhor, a escrita, sempre me suscitou.

Em 1969, entro para o 1º ano do antigo primário, época de ditadura e repressão, entretanto, devido a pouca idade não sabíamos que estávamos sob este regime. A escola, lembro-me ainda, com bastante nitidez, era um local muito desejado e de certa forma cercado de algum mistério. Fazer parte dela era pertencer a um mundo novo e diferente que se escondia por trás dos muros, só conhecido antes pela mão de uma

⁴ Em Busca do Tempo Perdido. O Tempo Recuperado. Vol. VII, 1995, p.198.

irmã ou de um irmão mais velho. Um local com quadras de esportes, com redes altas e uniformes diferenciados. Como era bom fazermos parte daquele universo nas poucas horas que ali estávamos. Era pertencer a um mundo, onde você poderia agir integrado num contexto, enfim fazer parte do mundo dos adultos.

Era assim que eu via a escola. Entrávamos na vida e efetivamente fazíamos parte dela. A escola era o local do conhecimento, do saber e dessa maneira era respeitada pela sociedade. Em casa éramos as crianças que brincávamos e levávamos a vida sem compromissos, na escola éramos responsáveis pelos nossos cadernos, pela sala de aula, ali começava nossa caminhada em busca de novos horizontes.

Estudei os cinco anos do antigo primário em uma escola no centro da cidade de Porto Alegre⁵, talvez por isso, nossos professores tinham condições de nos oportunizar diversas atividades culturais, como idas a teatros, museus, feiras, exposições, muitos passeios pela Redenção⁶, entre outros. Depois de muitos anos percebi que esta era a maneira pela qual, naquela época de ditadura, meus professores acharam para transmitir idéias de liberdade, de cultura e saberes; que na sala de aula, pelo rádio ou pela televisão nós não teríamos.

Lembro-me também de um local, onde tínhamos aulas de artes (era assim que chamávamos as aulas de educação artística) que ficava no primeiro andar da escola, com mesas compridas e bancos longos. Em

⁵ Capital do Estado do Rio Grande do Sul. Região Sul do Brasil.

⁶ O Parque Farroupilha, conhecido pela população como Redenção, é a principal e mais conhecida área de lazer da cidade de Porto Alegre, com muito verde e belos jardins.

geral, nestes dias, recebíamos folhas grandes de cartolinas e muitos lápis de cera de diversas cores; ficávamos encantados, pois não tínhamos esses objetos, normalmente tínhamos seis lápis de cor ou no máximo doze, mas isto era um luxo para poucos. Nesta escola, aprendíamos também diversas técnicas de desenho e pintura.

Nesses momentos, mesmo que na maior parte do tempo tínhamos temas específicos a trabalhar, nossos professores nos incentivavam à criação. Hoje, vejo como aqueles professores foram importantes na minha maneira de pensar e ver a vida, na minha postura como professora e na relação prazerosa que procuro manter com meus alunos.

Felizmente tenho lembranças muito boas de meus primeiros anos escolares, de minhas professoras primárias e de toda a minha vida escolar. Acredito que a imagem que constituí ao longo do tempo sobre a escola, faz com que, até hoje, o aprender/ensinar seja algo que me dá muito prazer, posso dizer mais, aprender e ensinar faz com que eu acredite na vida e num mundo melhor.

No segundo grau⁷, a vontade de participar mais ativamente de tudo que acontecia no mundo, fez com que eu escolhesse o curso de Técnico em Publicidade, na Escola Estadual Infante Dom Henrique em Porto Alegre, pois na época era um curso novo, que exigia criatividade e trabalho em conjunto. Este curso foi importante para minha formação, pois ali aprendíamos a trabalhar em grupo, a ouvir e a respeitar a opinião dos outros, concordando ou não com suas idéias.

⁷ Denominado, hoje, pela nova LDB nº. 9394/96 de Ensino Médio.

Neste curso não inventávamos somente produtos que supostamente iriam para o mercado, mas criávamos campanhas sem fins lucrativos, como campanhas do agasalho, contra as drogas, prevenção de doenças, entre outras. Para mim estas eram altamente gratificantes. Infelizmente, para seguir nesta área eu não poderia somente trabalhar com campanhas beneficentes, pois neste campo a lógica do mercado, o lucro, são fatores importantes e este não era o meu objetivo. Desta maneira, lentamente fui abandonando a área de Publicidade e Propaganda.

No decorrer do segundo grau apaixonei-me pela Biologia, pelo estudo da vida e assim, em 1982/II, ingressei na Faculdade de Licenciatura em Ciências – Habilitação em Biologia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Neste curso aprendi a amar não só aos seres humanos como a todos os seres vivos e tudo aquilo que os cercam, a respeitar e a valorizar todo o tipo de vida existente.

Em 1984, fui contratada pela PUC-RS, para trabalhar no Museu de Ciências Naturais daquela Universidade. Trabalhava na biblioteca do museu, responsável por ela e pelo intercâmbio científico e bibliográfico da mesma. Esta experiência me colocou em contato com o mundo todo, pois tínhamos um intercâmbio com mais de duzentas instituições estrangeiras e um número equivalente ou maior de instituições nacionais. Neste local eu trabalhava com alunos, pesquisadores e professores. Este trabalho me proporcionou um entendimento maior dos diversos sujeitos da educação, suas necessidades, questionamentos e seus êxitos.

Enquanto cursava a Licenciatura Curta, só trabalhei na biblioteca; quando ingressei na Plena, comecei a trabalhar também na Sala de Exposição do Museu, local onde recebíamos os alunos da Universidade, visitantes em geral e principalmente, alunos e professores das diversas escolas de todo o Estado. Eu abria a Sala de Exposição algumas noites e sábados pela manhã, acompanhava e orientava a visita, esclarecendo as dúvidas dos alunos e professores. Era muito gratificante este trabalho, pois os alunos ficavam encantados com a diversidade de conhecimentos novos ali aprendidos.

Assim, iniciei de maneira efetiva minha experiência na arte de educar. Outro momento de grande aprendizagem deu-se na época em que fui monitora de disciplinas na faculdade. Tal experiência foi extremamente interessante, pois nesta situação somos, ao mesmo tempo um pouco professor e aluno. Aprendemos muito e ensinamos o que sabemos. Sempre acreditei que temos saberes a ensinar e a aprender.

Aprender, dominar as letras, a escrita e a palavra é muito bom, nos gratifica, mas todo este saber só tem um fim, *o outro, a troca*. De que vale o saber, se ele não pode ser compartilhado? Por isso me tornei professora, para compartilhar saberes. Para aprender com meus alunos e ver a alegria nos olhos daquele que aprende.

1.1 Nos Caminhos da Suplência: A Aproximação do Campo

Em 1987 fui convidada a trabalhar como monitora em uma escola de ensino supletivo privada⁸, fazendo parte de um projeto chamado “Individualizado”, na área de Ciências. Este projeto tinha por objetivo trabalhar com os alunos fora do horário normal de aula, de uma maneira alternativa e interessante. Eram trabalhos práticos e em laboratórios, tentava-se sair um pouco do convencional, já que as turmas eram grandes e o espaço na sala de aula era pequeno para a realização de um trabalho daquele tipo.

Assim, iniciei minha experiência na área do ensino supletivo. Permaneci nesta escola por dez anos como professora de Biologia no Ensino Médio e de Ciências no Ensino Fundamental. A experiência adquirida nestes anos me possibilitou perceber melhor esta modalidade e assim constituir ao longo dos anos, um olhar mais crítico sobre suas singularidades e especificidades.

Atualmente, percebe-se uma procura cada vez maior, principalmente por jovens, pelo ensino supletivo e é possível notar que o perfil do aluno mudou com o decorrer do tempo. A partir destas mudanças ocorridas no ensino supletivo e, no ensino regular de uma maneira geral, surgiram questionamentos que eu não conseguia entender e responder. Sendo assim, foi surgindo em mim a vontade de ingressar no curso de mestrado, com o objetivo de articular minha vivência em sala de aula com um estudo mais apurado desta realidade.

⁸ Na época esta escola oferecia somente ensino supletivo de Ensino Médio. Atualmente, oferece também, Ensino Fundamental.

Acreditava que, para compreender melhor o ensino supletivo e o crescente rejuvenescimento desta população e realizar um trabalho mais solidário e consciente, seria necessário um estudo mais detalhado em uma investigação mais rigorosa sobre este contexto.

Desta maneira, em 1999 ingressei formalmente no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), apesar de já ter cursado algumas disciplinas em 1998 como aluna sem vínculo⁹. Nesta nova trajetória me encantei por vários autores, cito um em especial, que conhecia pouco, mas o suficiente para despertar minha curiosidade para estudá-lo melhor. Este autor foi Paulo Freire, quanto mais o lia mais o admirava. A profundidade e a simplicidade de seus escritos me surpreendia e encantava.

O primeiro livro que comprei nesta caminhada foi de sua autoria. Comprei a “Pedagogia da Esperança” (Freire, 1997), pois o título falava de algo que eu precisava muito naquela época e ainda preciso, *esperança*. Identifiquei-me com o autor e com o livro, já nos agradecimentos, onde ele diz: “À Ana Maria, Nita, que me devolveu o gosto bom de viver, quando a vida me parecia tão longe e, quase sem esperança, a olhava”! O Mestrado tinha me devolvido, um pouco, o gosto de viver. E eu precisava dele, como Freire precisou de Nita. Naquele momento criou-se um laço de carinho e respeito por este autor, que continua ainda hoje e a cada vez que o leio. Admiro a sua capacidade de amar, de ser humilde e seu respeito pelo homem e pelo mundo.

⁹ Disciplinas: Educação e Exclusão Social: Violência e Illeticismo, Introdução à Pesquisa de Campo em Ciências Sociais e Educação - Profa. Dra. Carmem Craidy; Educação: Trabalho e Conhecimento - Profa. Dra. Carmen Machado; Bases Interpretativas do Público e do Popular em Educação - Profa. Dra. Malvina do Amaral.

Assim tecemos nossas pesquisas, a partir das nossas vivências diárias, de nossas inquietações e paixões. Mesclamos passado, presente e futuro. Nossas memórias são recortes do nosso passado, elas explicam como chegamos até aqui, quais os caminhos que justificaram nossas escolhas e posicionamentos. O presente, são nossos alunos, a escola que temos. O futuro é a educação que queremos e o nosso compromisso permanente com ela.

Hoje, realizo esta pesquisa, pois aposto na educação e no prazer que o ensinar e o aprender podem proporcionar a alunos e professores. Entretanto, esta pesquisa surge também pela minha inquietude advinda diariamente das angústias e decepções que a experiência escolar tem deixado em muitos dos meus alunos, aqui representados pelos jovens que freqüentam o ensino supletivo.

2 JOVENS NO ENSINO SUPLETIVO NO FINAL DO SÉCULO¹⁰

Reconhecendo que os jovens que freqüentam o ensino supletivo constroem sua trajetória de escolarização básica fora dos padrões definidos pela escola 'regular'¹¹, esta pesquisa tem por objetivo analisar a trajetória escolar de alguns destes alunos e os motivos que os fizeram optar por esta modalidade de ensino. Para que esses objetivos pudessem ser alcançados foi preciso ouvir densamente esses jovens e assim poder entender o rejuvenescimento desta população, já que este fenômeno surge no panorama brasileiro a partir dos anos 90 numa modalidade de

¹⁰ A expressão 'final de século' é somente para situar cronologicamente este estudo no tempo. Cronologicamente o século XX termina no final do ano 2000 e o século XXI inicia em 2001. Mas não podemos esquecer que este é um tempo marcado por mudanças paradigmáticas e como este estudo se dá neste trânsito é importante ressaltar a época que se desenvolve esta pesquisa, pois as situações e reflexões aqui expostas estão recheadas deste novo pensar da humanidade. Segundo Boaventura de Sousa Santos (2000, p.257) *"a transição paradigmática é um período histórico e uma mentalidade. É um período histórico que não se sabe bem quando começa e muito menos quando acaba"*. É importante ressaltar que neste trânsito paradigmático são questionados os pressupostos epistemológicos da modernidade. Na modernidade, a racionalidade e o conhecimento técnico-científico foram privilegiados em detrimento da reflexão e de um pensamento mais complexo e interacionista. Em se tratando do tempo, hoje, ele pode ser definido por critérios mais abrangentes que outrora. Neste sentido Melucci (1997, p.8) ajuda a problematizar este tema quando nos diz *"a definição de tempo torna-se uma questão social, um campo cultural e conflitivo no qual está em jogo o próprio significado da experiência temporal. Como medir o tempo? Quando será encontrado o significado 'certo' para o tempo individual e coletivo? Como preservar o nosso passado e preparar o nosso futuro em sociedades complexas? Tais questões sem respostas são alguns dos dilemas básicos com os quais se confronta a vida humana em sociedades complexas"*.

¹¹ Se existe uma escola dita regular equivale dizer que existam outras compreendidas como irregulares, nas quais a escola de ensino supletivo estaria contemplada. Acredito em formas diferenciadas de escolas sem qualificá-las em regulares ou irregulares.

ensino que historicamente era dirigida mais ao público adulto do que ao público jovem.

Fatores pedagógicos, políticos, legais e estruturais entre outros no campo do ensino 'regular' fazem com que muitos jovens procurem cada vez mais esta modalidade de ensino e cada ano mais precocemente.

A falta constante de professores na escola pública, a carência evidenciada nas condições físicas de muitas de nossas escolas, bem como de material didático-pedagógico são alguns exemplos. Não podemos esquecer, também, os aspectos políticos e legais, que devem ser considerados neste contexto. Eles facilitam o ingresso dos alunos, cada vez mais cedo nesta modalidade, pois do ponto de vista legal houve um rebaixamento na idade mínima para o seu ingresso.

E do ponto de vista político existem procedimentos praticados no sistema de ensino que 'estimulam' os alunos em defasagem idade/série a deixarem o ensino regular e se encaminharem para o supletivo ou outra instância que ofereça educação para jovens e adultos. No decorrer da pesquisa este fato ficou evidente na fala de um professor da escola privada, de uma coordenadora da Educação de Jovens e Adultos e de uma diretora de escola 'regular', estas últimas da rede pública de ensino¹².

¹² Os nomes de todos os sujeitos que participaram desta pesquisa foram alterados com o objetivo de preservar a identidade de cada um.

“(...) a expulsão dos alunos do dia pelo grupo de professores para irem para a noite existe, e aí a gente perguntou? Que série vocês estão? Se na 7ª ou na 8ª fica então de dia, no final do ano tu terminas. Aí eu pensei tem algo estranho aí. Falei com uma professora para saber melhor o que estava acontecendo. No final, houve reunião, mas até agora tem aluno na noite que quer ir para o dia e eles não querem mais aceitar no dia. Os alunos falam que tem direito. E tem direito. Então ele vai arranjar um emprego de noite para voltar a estudar de dia. E são aqueles tenebrosos, só que a gente tá acostumado com isso, a gente não rejeita aluno, trata bem, trabalha legal, né, mas eles não querem ficar de noite” (Marta, professora municipal, SEJA).

“A gente aceita meninos de 12 anos, 13 anos, ou menos, né, que de alguma maneira a gente não olha muito a idade, porque o piá não tem chance de ficar na escola durante o dia, pois ele tá vendendo fruta, ele tá ajudando o pai no carreto, ele tá levantando alguma grana pelo centro com os meninos da escola, ele se vira, se é vendendo alho, se é vendendo saquinho, ou se é bater carteira, são várias as possibilidades, né também tem isso. Mas o principal, eu acho que é esta a questão, a escola exclui, expulsa, quem não tá mais em condição de receber este menino, né, porque quer uma escola padrão, pacificada, harmoniosa, tranqüila, silenciosa e o adolescente está aí para explodir tudo e ele é expulso para a noite” (Laura. Equipe de Coordenação da DEJA).

“Eu tenho uma escola regular diurna de 1ª a 8ª série. Eu tenho alunos com idade mais avançada em turmas de 1ªs séries, eu chego a ter uma aluna de 5ª série com vinte anos, e ela continua, em 1ªs séries em escolas regulares isto acontece também. Em geral tem duas turmas de pequenos e uma turma completamente defasada em idade. Crianças que vão, que voltam, que se mudam, vão morar com o tio, com a tia, o pai sai daqui, vai prá lá. É impressionante, é uma coisa que eu observo também, como eles trocam de lugar. Eu tenho uma turma com cinco alunos que estão nos causando bastante problema numa 6ª série e agora que abriram as inscrições para os exames supletivos, que foram reformulados, não é, nós sugerimos pra vários alunos, e eles foram se inscrever e gostaram da idéia, porque estes alunos que estão numa idade defasada naquela série, são alunos bem indisciplinados em escola regular durante o dia. Nós sugerimos porque eles estão velhinhos, pra eles terminarem, avançar no 1º grau e poderem continuar

logo, numa série, dentro de uma faixa etária mais correta. Eu te falo de uma clientela muito pobre, de periferia” (Vera, Diretora de uma escola estadual) .

“Tem alguns alunos que eram estudantes da rede particular que receberam aquele “convite”, no final do ano, de não continuarem seus estudos ali, talvez porque não gostem de estudar, ou daquele ambiente escolar, pode ser em função de violência, de drogas, de indisciplina e vem para o supletivo” (Prof.Vilmar. E.E Supletivo A¹³).

Esta realidade expressa o descompromisso do sistema, principalmente no que se refere ao ensino público, com a população que passa dos 14 anos e que não concluiu o Ensino Fundamental. Neste caso ele é “jogado” ou para a escola de ensino supletivo privada ou para algum outro espaço que ofereça educação de jovens e adultos.

Entretanto, sabemos que o número de escolas estaduais noturnas de ensino ‘regular’ é insuficiente para esta demanda, principalmente no que se refere ao Ensino Médio¹⁴. Esta realidade é sentida pelos professores e diretores das escolas públicas, pois sem dúvida é um problema grave dentro do sistema de ensino e que afeta diretamente a vida de muitos jovens e adolescentes. Isto ficou evidente na fala do diretor da noite de uma escola municipal.

¹³A escola onde se desenvolveu a pesquisa empírica com os alunos e professores foi denominada pela autora de Escola de Ensino Supletivo A, este dado será melhor explicado no capítulo referente a metodologia.

¹⁴Segundo Informações Estatísticas da SEC/RS- Rede De Ensino Estadual- PROCERGS (03/2000), existem 2914 estabelecimentos de ensino fundamental regular na rede de ensino estadual e apenas 717 estabelecimentos de ensino médio. E o Município trabalha basicamente com Ensino Fundamental. Estes dados demonstram que a oferta de Ensino Médio na esfera pública é insuficiente.

“O ensino regular, principalmente no diurno, ele é um pouco mais puxado, né, e aquele aluno que tem pressa de fazer as coisas, até porque ele já rodou, não avançou, tá com uma idade um pouquinho maior, tal né, aí ele se preocupa, ‘bom vou pra de noite’, porque normalmente os supletivos são à noite, então dá possibilidade pra ele trabalhar durante o dia e vir de noite e acelerar aquilo que ficou defasado, que ficou lá atrás. Se bem que podem entrar outros fatores, né, mas acontece por exemplo, do aluno ser levado pela sua história a procurar uma facilidade, e aí entra a gurizada, se junta e ‘oh, vamo pro supletivo, vamo pro supletivo, vamo pra noite!’ E outra coisa importante também, poucas escolas de 2º grau de ensino regular a noite, né, nós temos aqui, o próprio SEJA aqui, formou uma turma agora na metade do ano e a maioria não conseguiu colocação. Temos aqui a escola estadual X que abriu à noite, mas são poucas vagas. E aí por outro lado tem a história da escola particular, né, que abriu uma grande possibilidade e as pessoas vislumbram isso aí, entra um dinheiro fácil, e a clientela é grande e outra coisa que é importante, a idade inicial do aluno, eles admitem o aluno pro supletivo 1º grau aos 14, 15 anos, né, 2º grau com 18 anos, a lei permite, a lei é permissiva nesse ponto. O cara precisa trabalhar, não quer deixar de estudar, de noite é mais fácil, e tem a possibilidade ainda de reduzir o tempo de estudo pra terminar sua escolaridade, bah! é barbada, é um abraço” (Júlio, Diretor da noite de uma escola municipal/SEJA).

Os professores do ensino supletivo se deparam diariamente com jovens que possuem um histórico de repetência, de abandono da escola, desmotivados com a instituição e com eles próprios. Na maior parte das vezes atribuem exclusivamente a si um fracasso que não é só deles. O problema é que tal fato pode constituir-se num entrave para um possível sucesso escolar.

É importante ouvirmos este jovem excluído da escola ‘regular’. Fala esta freqüentemente interdita pela escola, pelos professores e

muitas vezes pelos próprios colegas¹⁵. É necessário (re)significarmos o lugar “simbólico” dos alunos do supletivo e superarmos o rótulo de fracassados que freqüentemente a comunidade escolar os impõe, e retomar com eles sua posição de sujeitos no processo educativo.

“Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar” (Freire, 1998, p.46).

Reconhecer que esses jovens possuem capacidades individuais e criativas faz com que eles adquiram novamente um sentimento de pertença ao espaço escolar, perdido na maioria das vezes, ao ingressarem no ensino supletivo. Esta perda ocorre freqüentemente, devido a um sentimento de inferioridade advindo de diversas repetências, de históricos de violência, de expulsão da escola ‘regular’, do envolvimento com drogas, do abandono da família entre outros fatores.

O objetivo desta pesquisa é conhecer alguns dos motivos que levam, a cada ano, um número maior de jovens a optarem por esta modalidade de ensino. Conhecê-los é fundamental para que possamos entender o rejuvenescimento desta população. Para tanto, foi preciso ouvir densamente alguns desses jovens, conhecer um pouco da sua vida, seu espaço social, seus interesses, sua trajetória escolar, seu estilo de vida, e assim entendermos sua opção pelo ensino supletivo.

¹⁵ “Os excluídos terão o que dizer- e o que escrever- se encontrarem quem os escute. E se farão escutar, se descobrirem que podem dizer a sua palavra” (Craidy, 1998, p. 75).

Ouvir esses jovens, conhecer suas histórias foi importante para que outros olhares sobre esta realidade pudessem se constituir. Desmistificando idéias pré-concebidas e rótulos que freqüentemente a eles são dirigidos e conseqüentemente estendidos ao ensino supletivo, “naturalizando” este espaço como um local de alunos fracassados, atrasados, inferiores, entre outros adjetivos. A sociedade, a mídia e, muitas vezes, a própria comunidade escolar impõe estes rótulos a estes alunos, aqui identificados por jovens que não lograram concluir seus estudos nos padrões definidos pela escola ‘regular’.

2.1 O Significado da Escuta no Ato Pedagógico

Certo dia enquanto meus alunos faziam alguns exercícios, lembrei de minha escola, na época chamada primária, e de cenas em sala de aula, não tive a preocupação de localizá-las com precisão no tempo. Detive-me em momentos que, à primeira vista, poderiam parecer insignificantes. Todos uniformizados, sentados um atrás do outro, sem poder falar, quase sem nos mexermos. A professora em pé à nossa frente, um sentimento mesclado de amor e medo. Meus pensamentos se voltaram para o pátio, para as brincadeiras, para as filas antes de entrar, dos momentos em que cantávamos o Hino Nacional, que naquela época era freqüente no ambiente escolar. A sensação mais forte que senti, naquele momento foi de uma saudade gostosa.

Refletindo sobre estas memórias tenho a sensação de que aquela escola tinha por objetivo formar futuros cidadãos praticamente

iguais, lhes dariam somente o direito de escolher a profissão, que por certo seria para toda a vida, dependendo, talvez, das condições de cada um. Para alguns isto também já estava determinado. Então o que lhes restaria? Suprimir seus desejos, calar sua voz, serem obedientes e passivos. Enfim queriam transformar diferentes em iguais. Esta é a idéia que estas lembranças me trazem.

Vivíamos em outra época, tínhamos poucas informações, apesar de morarmos na capital do Estado. Não nos deixavam discutir, questionar. Assim levávamos as nossas vidas, de certa maneira felizes e vivendo aquele momento.

O conjunto de mudanças sócio-culturais nestes últimos trinta anos aponta alterações significativas neste contexto. Nossos jovens, a maioria, têm acessos à televisão, muitos aos computadores; a liberdade na família e na escola é bem maior, o acesso à cultura foi ampliado. De posse destes saberes, acredito que a escola atual precisa rever conceitos e posicionamentos, pois nos parece que ela não está satisfazendo mais as expectativas de muitos dos nossos jovens.

Precisamos repensar o espaço escolar e desta maneira agirmos para mudar aquilo que não serve mais, que não acrescenta muito e trabalharmos na construção de novas relações entre os sujeitos que ocupam este espaço.

“A re-significação da escola só pode existir por obra de todos os interessados. Certamente não há um modelo, gestam-se no cotidiano experiências de superação dos ‘novos’

obscurantismos que vale a pena identificar e conhecer. A palavra dita, a insatisfação explicitada, o encontro construído entre alunos, pais, educadores, trabalhadores da educação podem ser elementos que fecundem estes tempos de viver e estes espaços de educar” (Moll, 1999, p.22).

Segundo Paulo Freire, educadores e educandos se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato pedagógico, desvelando-a, conhecendo-a criticamente e recriando-a. Nós, educadores, precisamos refletir sobre como nossas aulas são orientadas e dirigidas. Precisamos ouvir nossos alunos, dar-lhes voz, incentivar e propiciar que participem do processo pedagógico. Se abandonarmos a idéia do diálogo, da reflexão, da comunicação caímos no dirigismo.

É preciso que a voz de nossos alunos seja respeitada, mas também é preciso ouvir os professores, pois estes, muitas vezes, são silenciados, por equipes diretivas autoritárias, imediatistas, e, no caso do ensino privado, muitas com um caráter somente empresarial. *“A educação reflete a estrutura do poder, daí, a dificuldade que tem um educador dialógico de atuar coerentemente numa estrutura que nega o diálogo”* (Freire, 1974, p.71). Em espaços onde a palavra é interdita, alunos e professores tendem a distanciar-se, com este distanciamento, o diálogo fecundo e generoso pode desaparecer. Desaparecendo o diálogo, nos sobrarão apenas a possibilidade de um ensino frio e autoritário. O que poderemos encontrar na televisão, no computador, na internet. Mas nunca em uma sala de aula.

“O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (Freire, 1998, p.154).

Paulo Freire quando fala em sujeitos da educação (educador-educando), ele reconhece no educando um sujeito da sua própria educação e não um mero objeto, ou apenas um receptor de conhecimentos, respeitando os direitos do outro e vivenciando no espaço escolar um ambiente de exercício da liberdade.

É importante que na sala de aula saibamos escutar, que juntos, tenhamos nossa fala respeitada, a opinião nossa e do outro sejam consideradas; que o ambiente escolar nos ensine a viver com o outro, respeitando-o e sendo respeitado. A fala no nosso cotidiano é muito valorizada, todos exigem o direito de exercê-la, nos comunicamos com o outro a partir dela, nos diferenciamos das outras espécies animais pela facilidade com que a adquirimos, pela articulação de idéias, pela possibilidade de reflexão que faz com que possamos pensar antes de falar. Entretanto, é necessário salientar a importância da escuta, que é diferente de um simples ouvir.

Acredito que a escuta que faz com que o diálogo exista, seja aquela que, mais do que respeito pela fala articulada, seja carregada de amor e cuidado. Boff (1999, p.33) nos diz: "*cuidar é mais que um ato; é uma atitude de envolvimento afetivo com o outro*". Escutar é mais que ouvir é tentar, pela fala do outro, entendê-lo na sua inteireza, é prestar atenção nos seus gestos, nos momentos em que sorri ao lembrar de algo ou de tristeza pela dor que aquelas palavras causam. É prestar atenção nas emoções que as palavras suscitam, como alterações de vozes, sensação de conforto ao dizê-las. Escutar é construir juntos um diálogo prazeroso, é sem dúvida um ato de amor.

A escuta generosa é aquela que não se detém somente no momento da fala, mas leva em conta o entorno; a chuva lá fora, a data em que está sendo dita, o horário, a dor, o cansaço ou a alegria do outro. A escuta não compreende só a audição, ela engloba outros sentidos “*o tato, o gosto, a visão e o olfato precisam ser desenvolvidos na escuta sensível*” (Barbier, 1993, p. 212).

O professor que trabalha numa escola de ensino supletivo precisa estar aberto para um ouvir mais personalizado. Levar em conta a idade do aluno, sua situação financeira, seus sonhos, seus medos, sua posição de filho(a), de neto(a), de pai, de mãe, de esposo(a) para poder compreender a sua fala.

Para entender esses jovens foi preciso ‘afinar’ os ouvidos para uma escuta que René Barbier (1993, p.212) chama de sensível e explica muito bem quando diz “*a atitude requerida pela escuta sensível é a de uma abertura holística. Trata-se de entrar numa relação com a totalidade do outro, considerado em sua existência dinâmica. A pessoa só existe pela atualização de um corpo, de uma imaginação, de uma razão, de uma afetividade em interação permanente*”. Por isso me propus, nesta pesquisa, a ouvir com cuidado os jovens que se constituíram como seus sujeitos, para entendê-los melhor e compreender os motivos que fizeram com que optassem pelo ensino supletivo, pois ficou claro que eles estão precisando ser ouvidos e que, tão importante quanto a competência do professor ao transmitir o conteúdo em sala de aula, é a sua postura afetiva e de respeito, pois só assim o ambiente escolar será um lugar onde o aprender seja prazeroso, o saber importante e a escola tenha algum sentido nas suas vidas.

3 NOS CAMINHOS DA PESQUISA – A METODOLOGIA

Conforme já afirmei, o ensino supletivo, no caso específico deste estudo, oferecido pela rede privada, recebe a cada ano um contingente maior de jovens e adolescentes¹⁶. A categoria jovens¹⁷ ou juventude não é fácil de definir¹⁸ e precisamos considerar que este foi um tema praticamente esquecido a partir dos anos 60 até os anos 80.

Este silêncio também se fez na área educacional, e talvez ele possa ser explicado, pois os jovens foram os atores principais da recusa ao regime autoritário instalado nos anos sessenta. Desta maneira, era de se esperar que esta categoria fosse esquecida. Entretanto, com a

¹⁶ Esta pesquisa se propôs a estudar somente a categoria Jovens, alunos de 18 a 25 anos.

¹⁷ Para Sposito (1996, p.98), “*ser ou não ser considerado jovem depende de circunstâncias históricas determinadas, como é o caso, por exemplo, de algumas estatísticas de países europeus na atualidade, que consideram jovens os indivíduos que possuem até 29 anos*”. O prolongamento da escolaridade nas sociedades mais avançadas e o aumento no período de convivência com a família seriam os fatores determinantes para o aumento na faixa etária dos jovens.

¹⁸ Martins (1997, p. 99) pergunta: “Afimal, até aonde se estende a juventude? Quando o jovem deixa de ser jovem? E nos diz: “esclareço que entendo por jovens aqueles que estão compreendidos na faixa etária que se estende dos 15 aos 25 anos. O problema maior na definição do jovem concentra-se, a meu ver, no limite superior da faixa. Segundo a OIT, o corte seria aos 24 anos, sendo que a denominação de adolescentes abrangeria aqueles que têm entre 15 e 19 anos e a de jovens os de 20 a 24 anos” (Madeira,1996; apud Martins 1997).

abertura política iniciada nos anos oitenta e com a volta da democracia, ela reaparece nos debates e discussões.

“Parece que os sujeitos – os jovens- , após os “Anos Rebeldes”, se tornam invisíveis, não só enquanto atores, mas como tema capaz de suscitar o interesse da reflexão teórica. Inicialmente reintroduzido pela mídia, o jovem reaparece como sujeito de investigação nas Ciências Sociais, no final da década de 80, aqui no Brasil, após um período de silêncio” (Sposito, 1996, p.98).

No Brasil, segundo dados estatísticos, os jovens seriam aqueles indivíduos entre os 17 e 25 anos (Sposito,1993). Esta denominação estaria ligada, principalmente, a dependência financeira à família e a inserção no mercado de trabalho. Melucci (1997, p. 13) problematiza esta questão nos dizendo:

“A natureza precária da juventude coloca para a sociedade a questão do tempo. A juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica. As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade. Revela-se pelo modelo da condição juvenil um apelo mais geral: o direito de fazer retroceder o relógio da vida, tornando provisórias decisões profissionais e existenciais, para dispor de um tempo que não se pode medir somente em termos de objetivos instrumentais”.

Neste contexto nos foi dado perceber que não existe uma definição rígida sobre esta categoria. Entretanto, para a realização da pesquisa, a idade mínima dos jovens não poderia ser menor que 18 anos,

pois eles são alunos de um curso de ensino médio de uma escola de ensino supletivo privada. Segundo a lei¹⁹ vigente, a idade mínima para o ingresso dos jovens neste curso é de 18 anos.

Para conhecer melhor os jovens que freqüentam, hoje, esta modalidade de ensino e assim entender algumas das causas do rejuvenescimento desta população foi necessário percorrer vários caminhos para que este fenômeno se traduzisse em falas, dados, registros na literatura, em tabelas e lentamente o que antes era apenas uma constatação empírica, advinda da minha experiência de 13 anos na educação supletiva, começava então a tornar-se mais visível.

Esta pesquisa desenvolveu-se basicamente com jovens de uma escola particular de ensino supletivo, entretanto, para que em dados e informações a pesquisa não ficasse restrita em âmbito privado, pois teria uma visão parcial desta realidade, foram pesquisados outros espaços na esfera pública estadual e municipal que oferecem Educação de Jovens e Adultos na cidade de Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. Nestes espaços adquiri documentos com dados estatísticos pertinentes à pesquisa. Registrei depoimentos relevantes e informações sobre projetos desenvolvidos nesta área, através de entrevistas com os professores, coordenadores e equipe pedagógica destes espaços. Este momento do trabalho teve por objetivo principal dar suporte comparativo e estatístico à pesquisa.

¹⁹ A nova LDB sob o nº. 9394/96, no que se refere a Educação de Jovens e Adultos determina que a idade mínima para o ingresso no ensino supletivo fundamental e médio é de 15 e 18 anos respectivamente.

A pesquisa com os alunos desenvolveu-se em uma escola privada de ensino supletivo, denominada nesta dissertação, de Escola de Ensino Supletivo A, situada no centro da cidade de Porto Alegre. Para tanto foi escolhida uma turma, denominada aqui de Turma K, turno manhã, turma de etapa final do Ensino Médio.

Para entender melhor os jovens que constituíam esta turma, em um primeiro momento, foram programados seis encontros, onde seriam discutidos temas ligados a vida escolar deles e assuntos pertinentes à realidade e ao momento atual da juventude. Por problemas de disponibilidade de tempo, em função de feriados, outras atividades e necessidades da própria turma, os encontros se reduziram a cinco. Cada encontro contou com um tema específico²⁰, entretanto convém salientar que durante todo o primeiro semestre de 2000, eu estive várias vezes, de maneira informal com a turma, nas diversas atividades realizadas pelos alunos como: palestras, ensaios, apresentação de atividades desenvolvidas pela turma, conversas fora do horário normal de aula, bem como em contato constante com seus professores.

Foram organizados também momentos com a turma, onde a pesquisadora se restringiu à posição de observadora; um outro encontro de diálogo com os alunos para a devida explicação sobre a pesquisa e a participação dos alunos nos encontros. Esta conversa inicial foi programada com o objetivo de aproximar os alunos da pesquisadora e fazer com que eles tivessem interesse pela pesquisa na qual seriam sujeitos.

²⁰ Segundo sugestão da Profa. Dra. Marília Sposito, "criar situações de discussão em torno de temas que pudessem ajudar a cair as máscaras que todos vestimos, sobretudo os jovens, para sobreviver às dificuldades e às agressões da vida".

Esta conversa inicial foi importante, pois era necessário cativá-los, mostrar que esses encontros poderiam ser momentos prazerosos e de troca de saberes. Era fundamental que eles achassem relevante o tema e que fosse interessante para eles a discussão, pois sem esse engajamento o trabalho perderia o valor e seria praticamente impossível de realizá-lo.

O jovem do ensino supletivo, em geral, acha que já perdeu muito tempo, e não quer perder mais. Estes alunos valorizam o tempo atual, dedicado à escola, pois sua trajetória escolar foi permeada por reprovações, por períodos de ausência escolar por vários motivos, enfim por descontinuidades e rupturas²¹ neste processo.

Neste pouco tempo que eles têm para concluir o Ensino Médio²², eles não aceitam com facilidade que outro professor, não o da disciplina, interrompa a seqüência normal das aulas para tratar de assuntos, que eles acreditam que não sejam didáticos ou úteis para a realização de um vestibular ou concurso. De posse desses conhecimentos, nossa postura teria de ser de convite a um trabalho em conjunto e gratificante para ambos. Principalmente nesta turma de etapa final, onde a maioria cita o vestibular e principalmente o ensino superior como objetivo relevante em suas vidas; ocupar três períodos por mês, tempo formal dedicado à pesquisa empírica com a turma, para tratar de assuntos que, explicitamente para eles, não fossem didáticos, era uma tarefa delicada.

²¹ Descontinuidades estas que podem ser traduzidas aqui, por abandono à escola de um ou dois anos, por reprovações freqüentes, por ausências escolares em função de problemas familiares, sociais ou econômicos. As rupturas seriam marcadas por situações extremas vividas por estes jovens de forma trágica e que, em geral, os retira da rota escolar por problemas pessoais graves ou grandes traumas que a escola tenha deixado neles.

Esta empatia inicial era importante, pois esses jovens possuem uma autonomia um pouco maior do que na escola 'regular', no que se refere à presença, a entrar e sair da sala de aula, desde que controlem e assumam suas faltas. O não interesse pelo trabalho proposto poderia fazer com que muitos alunos não participassem dos encontros.

Os encontros foram marcados pela coordenação da escola para os últimos períodos de sexta-feira, nas aulas da professora de Português. Vários fatores são delicados neste ponto. Primeiro, os últimos períodos sempre deixam os alunos mais agitados; segundo, na sexta-feira esta agitação é maior ainda, pela proximidade do final de semana e terceiro, a disciplina de Português é considerada muito importante para quem vai fazer vestibular ou realizar concursos.

Depois de explicada a pesquisa, o diálogo foi muito bom, eles participaram, fizeram perguntas, mostraram interesse e os encontros posteriores foram acontecendo de uma maneira tranqüila. Foram planejados cinco temas a serem discutidos. Para cada um foi planejada uma dinâmica diferente. Os temas eram relacionados a escola, ao cotidiano deles e a realidade atual dos jovens. O objetivo maior era entender seus comportamentos, suas vivências e sua escolha pelo ensino supletivo. Os temas específicos trabalhados em cada encontro foram: Escola, Violência, Sexualidade, Drogas e Juventude.

Apesar de trabalhar com toda a turma nos encontros, foram escolhidos seis jovens para ouvi-los mais densamente, dois rapazes e

²² Esta turma é de concluintes do Ensino Médio.

quatro moças. Além desses encontros, foi possível acompanhar os alunos em atividades extra-classe organizadas pela escola (palestras, filmagens, apresentação de trabalhos e projetos realizados pelos alunos).

A escolha dos seis jovens²³ pautou-se em critérios de: gênero (moças e rapazes), etnia (negros e brancos), idade (entre 18 e 25 anos), naturalidade (campo e cidade), escola de origem (pública e privada), tempo de afastamento dos estudos (situações diferenciadas quanto ao tempo).

É importante registrar que, inicialmente o objetivo era trabalhar com quatro jovens, só que uma aluna que era considerada importante na pesquisa, por ser do interior, já que a maioria é da capital, por ter sido retirada da escola pela mãe e não por sua vontade, teve problemas de saúde durante o semestre, faltou em alguns encontros e diante de uma possível impossibilidade de mantê-la na pesquisa, optamos por acrescentar mais duas jovens. Apesar destes problemas, muito comuns na realidade do supletivo, a colaboração desta aluna para com a pesquisa foi muito importante nos encontros em que compareceu, além do que, ela já fazia parte deste trabalho desde a elaboração do projeto.

Em contrapartida, duas jovens que de início não seriam ouvidas mais densamente, mostraram tanto interesse pelo projeto, em participar de nossas conversas fora da sala de aula e suas contribuições eram tão relevantes que foram se tornando fundamentais na pesquisa. Desta maneira, a escolha foi ampliada para seis jovens.

²³ Foram ouvidos mais densamente seis jovens, mas como a pesquisa contou com a participação de toda a turma, os depoimentos não se restringiram só a estes jovens. Dessa maneira, para o leitor poder identificá-los melhor, eles foram denominados de: Alberto (24 anos), Alexandre (21 anos), Angela (23 anos), Helena (23 anos), Leila (19 anos), Lúcia (22 anos).

O número maior de moças foi decorrente de uma maior disponibilidade delas, em relação ao tempo livre, em participar da pesquisa, pois ouvir mais densamente esses jovens, exigiria deles permanecer na sala de aula após o horário normal para conversas, entrevistas, gravações e entregar material escrito.

Foram escolhidos poucos jovens para estudar mais detalhadamente e aprofundar a compreensão de suas trajetórias singulares, pois o objetivo era trabalhar com eles, sem esquecer o entorno e suas relações com os outros alunos, até porque durante os encontros todos os alunos da turma participavam. Neste sentido os depoimentos dos jovens não se restringiram somente aos seis alunos ouvidos mais densamente, mas de toda a turma pesquisada. Os encontros possibilitaram a produção permanente de um *diário de campo* onde foram registrados fatos que colaboraram na análise posterior dos dados.

“Cada investigador registra sus observaciones en un diario personal. Este diario no es una acumulación de notas, es una relación que, por sí misma, comporta una rememoración en cadena de hechos registrados inconscientemente. Además, la anotación, acompañada de añadidos subjetivos (impresiones, sentimientos) ofrece a la mirada exterior, que puede ser una segunda mirada del propio observador, una materia que permite eludir la relación observador-fenómeno, es decir, elucidar el problema clave de todo esfuerzo de objetivación: la pareja sujeto-objeto de la investigación” (Morin, 1995, p.194).

Foram entrevistados, também, sete professores desta turma e dois professores da escola mas não da turma K e a equipe pedagógica da

mesma. A maioria das entrevistas foram individuais, mas em algumas participaram dois ou três professores na mesma sala. Da mesma forma aconteceu com os alunos. A maior parte das entrevistas deu-se individualmente, mas em alguns momentos, a conversa foi gravada em grupo.

Fora da escola foram entrevistados representantes de outras instituições na área da Educação de Jovens e Adultos, como da DEJA (Divisão de Educação de Jovens e Adultos na esfera estadual), do SEJA (Serviço de Jovens e Adultos na esfera municipal), do CMET (Centro Municipal dos Trabalhadores Paulo Freire – municipal) e do SINPRO (Sindicato dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul- na esfera privada). Também foram coletados dados, através da secretaria de uma escola da rede municipal, entrevistados seus professores e o diretor da noite e uma entrevista com uma diretora de uma escola estadual ‘regular’.

Todo este trabalho de coleta de dados e posterior análise serviu de base para um entendimento maior sobre o fenômeno do rejuvenescimento da população do ensino supletivo, confirmando algumas posições já consagradas, mostrando novos caminhos, propiciando novos questionamentos e, principalmente, permitindo conhecer melhor este universo que cresce a cada ano.

De posse de um significativo material qualitativo, fruto destes encontros, de uma pesquisa baseada em dados estatísticos e principalmente, a partir do estudo da trajetória escolar, da situação atual e dos sonhos e projetos de seis jovens do ensino supletivo privado, foi possível entender como, *“na trajetória histórico-estrutural e social de um determinado grupo, os indivíduos lutam, vivem, sofrem, pensam e se*

tornam partes constitutivas e operantes de uma história humana e da sua estruturação sociológica” (Marre, 1991, p.90).

As entrevistas com os alunos e com os professores foram fundamentais, pois segundo Queiroz (1988) esta forma de investigação está presente em todas as formas de coleta de relatos orais, pois implica sempre um colóquio entre pesquisador e narrador. Segundo a autora, gravar algumas conversas é importante, pois o relato oral, apresenta-se como técnica útil para registrar o que ainda não está cristalizado em documentação escrita, o não conservado, o que desaparece se não for anotado; servirá, pois para captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível.

Enfim, tentar produzir um *inventário*²⁴ que permitisse entender estes jovens na sua singularidade e nos aspectos mais significativos de sua trajetória escolar. Construir elos de ligação entre o cotidiano atual dos jovens e o seu passado, nos pareceu pertinente para que pudéssemos entender como chegaram ao ensino supletivo e o que esta experiência escolar representa em suas vidas.

“É preciso notar logo que o material a ser recolhido está relacionado, sem dúvida, com os indivíduos que vão compor o campo a ser investigado, mas, igualmente, com a validade, a extensão e qualidade dos testemunhos qualitativos a serem coletados” (Marre, 1991, p.111).

²⁴ “Na pesquisa nas escolas, utilizamos “inventários de saber” e entrevistas semidirigidas aprofundadas. O inventário de saber é um instrumento que inventamos e fomos melhorando pouco a pouco. A idéia básica é fazer um inventário de saber, assim como se faz um checkup de saúde...”(Charlot, 1996, p. 51).

A análise de documentos, os relatos orais, os depoimentos por escrito, as entrevistas, a elaboração de um diário de campo, a observação de tudo o que acontecia, constituíram o material necessário para o desenvolvimento da pesquisa. Para Cláudia Fonseca, “*o pesquisador que se limita à entrevista gravada terá uma visão muito restrita do mundo de seus informantes*”(1998, p.108). Cada depoimento, cada gesto, cada dado foi de grande valia para entendermos o universo delimitado e os jovens que ali se encontravam.

3.1 Focalizando o Campo de Estudo

O rejuvenescimento da população que frequenta o ensino supletivo, principalmente no campo do ensino privado, vem chamando a atenção dos educadores que trabalham nesta área, pois observa-se que esta alternativa esta sendo cada vez mais procurada para a conclusão dos estudos do Ensino Fundamental e Médio²⁵ de adolescentes e jovens, na faixa dos 14 aos 25 anos e das mais diferentes classes sociais²⁶.

Na escola onde se desenvolveu a pesquisa, por se tratar de uma escola privada de ensino supletivo, foi observado que o problema maior

²⁵ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº.9394/96, determina no artigo 21, que a educação escolar compõem-se de: I- Educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; e II - ensino superior. O Ensino Fundamental corresponde às oito séries iniciais de estudos numa escola ‘regular’ (correspondente ao antigo 1º grau). O Ensino Médio (corresponde ao antigo 2º grau) e é realizado após a conclusão do Ensino Fundamental.

²⁶ É importante salientar que existe um pensamento ‘naturalizado’ que pretende demonstrar que são somente os alunos das classes populares e das escolas públicas que frequentam o ensino supletivo. Este estudo se propõe, também, a desmistificar esta naturalização.

dos jovens que ali se encontravam, não era financeiro, apesar de que, muitos deles apresentavam carências neste aspecto²⁷.

Conhecer a trajetória escolar dos seis jovens que foram ouvidos mais densamente e dos outros jovens que constituíam a turma pesquisada, bem como de seus professores foi fundamental para que pudéssemos conhecer alguns motivos que os fizeram optar pelo ensino supletivo e conseqüentemente conhecer as possíveis causas do rejuvenescimento desta população.

Vários questionamentos foram sendo formulados no transcorrer desta caminhada. Entre eles podemos citar: Por que existem tantos jovens nas salas de aula dos cursos de ensino supletivo? Por que estes jovens desistiram ou abandonaram a escola 'regular'? Quais são os projetos e serviços oferecidos pelo sistema público, no que se refere a Educação de Jovens e Adultos? Qual é o peso da reprovação neste fenômeno? Quais foram os principais fatores que interferiram no momento da escolha por esta modalidade de ensino? Os fatores econômicos são os mais determinantes? Os fatores cognitivos são os que mais interferem? Qual é o peso dos problemas familiares e pessoais na trajetória escolar destes jovens? Recuperar o tempo perdido é fundamental neste contexto? Existe realmente um desencanto dos jovens pela escola 'regular'?

Todas estas questões foram problematizadas neste estudo, pois não seria possível analisarmos o fenômeno do rejuvenescimento da

²⁷ Carências estas traduzidas pela falta, eventual, de dinheiro para a passagem do ônibus, para fazer um lanche ou mesmo para a compra de algum pequeno material escolar.

população que frequenta esta modalidade de ensino só por um ângulo, os fatores emocionais, culturais, sociais e cognitivos foram considerados. Não podíamos limitar nosso olhar somente sobre as questões econômicas ou políticas, foi necessário considerarmos vários aspectos ou pelo menos a relação entre eles.

A escola desde a sua gênese até os nossos dias, não modificou muito as suas práticas pedagógicas, e talvez, também por isso ela se encontre em crise. Na maioria de nossas escolas, sejam elas públicas ou privadas, os alunos ainda são obrigados a decorar longos textos, a disposição das cadeiras é a mesma na maioria das escolas, o discurso dos professores muitas vezes é o mesmo após muitos anos de magistério. Muitas vezes encontramos professores que não conseguem um diálogo franco e aberto com seus alunos. Esta dificuldade de relacionamento é consequência de uma cultura autoritária ainda hoje presente em nossa sociedade. A cultura do diálogo é nova.

O aluno quer ser ouvido, quer opinar. O aluno só ficará calado em sala de aula se esta não lhe suscitar nenhuma reação, se o que ele aprende não lhe causar nenhum interesse. O aluno, tanto da escola 'regular' quanto à de ensino supletivo, nem sempre vai à aula somente para cumprir uma obrigação ou a procura de um diploma.

Não podemos esquecer que os professores também sofrem com as más condições, da maioria das escolas públicas, com os baixos salários, tanto da rede pública quanto da rede privada, com turmas lotadas, com a falta de apoio pedagógico e, muitas vezes, com carga horária excessiva. Todos estes fatores devem ser considerados no processo escolar.

Apesar dos problemas enfrentados, a escola é almejada por todos, a criança fora da escola é discriminada, o jovem ou o adulto sem estudo não conseguem colocações satisfatórias no mercado de trabalho. A escola ainda apresenta-se como possibilidade de promoção social. Percebe-se que apesar de todas as problemáticas desta instituição, ela possui um lugar de destaque e é valorizada socialmente.

O ensino supletivo, principalmente o privado, deve ser analisado com cuidado. Reconhecemos que muitos são os fatores que atraem os jovens para esta modalidade de ensino, principalmente no que diz respeito a agilidade e rapidez na conclusão dos cursos, no convívio mais direto com a diferença²⁸, na flexibilidade de seus horários e currículos. Na liberdade, um pouco maior, do que nas escolas 'regulares', no que diz respeito à postura e à fala do aluno e do professor em sala de aula.

Em contrapartida, não podemos esquecer que muitos destes estabelecimentos privados só visam o lucro sem o necessário comprometimento com o saber e que existem saberes que prioritariamente na escola pode-se aprender. Muitas vezes a carga horária destas escolas é reduzida e os alunos perdem muito em termos de possibilidades de conhecimento.

Esta realidade nos faz refletir sobre o momento atual, sobre o futuro da educação no Brasil e sobre a nossa responsabilidade como educadores. O papel do educador nesta modalidade de ensino é extremamente importante, pois estes jovens possuem um histórico

²⁸ No que se refere a classe, a etnia, a idade, a cultura, entre outros fatores.

escolar permeado por problemas, não só no campo cognitivo, mas no campo social, econômico e emocional. Observou-se nas entrevistas que estes alunos procuram um professor mais acessível ao diálogo e atento às suas dificuldades²⁹.

Em relação a estes alunos produz-se, genericamente, um olhar traduzido em chavões que deprecia o aluno, consolidando desta maneira uma visão negativa sobre o ensino supletivo: "aluno de supletivo não gosta de estudar"; "não gosta de seus professores"; "não tem interesse pelo saber"; "os professores são pouco qualificados". Em conversas com os jovens em sala de aula, percebe-se muito carinho destes alunos por seus professores e muitos deles, poder-se-ia dizer a maioria, quando provocados respondem positivamente às expectativas quanto ao ato de aprender.

Segundo a fala dos professores, aqui registrada, trabalhar com esses alunos exige que o professor possua um perfil mais flexível, ele deve estar atento às dificuldades de cada um, precisa manter um diálogo constante com os alunos, o que na opinião dos professores entrevistados, facilita a organização e o bom entendimento entre todos em sala de aula, já que muitos desses jovens possuem um histórico anterior de indisciplina no ambiente escolar.

²⁹ Estas dificuldades ou 'incapacidades' na aprendizagem, que a escola formal muitas vezes classifica como biológicas, naturais, individuais escondem o descaso das políticas públicas no que se refere as questões sociais e educacionais. "As crianças que não aprendem na escola são consideradas portadoras de déficits mentais, sensoriais ou neurológicos, com problemas de ordem perceptual, motora, lingüística, afetiva e intelectual" (Moll, 1999, p. 37). Além desta abordagem psicologicista que tenta explicar o insucesso escolar destes alunos, existe uma abordagem biologicista que tenta relacionar o 'fracasso escolar' com disfunções biológicas e de desnutrição. "Este escamoteamento se dá sob uma 'visão medicalizada', que busca causas biológicas e respostas médicas para uma questão social e educacional" (Moll, 1999, p. 41).

Percebe-se, através da convivência com estes jovens, que quando eles chegam ao supletivo, em geral, estão desgastados, desmotivados, com histórico de repetência de um, dois, três anos ou mais, e necessitando que o professor lhes ajude a recuperar a auto-estima na sala de aula e, muitas vezes, na sua vida particular.

O papel do professor em todo este processo é complexo, pois muitos jovens sentem-se perdidos diante da realidade atual no que se refere ao saber, em relação ao emprego e à importância do estudo para a sua vida e inserção no mercado de trabalho. Os jovens muitas vezes nos dizem: "professora sem estudo a gente não consegue nada, mas com ele será que a gente vai conseguir"?

Esta pergunta demonstra desconfiança, instabilidade e falta de perspectiva no futuro, decorrente, principalmente, do modelo político e econômico atual. A maioria dos jovens não acredita mais nas promessas de mobilidade social e econômica que a modernidade tão bem propalou e que as primeiras gerações do século XX acreditavam. Hoje eles sabem que é preciso correr atrás das poucas oportunidades que o mercado de trabalho lhes oferece, isto se quiserem um lugar neste espaço cada vez mais competitivo. Giroux (1996, p.72), nesta citação, define muito bem as angústias e medos da juventude atual.

"A programada instabilidade e a transitoriedade difundida de forma característica entre os jovens da faixa etária de 18 a 25 anos estão inseparavelmente ligadas a um grande número de condições culturais pós-modernas

constituídas pelos seguintes pressupostos: uma perda geral da fé nos discursos modernos do trabalho e da emancipação; o reconhecimento de que a indeterminação do futuro justifica lutar e viver das esperanças imediatas; o reconhecimento de que o estar sem lar como condição de aleatoriedade tem substituído a segurança, se não a falsa representação do lar como fonte de conforto e segurança, uma esperança do tempo e do espaço como comprimidos e fragmentários dentro de um mundo de imagens que cada vez mais corroem a dialética da autenticidade e do universalismo”.

O mercado de trabalho instável, as relações familiares freqüentemente fragilizadas, a falta de confiança no futuro são fatores que perturbam esses jovens, muitas vezes atirando-os às drogas, motivando-os a comportamentos de violência ou a uma atitude de apatia e desânimo.

Segundo Melucci (1997), considerando a perspectiva temporal do jovem e do adolescente, o momento atual tornou-se menos previsível, tudo dependerá da escolha de cada um. Nas sociedades do passado, a incerteza em relação ao futuro, em geral, era resultante de eventos aleatórios e incontroláveis (epidemias, guerras, colapsos econômicos), raramente envolvia a posição de cada um; seu nascimento e seu contexto familiar e social eram determinantes. Atualmente a juventude convive com a incerteza, com medos e com uma certa descrença no futuro.

A adolescência, na qual a infância é deixada para trás e os primeiros passos são dados em direção à fase adulta, inaugura a juventude e constitui sua fase inicial. Esta elementar observação é suficiente para ilustrar o entrelaçamento de planos temporais e a importância da dimensão do tempo nesta fase da vida” (Melucci, 1997, p.8).

Entretanto, Melucci nos aponta para outros questionamentos, pois para ele a adolescência é quando o indivíduo percebe o futuro e este futuro se apresenta cheio de possibilidades, já que para ele *“a adolescência é a idade em que a orientação para o futuro prevalece e o futuro é percebido como apresentando um maior número de possibilidades”* (1997, p.9).

“Ser jovem é ser eterno, é ser lembrado com carinho. Jovem é a melhor fase para aprender ou talvez ensinar. É ter a visão de uma vida futura, é o começo de uma vida futura. Meu projeto é trabalhar duro para oferecer condições boas para a minha família” (Alexandre, 19 anos).

Todos estes aspectos são importantes na vida dos jovens, e como a escola nesta fase é um espaço de grande significação para eles, ela precisa ser analisada com cuidado e com rigor para que possamos entender o quanto a escola ‘regular’ e a de ensino supletivo representa na vida deles. A escola chega ao final do século XX com algumas certezas, muitas dúvidas e procurando o melhor caminho.

4 A MODERNIDADE E A ESCOLA

Sabendo que os jovens que freqüentam o ensino supletivo construíram a sua trajetória escolar fora dos padrões definidos pela escola 'regular' e que este número cresce a cada ano, é pertinente nos questionarmos acerca do que está ocorrendo com esta instituição, já que ela não está conseguindo atender plenamente às necessidades de uma boa parcela de jovens que poderia freqüentar este espaço.

Entender o pensamento moderno, a mentalidade com que chegamos até os dias atuais e como a instituição escola surge e se constitui ao longo do tempo, talvez nos aponte caminhos para entendermos este fenômeno. Começaremos enfocando as modificações ocorridas na maneira de pensar da humanidade ocidental, nos séculos XVIII, XIX, durante o século XX e as repercussões deste pensar na atualidade.

A modernidade exigiu do homem um conhecimento que ia além da sua casa, da sua terra, da cultura transmitida pelos seus antepassados. Um estilo novo de vida vai se constituindo, este estilo

incorpora novos conhecimentos, novos valores e caminhos que o levam ao desconhecido, ao enigmático, à dúvida. Engendra-se, desta maneira, um homem que questiona seus limites, suas certezas, suas crenças, que procura incessantemente respostas para sua vida, para seu cotidiano, não mais nos mitos e tradições mas, nas razões explicitadas pela denominada racionalidade científica. Cassirer (1994, p.50) nos diz:

“O pensamento do século XVIII, tal como o consideramos até o presente momento, corresponde em suma ao desenvolvimento do espírito analítico que é, sobretudo, um fenômeno francês. Na verdade, a França era a pátria, a própria terra clássica da análise desde que Descartes consumara a reforma, a transformação radical da filosofia. A partir de meados do século XVII, esse espírito cartesiano penetra em todos os domínios. Ele não se impõe somente na filosofia mas também na literatura, na moral, na política, na teoria do Estado e da sociedade; chega ao ponto de afirmar-se na teologia, dando a essa disciplina uma forma inteiramente nova”.

Desta maneira o saber, o conhecimento transmitido, agora, pelos estudiosos, pelos cientistas é sobreposto ao saber dito ‘popular’. O cotidiano dos grupos humanos amplia-se para além da casa, da plantação, do tear, das guerras locais e da família. Engendra-se um homem dito racional. Surgem os processos educacionais institucionalizados, os professores, os saberes científicos.

A educação deixa de ser uma tarefa difusa exercida por toda a comunidade para ser centrada em uma instituição vinculada ao estado: a escola. A cultura transmitida pelos pais é questionada, conhecer a natureza e entendê-la só é possível através da ciência. A fé e as crenças populares são postas à prova. O conhecimento científico é sobreposto ao

conhecimento popular. O homem esquece as suas origens, seu respeito pela natureza e os ritos consagrados de seus ancestrais. Vive para produzir, construir e ter.

Seus desejos, seus amores, sua pátria, seus amigos são secundários. Se for difícil para o homem pensar em si próprio, é quase impossível pensar no outro. Infelizmente este homem vai se tornando frio, calculista e cada vez mais pretensamente racional. Neste sentido Michelet, em seu livro “O Povo” (1988, p. 106) nos alerta:

“A Idade Média estabeleceu uma fórmula de amor, e só chegou ao ódio. Consagrou a desigualdade, a injustiça, que tornavam o amor impossível. A violenta reação do amor e da natureza, que chamamos Renascimento, não fundou uma nova ordem, e apareceu uma desordem. O mundo, para quem a ordem era uma necessidade, disse então: “Pois bem, não amemos; uma experiência de mil anos é o bastante. Busquemos a ordem e a força na união de forças; inventaremos máquinas que as conservarão juntas sem amor e enquadrarão, cingirão tão bem os homens – pregados, cravados, atarraxados -, que embora se detestem, agirão em conjunto.”

Boaventura de Sousa Santos (2000) nos diz que a modernidade ocidental surge referendada num ambicioso e revolucionário paradigma sócio cultural dominado por uma dinâmica entre regulação e emancipação social. E acrescenta que, em meados do século XIX, já consolidada a convergência entre o paradigma da modernidade e o capitalismo, esta dinâmica entra num processo histórico de degradação caracterizado pela gradual e crescente transformação das energias emancipatórias em energias regulatórias. Para tanto, o homem moderno deverá aceitar as

regras impostas pela sociedade, pois de outra forma só existirá o caos e a desordem.

Refletindo sobre o impacto que o pensamento moderno causou na humanidade, propondo uma nova maneira de ver e viver no mundo, podemos entender como as relações humanas e sociais se constituíram ao longo deste século.

O iluminismo, por exemplo, livraria o homem das trevas e instauraria a luz, libertando-o dos mitos, das crenças e da magia. Essa promessa tão propalada pela modernidade teria a ciência e a técnica como pressupostos básicos. *“A ciência parecia, finalmente, o único lugar de certeza, de verdade certa, em relação ao mundo dos mitos, das idéias filosóficas, das crenças religiosas, das opiniões”* (Morin, 1999, p.148).

Na tentativa de afastar os mitos, o sobrenatural, o iluminismo tenta reduzir a noção de sujeito, os indivíduos devem submeter-se à ciência e à tecnologia, esquecendo-se de que são seres de corpo e alma. Seus saberes e opiniões não são relevantes. Adorno (1983) nos diz que tudo levaria a crer que o iluminismo instauraria o poder do homem sobre a ciência. Mas ao invés disso, liberto do medo, das crenças e da magia, o homem tornou-se vítima de novo engodo: o progresso da dominação técnica.

Na submissão do homem à máquina, esta passa a produzir regras de dominação e sujeição, tudo deve se adequar a idéias de utilidade e cálculo. O objetivo é a dominação- a dominação como ruptura.

A razão positivista aposta no conhecimento científico e técnico, apontando este como o caminho das certezas. *“Nessa base, constituindo uma teoria científica uma construção lógica, e a coerência lógica parecendo refletir a própria coerência do universo, a ciência não podia deixar de ser verdade”* (Morin, 1999, p.148). Toda esta maneira de pensar deixou de fora o amor, a fé, as paixões, a desordem e a incerteza. Michelet (1988, p.109) aponta esta maneira de pensar como determinista e mecânica, e mostra neste trecho a importância da “alma” para o ser humano.

“Tenho sob os olhos, tenho no coração, a grande revisão de nossas misérias que foi feita comigo. Pois bem! Poderia afirmar sob juramento que, de todas elas, tão reais, que não atenuo, a pior ainda é a miséria de espírito. Entendo por isso a ignorância incrível que temos uns a respeito dos outros, tanto os homens práticos quanto os especulativos. E a causa principal desta ignorância é não acharmos necessários nos conhecermos; milhares de meios mecânicos de agir sem alma nos dispensam de saber o que é o homem, de vê-lo como alguma coisa além de força, de número...Números nós mesmos, e coisa abstrata, desembaraçados da ação vital graças ao Maquinismo, a cada dia nos sentimos decair e transformar em zero”.

Reconhecemos a importância da ciência para a humanidade, mas ela só servirá aos homens e sua evolução, desde que, não seja desprovida de reflexão e debate. O mesmo vale para a técnica.

Neste contexto surge a escola e seu projeto cultural civilizatório. A instituição escolar organizada pelo Estado surge na perspectiva da

reprodução de um saber sistemático e científico, do domínio da cultura escrita. Infelizmente ela não poderia escapar à mentalidade racionalista, utilitária e tecnicista tão propalada como verdade pela modernidade. A idéia de qualificar o indivíduo para o mercado de trabalho se sobrepõe ao desejo de formar homens que questionem, que produzam novas maneiras de pensar e agir. Homens comprometidos com o social.

O desenvolvimento econômico e as novas exigências sociais fizeram com que a escola se consolidasse como a principal forma de educação³⁰. Um novo modelo “emancipador” de sociedade se instaura. A participação efetiva dos cidadãos é propalada e assumida como necessária. Os alunos vêem na escola a possibilidade de um futuro melhor. A escolarização é vista pelos trabalhadores como necessidade para a sua organização e inserção no mercado de trabalho. Surgem conflitos entre formas tradicionais e modernas de pensar e viver a vida. A escola torna-se universal e consolida-se pelas demandas da modernidade. Uma destas demandas é o racionalismo, onde a sociedade é organizada pela ordem e pelo cientificismo.

Sabemos que estes pressupostos se acham em crise. A escola, até então, considerada um lugar de saberes prioritariamente científicos, de regras e padrões advindos deste pensamento racionalista, chega aos nossos dias como uma instituição questionável nos seus conceitos básicos, necessitando de uma nova roupagem, mais adequada às exigências do mundo atual.

³⁰ “Conseqüência da modernidade, a instituição escolar de natureza pública, gratuita, laica, estatal e universal, é também, seu sustentáculo no âmbito da socialização e da formação das identidades pessoais” (Moll, 2000, p. 54).

Do ponto de vista econômico, o modelo capitalista atual não se baseia, somente na mão de obra em massa, como foi na origem da modernidade e da escola. Ele exige pouca mão de obra e muito especializada, dessa forma gerando desemprego, fome e miséria, situações essas que sempre existiram, mas que se aguçam pela incapacidade deste modelo responder a essas demandas. Este fato é definidor para a vida dos jovens, pois a juventude está buscando o seu espaço nesta sociedade e o trabalho é parte deste processo. Entretanto ela sabe que precisa inserir-se no mercado de trabalho, e que este mercado se apresenta cada dia mais difícil e isto gera uma crise também na juventude. Neste contexto percebe-se que a escola se encontra em crise, que a sociedade moderna também está em crise, pois a crise está nos pressupostos básicos que definiram a modernidade.

Infelizmente, o ser humano chega aos nossos dias nesta condição meio homem, meio máquina. Vivendo num mundo competitivo, muitas vezes sem esperanças e burocrático, onde os discursos rígidos, inflexíveis, as verdades prontas, não satisfazem mais as promessas de felicidade a tanto tempo feitas e não concretizadas pela modernidade.

Toda esta mentalidade nos legou uma sociedade onde as pessoas estão freqüentemente sozinhas, onde o computador e a TV podem se constituir como alternativas para a solidão. O desemprego bate à porta de um grande número de pessoas, mesmo com alta qualificação profissional. As relações familiares estão fragilizadas. A relação entre pais e filhos e entre os próprios pais, em muitos casos, é difícil e conturbada. Vivemos numa sociedade onde a esperança num mundo mais igualitário se distancia, onde as pessoas estão com medo. Este medo não é só da violência das ruas, mas do desemprego e de um futuro que, muitas vezes, se apresenta sem perspectivas e obscuro.

Este estilo de viver individualista, competitivo e gerador muitas vezes de violência, ainda, tenta se impor como hegemônico. A postura egocêntrica do homem moderno visa à homogeneização, se ele não conseguir eliminar as diferenças, deve pelo menos tentar diminuí-la.

Os seres humanos devem seguir uma norma única ditada pelos poderosos, poder este definido pelo dinheiro, pelas armas, pelo autoritarismo. O homem (sexo masculino), branco, letrado, cristão, racional é que 'deve' estabelecer os padrões através do qual os 'outros' deverão se enquadrar. Entretanto, a crescente procura pela religião, pelo esotérico, a preocupação com a natureza nos aponta, talvez, para uma nova mentalidade, para uma nova dinâmica a ser estabelecida.

Felizmente, existem outras linhas de pensamento que acreditam que o contrato social não é só racional, é também afetivo, que as pessoas podem criar laços de sociabilidade baseados na solidariedade, na identidade, no respeito ao outro e no diálogo entre diferentes. Tzvetan Todorov (1988, p.245) em seu livro "A Conquista da América – a questão do outro", nos diz:

“Os representantes da civilização ocidental já não acreditam tão ingenuamente em sua superioridade, e o movimento de assimilação enfraquece desse lado, ainda que os países, recentes ou antigos, do Terceiro Mundo continuem a querer viver como europeus. No plano ideológico pelo menos, tentamos combinar aquilo que nos parece ser o melhor nos dois termos da alternativa; queremos a igualdade sem que ela acarrete a identidade; mas também a diferença, sem que ela degenera em superioridade/ inferioridade;

...aspiramos à recuperação do sentido do social, sem perder a qualidade do individual”

Observamos que o discurso em muitos setores de nossa sociedade contém palavras como: diferença, solidariedade, fé, amor, carinho, afeto. Isto já denota uma mudança que talvez pareça tímida, mas que bem analisada pode representar indícios de grandes transformações na maneira de agir e viver da humanidade.

Esta trajetória aponta para entrelaçamento de idéias e posturas, para um pensamento mais complexo. A razão, tal como a modernidade definiu, não explica tudo. Ela deve dialogar com a idéia de ordem e desordem. O diálogo deve superar as polaridades, não é só entre sujeito-objeto, ordem-desordem, biológico-social, certo-errado, mas numa dimensão mais ampla. A lógica não deve ser mais dual, a verdade não está numa só direção, num só caminho.

“O princípio de explicação da ciência clássica tendia a reduzir o conhecível ao manipulável. Hoje, há que insistir fortemente na utilidade de um conhecimento que possa servir à reflexão, meditação, discussão, incorporação por todos, cada um no seu saber, na sua experiência, na sua vida” (Morin, 1999, p.30).

O conhecimento deve negociar com a incerteza, mas tenhamos cautela, pois somente a incerteza e a desordem nos deixaria no caos, contando apenas com o acaso. Do mesmo modo, certeza e ordem nos aniquilariam a criação e a possibilidade de inovação. Morin (1999) nos diz que o objetivo é dialogar com o mistério do mundo.

Este pensamento também serve para as relações pessoais e sociais. O diálogo entre o eu e o outro, e entre eu e o mundo é imprescindível. A vida é uma trama complexa e interdependente. Precisamos do outro. O conhecimento do eu exige o conhecimento do todo para podermos interagir no ambiente em que vivemos.

Aportando todo este pensamento, não linear, não determinista para esta pesquisa, vejo a necessidade de pensar a sala de aula de uma escola de ensino supletivo e, no caso desta pesquisa, os jovens que ali se encontram, sob uma lógica mais global, não com um pensar dual. Ali não estão somente, o jovem-adulto, o aluno-professor, o que sabe e o que não sabe, o que aprende e o que não aprende, o que fracassa e o que vence, o comportado e o desordeiro.

Tornam-se necessário outros olhares, outras percepções. Um pensamento mais interacionista e abrangente, pois não temos as soluções prontas. É no cotidiano que vamos tecendo, muitas vezes com fios invisíveis, outras com fios menos sutis, a rede da qual fazemos parte. Para tanto, Morin (2000, p.115) nos esclarece: “*não possuímos as chaves que abrem as portas de um futuro melhor. Não conhecemos o caminho traçado. ‘El camino se hace al andar’ (Antônio Machado)*”³¹.

Enquanto estivermos neste universo, esta teia estará sendo construída e reconstruída por nós e por aqueles que fazem parte do nosso mundo. Morin diz que devemos abandonar um tipo de explicação linear por uma explicação em movimento, circular, aonde vamos das

³¹ Morin cita a expressão de Antônio Machado: “Ao andar se faz o caminho”.

partes ao todo, do todo às partes, para compreendermos um fenômeno ou uma situação.

Estamos em uma época que se faz necessário um novo olhar sobre a educação. É preciso repensar as instituições educacionais, seus métodos e suas normas. O ensino fragmentado e especializado deve dar lugar a um conhecimento mais global, que não perde de vista as diferentes áreas e abordagens, mas que promove um diálogo entre elas.

A educação disciplinar, compartimentada, deve se tornar transdisciplinar. A educação escolar, ainda hoje continua fechada em si mesma. O ensino fechado limita o conhecimento humano e diminui o poder de reflexão e de linguagem. Características básicas do ser humano. O pensamento único baseado numa racionalidade excessiva tira a possibilidade de pensar um mundo mais aberto, mais solidário e mais ético.

Edgar Morin (2000) nos diz que existem saberes necessários à educação do futuro, que toda a sociedade deveria saber e transmitir, não são saberes prontos ou limitados, mas ao contrário, são saberes que estão de acordo com as regras próprias de cada sociedade, respeitando os seus conhecimentos e sua cultura. Estes conhecimentos não se limitam somente ao científico, mas visam ao conhecimento humano com seus erros e acertos.

Nossa educação, sobretudo a escolar, é fragmentada, tornando difícil a compreensão do ser humano como um todo. A educação do futuro não deve desprezar o saber científico e técnico, mas adicionar a ele um

pouco do mágico, do mítico, enfim do humano. Para entendermos o aluno que está na nossa sala de aula, à nossa frente, é preciso vê-lo como um todo. Considerar que ele é um ser biológico, cultural e social, portanto “*a condição humana deveria ser o objeto de todo o ensino*” (Morin, 2000, p.15).

O humano segundo Morin (2000) é detentor de uma identidade única e de uma identidade comum a todos os outros seres humanos. A partir daí faz-se necessário reconhecer que cada homem é um ser único e ao mesmo tempo faz parte de uma humanidade.

“É no laboratório antropológico que se expressam as potencialidades humanas. Saber o que pode o homem, o que ele manifesta e, sobretudo, tratar de ver como há, ao mesmo tempo, unidade e diversidade humanas. É dizer que a diversidade extrema se encontra sobre uma base de unidade, como quisemos mostrar na unidade do homem, que não está feita de unidade, de homogeneização, mas de uma unidade que permite a expressão das diversidades” (Morin, 1996, p.288).

É preciso nos identificarmos com o planeta do qual fazemos parte, nos reconhecemos como seres do gênero *homo* e de uma espécie denominada de *sapiens* e que temos uma identidade terrena da qual não poderemos esquecer. Somos seres humanos, planetários, terrestres e por isso complexos.

Quando entramos em uma sala de aula, esta humanidade se apresenta, cabe a nós professores, fazermos com que este aluno se mostre por inteiro, não só nos seus conhecimentos cognitivos, mas que

compartilhe seus saberes e vivências diárias mantendo uma relação de respeito, a partir das diferenças, dos problemas e dos conhecimentos próprios. Esta relação se faz necessária para podermos enfrentar dificuldades e incertezas, pois o conhecimento científico não explica tudo. Pode explicar muitos fenômenos, permitindo certezas, mas as incertezas ainda são muitas e os conflitos sempre presentes. É necessário enfrentá-los, pois a vida, o cotidiano é repleto de imprevistos e incertezas.

A cada dia, a cada hora, a cada encontro com os nossos alunos é impossível prevermos com exatidão o que irá acontecer. Temos, em geral, um caminho já percorrido que facilita nossa convivência e direciona nossas atitudes e atividades, mas este encontro não é sempre igual, o inusitado faz parte e neste trajeto professores e alunos aprendem.

Ao longo do século XX aprendemos a trilhar caminhos que apenas nos levassem a certezas e rejeitássemos as dúvidas. Como explicar aos alunos que existem coisas que ainda não se explicam, o aluno também está acostumado a pensar que o professor é aquele que sabe tudo e que não pode errar. Este pensamento ainda é muito presente em nossas salas de aula.

Neste caminho Morin (2000) nos fala da importância da compreensão mútua entre os seres humanos, que ela deve ocorrer em todos os níveis educativos e em todas as idades, mas nos diz também que o desenvolvimento da compreensão pede reformas na nossa maneira de pensar e agir, uma reforma das mentalidades.

Desta maneira, as relações humanas devem basear-se em pressupostos éticos, não restritos simplesmente à questão moral. É preciso considerar o ser humano não só na sua individualidade, mas como um ser global, social e integrador.

“Nesse sentido, a ética indivíduo/ espécie necessita do controle mútuo da sociedade pelo indivíduo e do indivíduo pela sociedade, ou seja, a democracia; a ética indivíduo/espécie convoca, ao século XXI, a cidadania terrestre” (Morin, 2000, p.17).

Para entendermos os jovens, no caso desta pesquisa, que estão dentro de uma sala de aula de uma escola de ensino supletivo, com suas diversidades e problemáticas, é preciso vê-los mais do que simples alunos em uma escola. É preciso saber como eles vêem a vida, a situação de seu país, como foram suas trajetórias escolares, quais são os seus traumas, suas utopias, seus medos, suas paixões, seus desejos e as relações que eles estabelecem com o mundo. É importante analisarmos como ele vê a sociedade e o espaço que ele ocupa nela. Como ele percebe a escola, pois se, simplesmente os qualificarmos como alunos problemas, com dificuldades de aprendizagem, que “*fracassaram*”⁸² na escola ‘regular’, nossa reflexão será simplista e nossa contribuição pouco eficaz.

O objetivo é trilharmos na concepção de um pensamento mais complexo, que opere a circulação de idéias. É necessário darmos a nossa reflexão um caráter multidimensional, valorizarmos a dimensão biológica, social e individual desses jovens. Todos esses aspectos nos parecem de

vital importância para entendermos o rejuvenescimento da população que frequenta o ensino supletivo; os jovens que frequentam, hoje, esta escola e as causas que os levaram a esta opção, pois se assim não for, não será com fórmulas prontas, nem esquecendo o sujeito que está ali ao nosso lado, na nossa sala de aula que será possível entender este fenômeno.

³² A palavra *fracassaram* está em destaque, pois concordo quando Bernard Charlot (2000, p.16) diz: “o fracasso escolar não existe; o que existe são alunos em situação de fracasso”.

5 SURGIMENTO, TRAJETÓRIA E MOMENTO ATUAL DO ENSINO SUPLETIVO

A partir deste capítulo, vamos entrar no espaço específico desta pesquisa, espaço este, destinado a educação de jovens e adultos. No caso deste estudo, com os jovens que freqüentam o ensino supletivo. Tentarei localizar historicamente esta modalidade de ensino, enfocando seu surgimento, sua trajetória e seus desdobramentos atuais.

A partir de alguns estudos sobre a gênese da instituição chamada escola (Romanelli (1984), Haddad (1987), Beisiegel (1992), Sposito (1993)) tentarei demarcar no tempo o surgimento do ensino supletivo e seus desdobramentos.

No panorama brasileiro, depois de três séculos de ações assistemáticas e temporárias surge a constituição de 1824. Esta estabelece a instrução primária gratuita a todos os cidadãos.

No que se refere a instrução secundária, o Ato Institucional de 1834 cria dois sistemas paralelos de ensino: *a) o regular, reduzido quase que apenas ao colégio Pedro II; b) o irregular, centrado nos preparatórios*

para o ensino superior”(Beisiegel, 1992, p.153). Neste período o ensino técnico-profissional foi praticamente desconsiderado.

“A adesão das elites coloniais às doutrinas liberais então tão em voga na Europa. As idéias de educação para todos surgiam como um componente indispensável à coerência interna de um sistema de idéias que advogava a universalização dos direitos” (Beisiegel, 1992, p.4).

O modelo de educação do período imperial é questionado na Primeira República. A educação até então fortemente elitista é criticada. A partir da década de 20 até a década de 30, muitas mudanças na educação serão processadas.

No período de 1900 a 1920 a taxa de analfabetismo no Brasil não se altera significativamente. Entretanto, entre os anos 20 e 40, esta taxa sofre sua primeira queda considerável³³. *“O Plano Nacional de Educação, sob responsabilidade da União, e previsto pela Constituição de 1934, deveria incluir entre suas normas o ensino primário integral gratuito e de freqüência obrigatória, pela primeira vez uma preocupação particular, este ensino deveria ser extensivo aos adultos”* (Haddad, 1987, p.11).

A partir da década de 30 muitos fatores irão desencadear transformações no panorama brasileiro: ocorrem conquistas no campo da

³³ “Entre 1920 e 1940, a taxa de alfabetização cresceu 0,4% ao ano. Entre 1940 e 1950, o crescimento foi de 0,5% ao ano. Entre 1950 e 1960, foi de 1,25. Entre os anos 20 e 40, a taxa de urbanização dobrou e a taxa de analfabetismo experimentou sua primeira queda sensível, que só seria superada na década de 50 a 60, quando o índice de alfabetização conheceu seu maior progresso”(Romanelli, 1984, p. 63).

educação, nas questões trabalhistas e nas relações democráticas entre o Estado e a sociedade civil.

Nesta época aceleram-se os processos de urbanização, incrementa-se o capitalismo com o surgimento das fábricas e a escolarização impõe-se como uma necessidade fundamental. Na Constituição de 1934, aparecem pela primeira vez, juntas, a gratuidade e a obrigatoriedade do Ensino Fundamental. Muitas escolas são criadas, inclusive escolas com ensino específico para jovens e adultos.

Além do acesso aos saberes escritos, a escola era vista pela população como meio de promoção social, possibilidade de participação nas mudanças sócio-econômicas pelas quais o país passava, e conseqüentemente como meio legítimo de ocupar seu espaço na sociedade. A necessidade de mais escolas, também era evidente para os governantes, pois somente os alfabetizados eram eleitores.

“Num regime político representativo, onde a aquisição ou a manutenção de posições de poder dependem do voto e, conseqüentemente, da conquista do eleitor, estas necessidades reais de amplos setores do eleitorado sensibilizavam o militante político. Buscando a obtenção do voto e orientando-se, por isso mesmo, para o entendimento das reivindicações das comunidades, a atuação do agente político – no Legislativo ou no Executivo- foi decisiva para a rápida multiplicação da rede de escolas. Em pouco tempo, quase todas as cidades sedes de municípios passaram a contar com pelo menos uma escola pública estadual” (Beisiegel, 1992, p.2).

Na década de 50 percebemos um incremento na educação de jovens e adultos. Segundo Otaiza Romanelli (1984, p.63) *“a começar de 1947 quando foram instaladas, na maior parte dos municípios brasileiros,*

as classes de ensino supletivo, em horários vespertino e noturno, para pessoas de mais de 14 anos. Elas já existiam antes, mas em número inexpressivo". A necessidade de entrar no mercado de trabalho fez com que muitos jovens e adultos procurassem os cursos profissionais³⁴.

O Decreto Lei número 8.529 de 2 de janeiro de 1946, contemplou o ensino supletivo primário e a organização deste tipo de ensino favoreceu efetivamente a diminuição da taxa de analfabetismo, sendo este considerado um dos aspectos positivos da lei.

"A Campanha de Educação de Adultos promovida pelo Ministério da Educação e Saúde, a partir de 1947, era nesse aspecto exemplar. Tinha por objetivo levar a "educação de base" ou a "educação fundamental comum" a todos os brasileiros iletrados, nas cidades e nas áreas rurais. A educação de base era entendida como o processo educativo "destinado a proporcionar a cada indivíduo os instrumentos indispensáveis ao domínio da cultura do seu tempo, em técnicas que facilitassem o acesso a essa cultura – como a leitura, a escrita, a aritmética elementar, noções de ciências, de vida social, de civismo, de higiene – e com os quais, segundo suas capacidades, cada homem pudesse desenvolver-se e procurar melhor ajustamento social. O processo de modo algum poderia ser reduzido a mera alfabetização" (Beisiegel, 1992, p.13).

O novo panorama brasileiro exigia das pessoas um mínimo de alfabetização e qualificação profissional para ocupar espaços na sociedade que agora se urbanizava e entrava na era industrial. A educação escolarizada, neste contexto era necessária para viabilizar as condições mínimas de concorrência no mercado de trabalho. O

³⁴ "O ensino supletivo, de certa forma, incentivou a matrícula em cursos profissionais e pré-profissionais de nível primário, nessa mesma época"(Romanelli, 1984, p. 64).

desenvolvimento industrial introduz uma série de exigências de qualificação profissional só possibilitada, na época, através de um sistema escolar institucionalizado.

“As classes de ensino supletivo e as de ensino complementar (pré-profissional e profissional) em conjunto chamaram à escola, em média, mais de 800 mil alunos (de mais de 14 anos) cada ano, por treze anos consecutivos (entre 1947 e 1959)” (Lourenço Filho apud Romanelli, 1984, p. 64).

O acesso a educação escolar no que diz respeito às classes populares é facilitado. Este fato, novo na nossa história, não ocorre isento de receios e temores, pois se por um lado existia a necessidade de conhecimentos novos e qualificados numa sociedade não mais agrícola e em processo de industrialização, por outro existia o temor das classes dominantes ameaçadas em seu poder.

Infelizmente esta visão pragmática de ensino, em muitas circunstâncias, privilegiou os interesses do poder econômico em detrimento de interesses educacionais e culturais. Segundo Gramsci (1916 apud Nosella, 1992, p.19) *“a corrente humanista e a profissional ainda se chocam no campo do ensino popular: é preciso integrá-las, mas deve-se lembrar que antes do operário existe o homem que não deve ser impedido de percorrer os mais amplos horizontes do espírito, subjugado à máquina”*. A escola não deve somente objetivar o trabalho, mas também as idéias e a cultura. *“A escola deve ser uma escola de liberdade e livre iniciativa e não uma escola de escravidão e de mecanicidade”*(Gramsci, 1916; apud Nosella, 1992, p.20).

Os alunos vêm na escola pública a possibilidade de um futuro melhor, mas não podemos esquecer que ela não foi uma dádiva concedida pelas classes dominantes, ela constituiu-se também e sobretudo a partir da mobilização e da luta das camadas populares. Observa-se em toda a trajetória da educação brasileira a participação da população. Os movimentos sociais sempre estiveram presentes nesta luta, sejam eles na forma de associações de bairros, clubes de mães, sejam de ordem religiosa, estudantil ou político-partidário.

Os pais também se engajam nesta batalha e lutam por novas escolas. A qualificação técnica e as novas exigências de uma sociedade em transformação fazem com que os educandos ampliem seu grau de escolarização e conseqüentemente sua consciência crítica. Esta realidade fará com que estes alunos exijam cada vez mais escolas e melhores condições de vida.

Nos primeiros anos da década de 60 surge no panorama nacional a figura de Paulo Freire e seu método de alfabetização. Segundo Beisiegel (1992, p.17) vários foram os fatores que possibilitaram a criação e a prática desta nova perspectiva para a educação de jovens e adultos.

“A ‘emergência das massas urbanas’ e, no final do período, também de alguns contingentes das ‘massas camponesas’, a miséria popular no país subdesenvolvido, e as potencialidades revolucionárias inerentes a esta condição, a atuação das lideranças “populistas” e a política populista em geral, o nacionalismo, a ação social da Igreja católica, a atividade política de partidos ou agrupamentos revolucionários, a reação da ‘ordem’ contra as ameaças visualizadas em cada um destes fatores e na ação de conjunto de todos eles, foram sobretudo estes os elementos

que permearam a criação e a prática do método Paulo Freire” (Beisiegel, 1992, p.17).

Com o golpe de 64 as discussões iniciadas nesta década são bruscamente interrompidas e uma nova ordem se instaura. Conseqüentemente os debates não avançam e as decisões pouco democráticas agravam muitas das problemáticas da educação no Brasil, principalmente no que se refere ao analfabetismo e a educação de jovens e adultos. Um novo modelo de educação para jovens e adultos se faz necessária. Neste sentido Haddad (1987, p.14) diz:

“a escolarização básica de adolescente e adultos – não poderia ser abandonada por parte do aparelho do Estado. Por um lado, seria incompatível a proposta de um grande país com os baixos índices de escolaridade; por outro, havia necessidade de dar respostas a um direito de cidadania cada vez mais identificado como legítimo. A resposta ocorreu com a fundação do Mobra em 1967 e, posteriormente, com o ensino supletivo em 1971, quando da promulgação da Lei Federal nº. 5692 “.

A Lei 5692, de 11 de agosto de 1971, que fixa o objetivo geral da educação de 1º e de 2º graus, determinou alterações na educação de jovens e adultos³⁵. Romanelli (1984, p.238) esclarece dizendo:

³⁵ A Lei nº. 5692, art. 22, diz que: a *suplência* objetiva “suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria”(Haddad, 1987, p. 20). Segundo o Parecer 699/72 que fundamenta e justifica a lei acima citada, nos esclarece que: “a expressão *supletividade* é no fundo a justabilidade, flexibilidade, abertura, que de modo algum exclui a escola regular, antes a vitaliza”. Os graus de supletividade variam, e podem, “partindo agora de maior ou menor compromisso com o tradicional, chegar a uma escola mais aberta, já esta admitida como a *escola* e prescindindo até dos qualificativos”(Haddad, 1987, p. 21).

“a lei determinou uma mudança também substancial no ensino supletivo destinado a proporcionar a jovens e adultos a educação que não tiveram em tempo certo, a suprir a escolarização incompleta, ou a aperfeiçoar e atualizar conhecimentos. Além de ter estrutura, duração e características diferentes dos cursos de formação formal, o ensino supletivo difere dos demais pelo fato de ser ministrado livremente através dos modernos meios de comunicação de massa”.

A lei 5692/71 proporcionou a proliferação gradual dos estabelecimentos de ensino desta modalidade, e as diferentes formas com que o ensino supletivo se apresenta hoje, concentrando-o ao longo destes quase trinta anos, nas mãos da iniciativa privada.

“A ausência de controles públicos também esteve presente na esfera do ensino supletivo, sendo, do mesmo modo, assegurada a presença da iniciativa privada particular na oferta de vagas. Em estados como São Paulo, onde simultaneamente coexistiram a demanda social por escolas supletivas a inexistência de preceitos legais que garantissem a obrigatoriedade da ação do Estado na oferta da educação para adultos, a expansão do ensino supletivo particular ocorre, intensamente, a partir de 1970” (Sposito, 1993, p.54).

A educação pública deficiente, incapaz de absorver a demanda de alunos, abre as portas para a iniciativa privada e esta vai ocupando, progressivamente espaços deixados pela educação pública.

Nas décadas de 70 e 80 permanecem os discursos sobre a educação utilitária e tecnicista que prometia um maior acesso à escola

pública, contudo só as lutas sociais garantiram tal acesso³⁶. Nesta época muitos movimentos, principalmente de mulheres³⁷, se manifestaram no panorama nacional, elas lutavam por uma educação mais digna e acessível em todos os níveis e no supletivo também.

Após 1985, com a queda da ditadura e a retomada do governo civil, as relações no campo social e político democratizam-se e vários espaços da sociedade abrem-se para as demandas educativas. Um dos primeiros procedimentos da Nova República foi a extinção do MOBREAL, pois este representava a ideologia do regime autoritário, o que não condizia mais com os novos ares de democracia que o país vivia.

Nesta época, é criado pelo governo federal, já em 1985, a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos – Educar, subordinada a Secretaria de Ensino de 1º e 2º Graus do Ministério da Educação e Cultura. Esta fundação apresentou um avanço, em relação ao MOBREAL, quanto a sua transformação em órgão de fomento e de apoio técnico aos municípios e entidades da sociedade civil organizada.

Todo este processo de abertura e mobilização da sociedade civil e em especial a participação dos partidos, do parlamento e conseqüentemente dos amplos setores jurídicos e legais, serviu para desencadear a promulgação da Constituição Federal de 1988, que

³⁶ Segundo Haddad (1997), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 5692/71, produzida pelos governos militares, deu resposta ao grande movimento da década anterior, capitaneado pelo pensamento freiriano e pelos movimentos de cultura popular, com a implantação do Ensino Supletivo, ampliando o direito à escolarização àqueles que não puderam frequentar a escola durante a infância e a adolescência.

³⁷ “Enquanto ocorria a luta pelo ensino supletivo na igreja de São Francisco, jovens e mulheres continuavam a se reunir durante o primeiro semestre de 85 para discutir como iriam trabalhar junto às escolas”(Sposito, 1993, p. 280).

instituiu, o direito universal ao Ensino Fundamental público e gratuito, independente da idade, no seu artigo 208.

“Pela primeira vez na história brasileira, o Art. 208 da Constituição de outubro de 1988 conferiu à população jovem e adulta o direito à educação fundamental, responsabilizando os poderes públicos pela oferta universal e gratuita desse nível de ensino àqueles que a ele não tiveram acesso e progressão na infância e adolescência. No texto original, o Art. 50 das Disposições Transitórias da Constituição de 1988 conferia um prazo de dez anos para a universalização do ensino fundamental e a erradicação do analfabetismo, período durante o qual as três esferas de governo ficavam obrigadas a dedicar a esses objetivos 50% dos recursos públicos vinculados à educação” (Haddad; Di Pierro, 2000b, p. 10).

Outro acontecimento importante nesta época foi a declaração da Organização das Nações Unidas, determinando que o ano de 1990 seria o Ano Internacional da Alfabetização e convocou a Conferência Mundial de Educação para Todos, lançando novas esperanças e propostas de avanços na educação de jovens e adultos. Entretanto “o fato da Organização das Nações Unidas haver declarado 1990 como o Ano Internacional da Alfabetização e convocado para essa data³⁸ a Conferência Mundial de Educação para Todos reforçava essa expectativa que, entretanto, acabou não se confirmando” (Haddad; Di Pierro, 2000a, p. 24).

Neste mesmo ano, o presidente eleito pelo voto direto, Fernando Collor de Mello extingue a Fundação Educar, o que surpreende a todos, pois com este ato o governo não mais se responsabilizava por iniciativas

já iniciadas deixando as instituições sem o suporte federal, que mesmo não atendendo a todas as exigências, era necessário.

Entretanto, no governo de Collor de Mello é criado um Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), que *“reafirma os propósitos acerca da universalização do ensino fundamental e da eliminação do analfabetismo”*(Moll, 2000, p.92). Este programa teve pouca repercussão e foi abandonado pelo presidente Itamar Franco, sucessor de Collor de Mello, após o impeachment deste. No governo de Itamar Franco poucos avanços foram registrados nesta área em nível federal.

“Na década de 90, observou-se um processo surpreendente, pelo qual o Ministério da Educação retirou-se da oferta direta de serviços de educação básica de jovens e adultos³⁹, enquanto outros ministérios e organismos federais ingressaram nesse campo. São três os programas federais implementados a partir de 1995: o Plano Nacional de Formação do Trabalhador (PLANFOR), coordenado pela Secretaria de Formação e Desenvolvimento Profissional do Ministério do Trabalho (SEFOR/MTb), iniciado em 1996; o Programa Alfabetização Solidária (PAS), coordenado pelo Conselho da Comunidade Solidária, vinculado à Presidência da República, implementado a partir de 1997; e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), coordenado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), vinculado ao Ministério Extraordinário da Política Fundiária (MEPF), operacionalizado a partir de 1998” (Haddad; Di Pierro, 2000b, p. 19).

³⁸ Jontiem, Tailândia: março de 1990.

³⁹ “Em março de 1990, imediatamente após a posse, o Presidente Fernando Collor de Mello extinguiu a Fundação Educar, que foi o último programa de educação básica de jovens e adultos coordenado pelo Ministério da Educação”(Haddad; Di Pierro, 2000b, p. 19).

Em 1994, Fernando Henrique Cardoso é eleito presidente da república e em 1996 é aprovada pelo Congresso Nacional a nova Lei de Diretrizes e Bases para a educação - LDB/ 9394, cujo relator foi o Senador Darcy Ribeiro. No que se refere a educação básica de jovens e adultos, poucas foram as mudanças realmente relevantes. Entre elas, o rebaixamento das idades mínimas para os candidatos submeterem-se aos exames supletivos ou freqüentarem cursos supletivos, fixadas em, 15 anos para o Ensino Fundamental e 18 anos para o Ensino Médio.

Constata-se através da trajetória dos anos 90, que vários projetos e dispositivos legais surgiram, mas de concreto, em termos de avanços pedagógicos e melhorias estruturais na educação de jovens e adultos, pouca coisa foi feita. Permanecendo assim, muitos problemas nesta área e na educação brasileira de uma maneira geral.

5.1. O Supletivo no Panorama Atual

Atualmente surgem escolas de ensino supletivo e diversos projetos ou serviços na área da Educação de Jovens e Adultos, não somente pela necessidade de alfabetização, mas acredita-se também, pela incapacidade cada vez maior da escola 'regular' manter seus alunos e pelos diversos fatores de ordem social, política, econômica e individual que foram identificados na trajetória escolar dos jovens aqui pesquisados que, se não explicam totalmente, apontam caminhos para a compreensão deste fenômeno.

“Fenômeno novo, acentuado nesta década, é a presença significativa de adolescentes nos programas de escolarização antes dirigidos aos adultos. São jovens egressos do ensino regular, com dificuldades na sua escolarização, que acabam por criar novas demandas para a educação de jovens e adultos, tanto sob o ponto de vista das políticas educacionais, quanto sob o ponto de vista dos desafios pedagógicos. A inserção marginal da educação de jovens e adultos na reforma educacional em curso no país faz com que a cobertura escolar para essa faixa etária continue a ser extremamente deficitária e inequitativa, considerados os critérios territorial, de renda, gênero, etnia ou geração”.(Haddad; Di Pierro, 2000b, p. 22)

No projeto de Plano Nacional de Educação⁴⁰ de 1997, na parte específica que se refere a educação de jovens e adultos, podemos observar uma preocupação, no mínimo retórica, em relação ao analfabetismo, as taxas de escolarização e ao número de crianças fora da escola. Nele encontramos metas⁴¹ que visam oferecer programas de alfabetização e de ensino supletivo para jovens e adultos. Entre elas: *“dobrar em cinco anos e quadruplicar em dez anos a capacidade de atendimento nos cursos supletivos de nível médio”* (1997, p.44).

Os dados deste projeto sobre os concluintes no Ensino Supletivo Fundamental e Médio, mostram que, no ano de 1995 em todo o Brasil, 224.041 alunos concluíram o Ensino Fundamental, através do ensino

⁴⁰ “O MEC, no ano de 1997, deu início a um processo de consultas que resultou em um Projeto de Plano Nacional de Educação (PNE) apresentado em fevereiro de 1998 à Câmara dos Deputados. Aprovado nas comissões do Congresso, o PNE, até maio de 2000, ainda aguarda votação” (HADDAD; DI PIERRO, 2000a, p. 27)

⁴¹ Segundo este projeto, “os déficits do atendimento no Ensino Fundamental resultaram, ao longo dos anos, num grande número de jovens e adultos que não tiveram acesso ou não lograram terminar o Ensino Fundamental obrigatório. Constitui um direito constitucional dessa população o acesso a essa formação, e isto representa um desafio que só poderá ser vencido com uma estratégia de política educacional que envolva ampla mobilização da sociedade”.

supletivo, e destes 48.671 são do ensino supletivo particular. No que se refere ao Ensino Médio, encontramos um total de 76.413 concluintes, e destes 40.517 são do ensino supletivo particular. Infelizmente os dados referentes ao Rio Grande do Sul não estão contemplados⁴².

A educação no Brasil segue enfrentando problemas graves que envergonham a todos. A ausência de políticas públicas eficientes e qualificadas na área da educação, principalmente, no que se refere ao Ensino Fundamental e Médio oferecido pelas escolas 'regulares' é um dos fatores que levam os jovens a procurarem o ensino supletivo. Observamos, através das falas dos alunos, aqui pesquisados, que existe um desencanto pela escola 'regular' pública.

O problema é sabermos até que ponto esta situação poderá prejudicar o ensino brasileiro como um todo e como fica a instituição chamada escola neste contexto. Principalmente se considerarmos que estamos no século XXI e ainda enfrentamos problemáticas do século XIX.

Antes de nos localizarmos no espaço específico desta pesquisa, o interior de uma Escola Privada de Ensino Supletivo e problematizarmos

⁴² "Para 1997, o setor de ensino supletivo da SEC/RS informa: 51.961 alunos matriculados na Educação Geral de 1º. Grau e 19.790 na Educação Geral de 2º.grau, perfazendo um total de 71.751 alunos. Além destes dados, no cálculo atual do atendimento público/estatal pode-se computar 10.442 alunos matriculados nos projetos de alfabetização e pós-alfabetização desenvolvidos pelos municípios, 16.214 alunos atendidos pelo Projeto Alfabetização e Cidadania (Piá 2000-RS) da SEC e, 14.134 atendidos pelo Projeto LER. Diferentes programas, estranhos entre si, estranhos à comunidade e estranhos à rede 'regular' de ensino. A incompletude com que estes dados são apresentados pela SEC/RS, como pelo MEC/1996-1998, que para o ano de 1995 apresentava para toda a Região Sul, 23.120 alunos concluintes no ensino fundamental supletivo, entre os quais os alunos do Rio Grande do Sul nem sequer apareciam, (re)explicita o quadro de *ausências* pelo descaso no próprio trato das informações relativas a este campo. A exclusão é aprofundada pelo *anonimato*"(Moll, 2000, p. 90).

o crescente rejuvenescimento desta população, vamos nos mover por outros espaços que trabalham na área da Educação de Jovens e Adultos na cidade de Porto Alegre e no estado do Rio Grande do Sul. Alguns locais já apresentando um contingente muito grande de jovens nesta área e outros percebendo mais lentamente esta realidade.

5.2. Os Diversos Espaços da Educação de Jovens e Adultos

Iniciaremos com o SEJA, na cidade de Porto Alegre, a partir de uma visão geral de seu funcionamento, suas propostas pedagógicas e a população que ele atinge. Faremos o mesmo com o MOVA/PORTO ALEGRE, o CMET e a EPA, todos na esfera municipal. Seguindo na mesma proposta, na esfera estadual, daremos uma visão da DEJA, do MOVA/RS e dos projetos e exames supletivos oferecidos.

5.2.1. Esfera Municipal

O SEJA

O SEJA é o Serviço de Educação de Jovens e Adultos, criado em 1989⁴³ pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre. Fundamenta-se em princípios políticos pedagógicos que desdobram-se em três eixos principais: A Construção Plena da Cidadania, a Transformação da Realidade e a Construção da Autonomia Moral.

⁴³ Na primeira gestão da Frente Popular (PT, PSB e PC do B) que governa a cidade de Porto Alegre até o momento atual.

A organização curricular possibilita o ingresso e o avanço do aluno em qualquer época do ano. A frequência não é obrigatória, pois baseia-se no compromisso grupal. O currículo “*é crítico, democrático e transformador, representador da consciência reflexiva sobre o desvelamento da realidade*”(PMPA/SMED/SEJA; 1998, p.17). A modalidade de seriação para a continuidade do processo escolar foi substituído pelas Totalidades de Conhecimento.

O currículo apresenta-se de forma multidisciplinar em seis Totalidades de Conhecimento, referentes ao Ensino Fundamental. As Totalidades 1, 2 e 3 correspondem ao processo de Alfabetização. As turmas constituem-se em média por 25 alunos para cada professor. As Totalidades 4, 5 e 6 correspondem as disciplinas do currículo: Ciências Físicas e Biológicas, História, Geografia, Português, Matemática, Língua Estrangeira, Educação Física e Educação Artística. A carga horária é idêntica para cada disciplina, pois o SEJA acredita que todas as disciplinas têm igual importância na construção do conhecimento

Conforme sua proposição a avaliação é constituída de acordo com os saberes e habilidades apresentadas pelos alunos no decorrer do tempo, respeitando o ritmo de cada um: “*A avaliação é diária e permanente, respeitando a caminhada individual, pois acredita-se que todos tenham o seu tempo e as suas especificidades na apropriação do conhecimento*”(PMPA/SMED/SEJA; 1998, p.18). Categorias como *aprovação* e *reprovação* foram substituídas pelas de *avanço* e *permanência*. As dificuldades e necessidades encontradas no caminho vão sendo trabalhadas pelo professor ao longo do processo.

Autores como Paulo Freire, Sérgio Haddad, Carlos Rodrigues Brandão, Miguel Arroyo entre outros serviram de suporte teórico, e segundo informações de seus integrantes, esses autores participaram efetivamente de todo o processo de construção da proposta político pedagógica do SEJA.

O SEJA inicia em 1989, nos altos do Mercado Público⁴⁴, com uma estrutura curricular de Ciclo Básico⁴⁵, oferecendo Ensino Fundamental para jovens e adultos somente da 1.^a a 4.^a série⁴⁶. Conforme a insatisfação de seus coordenadores e da equipe pedagógica com a metodologia e o serviço oferecido à Educação de Jovens e Adultos no município de Porto Alegre, começaram os debates e as discussões com os professores para que uma nova lógica de progressão fosse se constituindo dentro do SEJA.

Desta maneira, em 1992 foram construídos um conjunto de referenciais teóricos que dão suporte aos princípios pedagógicos do SEJA trazendo então o pensamento pedagógico de Paulo Freire e o Construtivismo Interacionista.

⁴⁴ Em 1869 foi inaugurado o atual Mercado Público de Porto Alegre. O mercado público é o ponto mais característico e tradicional de abastecimento da cidade, pela manutenção da venda a granel e pela oferta dos produtos mais simples até as especiarias gastronômicas. Através da Lei Municipal nº. 4317/77 foi reconhecido como Patrimônio Histórico e Cultural de Porto Alegre. Em 1997, termina a obra de restauração do mercado, com recursos municipais aprovados pelo Orçamento Participativo de Porto Alegre e também através da colaboração dos comerciantes do mercado.

⁴⁵ A estrutura do Ensino fundamental de Porto Alegre organiza-se em três Ciclos de Formação, tendo cada ciclo a duração de três anos.

⁴⁶ Em 1995 surgem as etapas finais do ensino fundamental, anos que correspondem da 5.^a a 8.^a série.

“O planejamento é feito, desde a totalidade 1, da primeira até a seis, a partir do estudo da realidade, todo o coletivo de professores das escolas fazem uma pesquisa com os seus alunos, com a comunidade para a partir daí fazer o seu planejamento ou com tema gerador ou complexo temático que são as duas opções da escola cidadã, a opção do SEJA é o tema gerador, né, então a gente acredita que o conteúdo oriundo das áreas do conhecimento ele é escolhido a partir da sua relevância, da sua pertinência então a gente rompe com a idéia de pré-requisito e do conteúdo como um fim nele mesmo” (Luiza, Coordenadora do SEJA em 2000).

Segundo o ideário do SEJA, estes princípios visam transformar a escola e romper com o caráter utilitarista de formação do indivíduo para o mercado. Segundo informações obtidas através da coordenação do SEJA, eles visam proporcionar um processo de formação mais global, fundamentado em princípios políticos pedagógicos que norteiam toda a ação do coletivo de professores e alunos do SEJA.

O rejuvenescimento da população do SEJA é sentido pelos professores e equipe pedagógica, pois um contingente muito grande de jovens procura o SEJA para concluir seu Ensino Fundamental. Este depoimento da coordenadora do SEJA retrata tal situação.

“O rejuvenescimento é concreto, é real, isto é cada vez é mais acelerado, a gente tem um número maior de jovens e adolescentes a partir dos 15 anos, então hoje o aluno do SEJA não é somente aquele adulto, não é, aquele idoso que nunca foi a escola, ou que foi a escola quando era muito jovem e agora volta a escola, também é este, mas uma parcela muito grande é de jovens e adolescentes que não concluíram o seu ensino fundamental, no diurno, por diversas razões”.

É importante destacar que o SEJA em 1999 passa a categoria de Ensino Fundamental Regular para Jovens e Adultos⁴⁷. Essa mudança no caráter de suplência para fundamental regular, não interferiu no processo de ingresso e progressão do aluno, ou seja, na possibilidade de avanço a qualquer época do ano, na estrutura curricular do SEJA. Inclusive quando era ensino supletivo, existia uma obrigatoriedade de 400 horas de frequência do aluno pra passar das Totalidades iniciais para as Totalidades finais, sendo que para concluí-las ele também tinha que ter 400 horas. Estas mudanças visaram respeitar o ritmo de aprendizagem de cada aluno.

O SEJA funciona à noite nas escolas municipais⁴⁸ e segundo a sua coordenadora, ele não é somente um apêndice da escola, ele faz parte dela, usufruindo sua estrutura como um todo, com biblioteca aberta à noite, equipe pedagógica e coordenação, como ocorre normalmente numa escola diurna tradicional.

“O fato do SEJA fazer parte do turno da escola, provocou avanços bastante significativos, a escola hoje, através de suas equipes diretivas, proporciona um apoio maior ao trabalho executado no noturno, desde a estrutura, de ter que oferecer biblioteca sempre, ter a secretaria funcionando, uma pessoa da equipe diretiva, né, a própria relação com os alunos, a própria relação com professores do noturno do SEJA com os professores do diurno da escola, né, a troca de experiências, então isto tudo enriquece muito”.

⁴⁷ Contemplando, sobretudo as exigências do FUNDEF.

⁴⁸ No ano de 2000, o SEJA funciona em 29 escolas da Rede Municipal de Ensino e no Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire. Dados obtidos através da Coordenadora do SEJA.

Com o objetivo de visualizar melhor esta realidade, visitei uma escola municipal, que oferece educação para jovens e adultos e realmente verifiquei nesta escola que o rejuvenescimento desta população é evidente. Na tabela 1, observando o total de adolescentes e jovens em relação ao total de adultos, veremos este rejuvenescimento traduzido em dados.

Tabela 1: Total de Adolescentes, Jovens e Adultos na Escola Municipal⁴⁹.

Alunos	T1+T2+T3	T4+T5+T6
Adolesc.	17	60
Jovens	21	63
Adultos	41	55
Total	79	178

Alunos	Total	%
Adolesc.	77	30,0
Jovens	84	32,7
Adultos	96	37,3
Total	257	100

Fonte: Secretaria da Escola

Conforme a tabela, ao somarmos o número de adolescentes ao número de jovens teremos 62,7% dos alunos. Este dado comprova que, nesta escola, o rejuvenescimento desta população é real.

⁴⁹ Escola Municipal de 1º Grau Profa. Judith Macedo de Araujo. SEJA/Agosto de 2000. Fonte: Dados obtidos através da secretaria da escola.

O MOVA PORTO ALEGRE

O MOVA-PORTO ALEGRE, é o Movimento de Alfabetização de Porto Alegre, criado em 1997, implantado pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) em parceria com as mais diversas entidades da sociedade civil organizada⁵⁰. O objetivo principal do MOVA⁵¹ é reduzir significativamente o índice de analfabetismo na cidade de Porto Alegre.

Este movimento propõe-se resgatar a cidadania através da alfabetização e possibilitar o acesso ao conhecimento e ao mundo letrado à todos. Fundamenta-se nas concepções de Paulo Freire, nas quais o aluno não é visto somente como um receptor de conhecimentos, mas valorizado em suas vivências e nos saberes que traz para a sala de aula, reconhecido como sujeito de sua educação.

O MOVA em conjunto com o SEJA contribuiu para reduzir o índice de analfabetismo na cidade de Porto Alegre. Segundo dados do IBGE de 1996, o índice de analfabetismo em Porto Alegre foi reduzido de 5,06% (IBGE, 1990) para 3%. Esses 3% da população correspondem aproximadamente a 33 mil jovens e adultos analfabetos⁵².

⁵⁰ Este movimento foi inspirado nas ações realizadas pelo governo da cidade de São Paulo na gestão de Paulo Freire na Secretaria de Educação daquele Estado.

⁵¹ O MOVA-PORTO ALEGRE tem um maior número de alunas e de uma faixa etária superior aos 45 anos (PMPA/SMED/SEJA; 1998, p.171).

⁵² “Pelos números e critérios do IBGE (PNAD), tínhamos em 1990: 20.178.087 brasileiros e brasileiras com 10 anos e mais analfabetos ou incapazes de ler e escrever um bilhete simples e 46.681.581 com menos de 4 anos de estudo, patamar mínimo definido pela UNESCO para que alguém seja considerado alfabetizado” (Moll, 2000, p. 89).

O MOVA-PORTO ALEGRE funciona através de parcerias entre o município e as mais diversas entidades da sociedade civil, como: centros comunitários, associações de bairro, clube de mães, sindicatos, escolas de samba, centros esportivos, instituições religiosas entre outros.

As turmas do MOVA⁵³, que devem contar no mínimo com 15 alunos, são organizadas por entidades da comunidade, que ficam com a responsabilidade de fazer o levantamento das pessoas a serem alfabetizadas, conseguir o local apropriado para as aulas, organizar a turma e escolher o educador popular. Os custos e a assessoria pedagógica ficam sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação (SMED).

O CMET

Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire

Segundo informações obtidas pela equipe pedagógica do CMET, ele existe desde a formação do SEJA, tendo sido no início chamado de CEMEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos). O centro inicia com 20 turmas, algumas nos altos do Mercado Público e outras em escolas municipais, no turno da noite. Hoje atende cerca de 1000 alunos. O Decreto Municipal nº.11361, em 14 de novembro de 1995, cria e denomina o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores de Porto Alegre. Em 28 de novembro de 1997 pela Lei nº.8066 é alterada a denominação do centro para Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire.

⁵³ Existem 149 entidades conveniadas com a PMPA/SMED onde funcionam turmas do MOVA. Dados de outubro de 1999. (PMPA/SMED/SEJA; 1999, p.167).

Localiza-se no centro da cidade de Porto Alegre, com turmas de extensão em outros espaços. Podemos citar alguns departamentos municipais, como no DMAE (Departamento Municipal de Água e Esgoto) e na SMOV (Secretaria Municipal de Obras e Viação). Existem turmas, também, na Ilha Grande dos Marinheiros e na Escola Porto Alegre. Nas extensões o horário é organizado de acordo com a necessidade dos trabalhadores ou da comunidade assistida

O CMET é um espaço educativo destinado a educação de Jovens e Adultos, as turmas funcionam manhã, tarde e noite. A alfabetização são as chamadas Tiniciais (T1,T2 eT3) o que corresponderiam da 1^a a 4^a série do Ensino Fundamental. As T finais (T4,T5 e T6) corresponderiam da 5^a a 8^a série deste mesmo ensino. A proposta político-pedagógica é a mesma do SEJA. É importante salientar que o CMET é o único espaço do município que é somente para a educação de jovens e adultos.

O fenômeno do rejuvenescimento não é notado no CMET. Apesar de contar com alguns jovens nas turmas, a maioria são adultos.

“Se tu entras nas turmas, tu verás pouquíssimos jovens, né, os jovens que tem são manhã e tarde. A tarde tem um pouco mais, mas na manhã os jovens que tem seriam mais aqueles que vieram de escolas especiais, com necessidades educativas especiais, né, mesmo à noite aqui eu vejo que não há uma grande quantidade de jovens nas Tiniciais, mesmo nas T finais não há um rejuvenescimento. Durante o dia tem muita gente aposentada, muitas mulheres, muitas, muitas mulheres, tanto tarde quanto manhã. Alguns jovens que ingressam são jovens

que vem do abrigo, da FESC, são os da EPA, é uma característica específica aqui. Ele tem jovens, não é que não tenha, mas não é a grande maioria, agora eu te diria que não é a característica do SEJA todo, pois no SEJA, a maior presença dos jovens é no que equivale as T finais, pois as T iniciais tem jovens mas não é a maioria”(Ana, Apoio Pedagógico do CMET).

Realmente os dados numéricos obtidos no CMET confirmam as informações orais, pois neste Centro o número de adultos é bem superior ao de jovens e adolescentes. Os dados aqui apresentados são do primeiro semestre de 2000, mais precisamente de junho deste mesmo ano.

Tabela 2. Total de Adolescentes, Jovens e Adultos no CMET⁵⁴.

CMET	Junho/00	%
Adolesc.	129	11,00%
Jovens	270	22,30%
Adultos	800	66,70%
Total	1199	100%

Fonte: Secretaria do CMET

Conforme informações ali obtidas, as T finais são as etapas nas quais existe um maior número de jovens, são aqueles, em geral, que foram excluídos do ensino ‘regular’, recém egressos. Enquanto que, na alfabetização, são aqueles que não freqüentaram a escola ou abandonaram-na faz muito tempo.

É importante salientar que, após a abertura de algumas turmas das T finais no turno da tarde, começaram a surgir mais jovens. Segundo declarações obtidas através da equipe pedagógica do CMET, este fato já foi notado pelos professores e os mesmos já sentiram algumas implicações disso, pois os jovens possuem características diferentes dos adultos, e os problemas se dão, principalmente, no conflito de idade, de interesses e nas perspectivas que são diferentes dos alunos de mais idade.

“Eu estou percebendo que a angústia dos professores em trabalhar com jovens e com velhos é diferente, aqui a angústia maior é com os velhos, por não saber trabalhar com este processo cognitivo do mais velho, não é a questão da agitação. Agora nas duas T4, tarde, a gente começa a sentir a presença maior dos jovens, mas não é muito” (Ana, Apoio Pedagógico do CMET).

No CMET encontramos muitos jovens com necessidades especiais, com dificuldades educativas e que vieram de escolas especiais. Este jovem não é o mesmo que vem recém egresso da escola ‘regular’, que muitas vezes foi excluído pela indisciplina, pelas constantes reprovações ou por outros motivos circunstanciais.

“A gente sempre diz, que a escola parece ser para o aluno que aprende, né, o que é diferente, a gente tem que usar outras formas que ele aprende também, mas tem uma outra lógica, a escola não foi feita para estes alunos, então ele foi excluído e eles estão aqui” (Ana, Apoio Pedagógico do CMET).

⁵⁴ Fonte: Os dados foram obtidos através da secretaria do CMET./Junho de 2000.

No CMET encontramos turmas de surdos e no ano de 2000, começou um trabalho específico para os cegos. Existe uma professora cega na equipe multidisciplinar do CMET que apóia e trabalha com os professores que tem alunos cegos. Ela trabalha com oficinas só para os cegos, nas sextas à tarde. A oficina baseia-se em trabalhar com saberes que são necessários aos cegos e que são saberes que eles precisam desenvolver para a sobrevivência, saberes do cotidiano.

Essa professora classifica a oficina de “oficina de saberes cotidianos necessários”, como a maioria não é cego desde a infância, eles têm que reconstruir vários aprendizados, se aceitarem como cegos e saber que podem trabalhar, que podem levar uma vida como cegos, que precisam refazer seu mundo. A professora dá apoio, também, nos trabalhos pedagógicos, ajuda a traduzir os textos trabalhados em sala de aula em braile e realiza oficinas com os professores e com a equipe pedagógica.

Segundo informações da equipe pedagógica, em torno de 40% dos alunos, da manhã e tarde, tem necessidades educativas especiais. Inclusive existem turmas no turno da manhã, onde a maioria dos alunos tem necessidades educativas especiais.

“Este percentual é desde aqueles que tem dificuldades na área mental, com medicação, mas tem pessoas que aparentemente não tem nada, o mundo transformou, segundo o conceito que se tem, são pessoas que a gente tem que ter todo um trabalho de resgate tem gente que tá aqui desde o início do SEJA, desde 89 e não se alfabetizou, e a gente tem todo um trabalho de resgate desta

peessoa e a gente acha que ela tem direito de estar aqui, embora o tempo dela seja outro, entende, mas muito na área mental mesmo”(Ana, Apoio Pedagógico do CMET).

Essas turmas, onde a grande maioria é formada por alunos portadores de necessidades especiais, foram se constituindo conforme a chegada deles na escola, não houve uma organização prévia da coordenação.

A E P A

É a Escola Municipal de Porto Alegre, funciona desde 1995, destina-se a educação de meninos e meninas de rua, crianças e adolescentes, em situação de risco social. Localizada na região central da cidade de Porto Alegre.

Sua estrutura curricular é organizada em três Totalidades de Conhecimento. Trabalha na construção do conhecimento de forma interdisciplinar, considerando as vivências, o entorno e a realidade destes alunos. A EPA se propõe a resgatar estes meninos e meninas da rua, reintegrá-los à família e a comunidade de origem e posteriormente encaminhá-los para outras escolas para que os mesmos continuem os seus estudos.

5.2.2. Esfera Estadual

DEJA

Divisão de Educação de Jovens e Adultos

A política pública do Estado do Rio Grande do Sul para a Educação de Jovens e Adultos compreende basicamente o ensino supletivo ministrado nas Escolas Estaduais no turno da noite, os Centros de Estudos Supletivos (CES)⁵⁵, os Centros Rurais de Ensino Supletivo (CRES)⁵⁶, os Núcleos de Orientação do Ensino Supletivo (NOES)⁵⁷, o MOVA-RS⁵⁸ e os Exames Supletivos de Ensino Fundamental e Médio.

A Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul iniciou em 1999 um movimento de reflexão sobre as atividades educativas realizadas na rede pública estadual de ensino. Este movimento, denominado de Constituinte Escolar, contou com a participação da comunidade escolar, de entidades da sociedade civil e de instituições do poder público.

⁵⁵ CES- Centro de Estudos Supletivos. Educação Geral, em nível de 1º e 2º graus, atualização de conhecimentos, qualificação profissional, estudo presencial e à distância. Existe CES em Porto Alegre e quatro no interior (Caxias do Sul, Cruz Alta, Santo Ângelo e Rio Grande).

⁵⁶ CRES- Centro Rural de Ensino Supletivo. Preparação profissional para o meio rural, educação geral em nível de 1º e 2º graus, com metodologia de ensino presencial e à distância. Existem cinco CRES no Estado (Santa Cruz do Sul, Santa Rosa, Bom Progresso, Caçapava do Sul e Carazinho).

⁵⁷ NOES- Núcleo de Orientação do Ensino Supletivo. Orientação para estudos de 1º e 2º graus, preparação para Exames Supletivos, atualização de conhecimentos, estudo presencial e à distância.

⁵⁸ O MOVA-RS é um compromisso do atual governo (Governador Olívio Dutra) com a população de Jovens e Adultos analfabetos.

Este movimento de reflexão contemplou também a Educação de Jovens e Adultos e alguns compromissos, nesta área, já estão sendo percebidos em ações como o MOVA-RS e mudanças nos Exames Supletivos, pois estes existem desde a década de 70 e desde a sua criação praticamente nada foi alterado, apesar do freqüente fracasso dos alunos na sua realização. Isto pode ser observado nas tabelas que se seguem.

Tabela 3. Exames Supletivos – Ensino Fundamental

Ano	Candidatos	Exames requeridos	Comparecimento	Aprovações	% - Aprov.
1995	11.421	43.560	25.999	4.387	16,87
1996	12.438	46.026	27.571	8.494	30,81
1997	20.130	78.578	50.410	14.991	29,73
1998	59.769	269.141	137.356	35.826	26,08
1999	61.708	274.724	135.320	45.017	33,33

Fonte: SEC-RS. Departamento Pedagógico. DEJA.

Tabela 4. Exames Supletivos – Ensino Médio

Ano	Candidatos	Exames requeridos	Comparecimento	Aprovações	% - Aprov.
1995	11.038	56.457	34.497	7.280	21.10
1996	11.304	56.946	33.910	6.705	19.77
1997	16.511	98.388	53.078	19.487	36.71
1998	58.242	446.902	195.336	26.965	13.80
1999	38.885	252.575	139.220	27.702	19.75

Fonte: SEC-RS. Departamento Pedagógico. DEJA.

Comprova-se que a aprovação é baixa, principalmente no que se refere ao Ensino Médio. Neste contexto, sabemos que existem menos escolas de ensino médio no Estado, tanto regular como de ensino supletivo, fazendo com que muitos jovens optem por um ensino supletivo privado, ou outra instância nesta área, pois precisam e desejam continuar seus estudos.

Com o objetivo de superar essa realidade a DEJA coordenou um grupo de 30 professores para debaterem o processo e constituírem alternativas que pudessem minimizar e superar estes índices. A elaboração das provas ficou sob a orientação da equipe pedagógica da DEJA. Para o estudo das disciplinas existe uma bibliografia básica e algumas de apoio, para que o candidato possa se preparar de uma maneira mais adequada para os exames supletivos.

Estas mudanças visam garantir ao cidadão o direito de acesso à educação de Ensino Fundamental e Médio àqueles que, por diversos motivos, não puderam concluir sua escolarização nos moldes tradicionais.

O MOVA-RS

O MOVA-RS é o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Fundamenta-se nas concepções de Paulo Freire, propondo uma alfabetização libertadora.

Funciona através da parceria entre a Secretaria de Educação do Estado e as mais diversas entidades da sociedade civil organizada e prefeituras⁵⁹.

O governo do Estado, através da Secretaria de Educação, fica responsável pela formação pedagógica e pelo repasse de custos. À sociedade civil cabe a organização das turmas e a indicação dos Educadores Populares⁶⁰ e Apoiadores Pedagógicos Populares⁶¹. A coordenação geral fica sob a responsabilidade da Divisão de Educação de Jovens e Adultos (DEJA).

Segundo dados da Secretaria de Educação e Cultura, o índice de analfabetismo no estado é de 8,9%⁶². A meta do MOVA-RS é formar, até o ano de 2002, aproximadamente 18 mil turmas de alfabetização. Após o processo de alfabetização, os alfabetizandos⁶³ deverão ser encaminhados para a rede estadual de ensino ou outra instância para a continuação de sua escolarização.

⁵⁹ O MOVA-RS, está sendo desenvolvido pelo governo do Estado, aos moldes do que está sendo feito em Porto Alegre desde 1997, através de sua Secretaria de Educação, desde 1999, em parceria com Associações de Bairro, Clube de Mães, Universidades, Sindicatos, Empresas, Grupos Religiosos, Sociedades Esportivas e etc.

⁶⁰ Os educadores populares devem conhecer bem as pessoas e os lugares da comunidade onde serão organizadas as turmas.

⁶¹ Os apoiadores serão responsáveis pela formação pedagógica dos educadores. Devem ter o 2º grau completo ou estar cursando magistério.

⁶² Segundo dados da SEC-RS (2000), o Rio Grande do Sul é o estado brasileiro com o menor índice de analfabetismo. Existem no Estado 646.000 pessoas, com idade acima de 15 anos que não sabem ler ou escrever.

⁶³ São aqueles que, a partir dos 14 anos, não sabem ler ou escrever ou dominam pouco estes saberes. O público alvo prioritário são mulheres e idosos (MOVA/RS, 2000).

5.3 Os Dados e o Rejuvenescimento em Âmbito Estadual

Grande parte dos dados, sobre o ensino supletivo oferecido pelo Estado, está registrado numa publicação, editada pelo governo estadual, onde constam todas as estatísticas educacionais da SEC/RS, entretanto convém destacar que, apenas a partir de 1992, os dados do ensino supletivo começam a fazer parte desta publicação e que a mesma teve sua publicação mantida somente até o ano de 1996⁶⁴.

É importante observar que os projetos oferecidos pelo Estado foram perdendo alunos no decorrer do tempo. Sabendo que a demanda destes alunos cresce a cada ano, pergunta-se: para onde estão indo estes alunos? Talvez aí esteja uma das explicações para o aumento, cada vez maior, no número de alunos, principalmente jovens, nas escolas de ensino supletivo privadas. O que também fica evidente nas próximas tabelas.

⁶⁴ Os dados após 1996, registrados nas próximas tabelas foram obtidos junto a Divisão de Educação de Jovens e Adultos/DEJA. SEC/RS. 2000.

Tabela 5. Matrícula Inicial por Modalidades. Mês/03

Modalidade	1992	1993	1994	1995	1996
Projeto Ler⁶⁵	16719	9272	9961	8287	8679
1º. Grau	40873	44127	43477	44490	27167
2º. Grau	12896	14228	14532	20235	12367
Docentes Leigos	834	134	219	73	-
Qualif. Profis.	79	40	80	-	254
CRES	5409	3072	2781	2502	75
CES	13633	84011	76343	9831	7651
NOES	81161	81837	61258	15567	4750
Total	171604	236721	208651	100985	60943

Fonte: SE/DG/DINF/DEPLAN

O Ensino Supletivo Fundamental, atualmente, é oferecido em 48 locais da capital e em 395 locais espalhados pelo interior do Estado, enquanto que o Ensino Supletivo Médio é oferecido em 43 locais na capital e em 389 no interior⁶⁶, perfazendo um total de 875 estabelecimentos.

⁶⁵ “O Projeto LER (Lendo e Escrevendo Rio Grande) foi implantado em 1990 pelo governo do estado do RS para alfabetização e pós-alfabetização de jovens e adultos. O CES (Centros de Estudos Supletivos), CRES (Centros Regionais de Ensino Supletivo) e NOES (Núcleos de Orientação ao Ensino Supletivo são modalidades supletivas implantadas no RS na década de 1970, decorrentes da lei 5692/71” (Moll, 2000, p. 90).

⁶⁶ Estes dados são do ano de 2000, obtidos através da Divisão de Educação de Jovens e Adultos.

Os dados da próxima tabela⁶⁷ mostram que houve uma diminuição no número de estabelecimentos escolares, de 1992 a 1996. Entretanto, o número atual dos estabelecimentos, aumentou em relação ao ano de 1996, mas continua um pouco menor que em 1992. A tabela nº 7 mostra que o número de regentes de classe também teve um decréscimo considerável nesta modalidade de ensino.

Tabela 6. Estabelecimentos de Ensino Supletivo

Ano	Total
1992	877
1993	887
1994	958
1995	695
1996	507

Fonte: Estatísticas Educacionais SEC-RS

Tabela 7. Regentes de Classe Ensino Supletivo

Ano	Total
1992	3686
1993	3153
1994	3193
1995	3100
1996	3159

Fonte: Estatísticas Educacionais SEC-RS

⁶⁷ Tabelas 6 e 7 Fonte: Estatísticas Educacionais SEC-RS. Unidade de Informática (1992, 1993, 1994, 1995 e 1996).

É interessante notar que, atualmente, existem 2914 estabelecimentos de Ensino Fundamental e apenas 717 de Ensino Médio⁶⁸. Sem dúvida são poucas as escolas 'regulares' de ensino médio, o que faz com que muitos alunos procurem o ensino supletivo privado para a conclusão de seu curso, principalmente aqueles que reprovaram mais de uma vez ou abandonaram a escola, dificultando assim sua vaga na escola pública.

O rejuvenescimento da população que frequenta a educação de jovens e adultos, em âmbito estadual, é constatado nos dados numéricos, representados aqui por tabelas, que demonstram um aumento considerável no número de jovens e adolescentes no Ensino Fundamental e Médio nesta área.

Nas tabelas 8 e 9⁶⁹ teremos uma visão geral do número de alunos, adolescentes, jovens e adultos, por idade no Ensino Supletivo Fundamental e Médio.

⁶⁸ Informações Estatísticas. Mês 03/2000. SEC-RS Total do Estado, Rede de Ensino Estadual.

⁶⁹ Tabelas 8 e 9. Fonte: SEC-RS. Informações Estatísticas: Mês: 03, Anos: 1996, 1997, 1998 e 1999.

Tabela 8. Matrícula Inicial por Idade – Ensino Fundamental

Idade	1996	1997	1998	1999
>15	4540	5164	5110	4412
15-18	25695	33355	32769	31263
19-25	20062	24267	25404	26095
26-30	8262	10139	11720	13182
31-35	5634	7198	9189	9537
<35	7251	9952	13230	14971
Total	71444	90075	97422	99460

Fonte: Estatísticas Educacionais SEC-RS

Tabela 9. Matrícula Inicial por Idade – Ensino Médio

Idade	1996	1997	1998	1999
>15	141	15	28	82
15-18	4142	4461	5050	5816
19-25	21684	23644	25889	28798
26-30	8361	8321	10094	11860
31-35	4663	4681	6139	7742
<35	3773	4685	6400	7969
Total	42764	45807	53600	62267

Fonte: Estatísticas Educacionais SEC-RS

Para melhor visualização do fenômeno, vamos observar as tabelas 10,11,12 e 13⁷⁰. Nestas tabelas os dados correspondem aos anos de 1996 a 1999, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

Tabela 10. Ensino Supletivo Fundamental – Adolescentes + Jovens

Idade	1996	1997	1998	1999
>15	4540	5164	5110	4412
15-18	25695	33355	32769	31263
19-25	20062	24267	25404	26095
Total	50297	62786	63283	61770

Fonte: Estatísticas Educacionais SEC-RS

Tabela 11. Ensino Supletivo Fundamental – Adultos

26-30	8262	10139	11720	13182
31-35	5634	7198	9189	9537
<35	7251	9952	13230	14971
Total	22047	37241	34139	37690

Fonte: Estatísticas Educacionais SEC-RS

⁷⁰ Tabelas 10, 11, 12 e 13. Fonte: SEC. Informações Estatísticas: Mês: 03(1996, 1997, 1998 e 1999).

Tabela 12. Ensino Supletivo Médio – Adolescentes + Jovens

Idade	1996	1997	1998	1999
>15	141	15	28	82
15-18	4142	4461	5050	5816
19-25	21684	23644	25889	28798
Total	25967	28120	30967	34696

Fonte: Estatísticas Educacionais SEC-RS

Tabela 13. Ensino Supletivo Médio – Adultos

26-30	8361	8321	10094	11860
31-35	4663	4681	6139	7742
<35	3773	4685	6400	7969
Total	16797	17687	22633	27571

Fonte: Estatísticas Educacionais SEC-RS

Observa-se nestas tabelas que, o total de alunos que se encontram na faixa dos 15 aos 25 anos é superior a faixa dos alunos com idade superior a 26 anos. Fica evidente, também, que o número de jovens e adolescentes aumenta a cada ano nesta modalidade de ensino, mas cabe salientar que, o número de adultos que procuram o ensino supletivo para a conclusão de seus estudos também está aumentando.

Outro dado importante a considerar é que, o total de jovens e adolescentes no ensino supletivo fundamental público é bem maior que o total de jovens e adolescentes que freqüentam o ensino médio nesta modalidade. Entretanto na escola de ensino supletivo privada, onde foi realizada a pesquisa com os jovens, o número de alunos no Ensino Médio é bem superior ao número dos alunos do Ensino Fundamental⁷¹.

Estes dados nos levam a crer que uma grande parte dos alunos que precisam terminar o Ensino Médio procuram as escolas privadas. A diminuição dos estabelecimentos de ensino supletivo públicos no Estado, em relação a anos anteriores e a diminuição no número de professores desta modalidade, talvez nos indiquem pistas para entendermos os motivos pelos quais muitos jovens procuram as escolas de ensino supletivo privadas, para a conclusão de seus cursos, principalmente, no que se refere aos cursos de ensino médio.

O rejuvenescimento, nesta fala, reforça a constatação deste fenômeno.

“Eu acho que a escola de jovens e adultos, a educação de jovens e adultos né, tem o mercado de trabalho exigindo, quem trabalha em escola privada, o supletivo privado sabe mais que ninguém, e nós que trabalhamos também com exames supletivos. A gente tem uma demanda enorme de jovens que nem sabem o que estão fazendo ali, mas querem o certificado para poder se garantir no emprego ou terem acesso ao emprego, logo fazendo o 2º grau para se garantir no emprego porque as empresas querem o selo de qualidade. Para isso tem que ter os funcionários qualificados. Bom, já nem

⁷¹ No capítulo 6, encontramos os dados da escola de ensino supletivo privada.

admitem, né, o analfabeto. Estas são algumas das condições que estão dadas aí. Hoje, os professores já estão mais habituados com isso, mas eu lembro que três ou quatro anos atrás no SEJA em Porto Alegre, os professores já estavam ficando enlouquecidos e apavorados porque eles foram pro SEJA ou estão na Educação de Jovens e Adultos pra trabalharem com os velhinhos, né, chegavam de noite, já tinham trabalhado durante o dia com as crianças, a noite encontravam os adultos cansados, bem quietos na sala de aula e a garotada, hoje, já tomou conta”(Laura, Equipe de Coordenação da DEJA).

Nesta fala fica evidente, a presença de jovens, na Educação de Jovens e Adultos na esfera estadual, e a necessidade cada vez maior desses jovens qualificarem-se para o mercado de trabalho, cada vez mais exigente e competitivo e, cabe ressaltar, como esta realidade vem interferindo e modificando o cotidiano de professores e alunos.

6 ESCOLA SUPLETIVA: UM ESPAÇO DE VIVER E DE EDUCAR

Este capítulo tem por objetivo localizar o leitor, basicamente, no campo do ensino supletivo privado⁷², já que no anterior nos detivemos em espaços que oferecem Educação de Jovens e Adultos no que refere ao ensino público. Para tanto, em um primeiro momento vou expor minha experiência nesta área, para depois, a partir das falas dos jovens e professores que compõem este universo, tentar entender o fenômeno do rejuvenescimento da população que frequenta o ensino supletivo.

Em 1989 fui contratada como professora por uma escola de ensino supletivo privada, apesar de já trabalhar neste local como professora substituta em curso de férias, em projetos com os alunos e como monitora da área de Ciências desde 1987. Iniciei lecionando para duas turmas, uma no turno da manhã e outra no turno da noite para, posteriormente, assumir mais turmas e passar a trabalhar no turno da tarde.

⁷² Segundo dados obtidos pelo SINPRO (Sindicato dos Professores do RS/Ensino Privado) existem 75 escolas de ensino supletivo cadastradas nesta instituição. Este total não retrata o total de escolas que oferecem ensino supletivo, pois quando uma escola de ensino 'regular' privado se cadastra e ela também oferece ensino supletivo, ela é registrada somente como escola regular. Como existem muitas escolas privadas neste caso, ficou impossível registrar o total das escolas que oferecem ensino supletivo nesta esfera.

Outra experiência importante a salientar foi o convite para ser coordenadora desta escola no turno da noite, trabalho que ocorreu de agosto de 1995 a setembro de 1996. Esta experiência me possibilitou conhecer melhor as dificuldades dos alunos, tanto dentro como fora da sala de aula, pois durante este período continuei trabalhando como professora. Em 1994 comecei a lecionar, também, na escola onde foi realizada a pesquisa com os alunos, denominada aqui, de Escola de Ensino Supletivo A.

Os relatos iniciais aqui apresentados advêm da minha experiência nestes anos como professora, ininterruptamente, de ensino supletivo privado.

Quando comecei a lecionar no ensino supletivo, a escola era somente de Ensino Médio e os alunos, conseqüentemente, eram maiores de idade. Com o tempo, esta escola passou a oferecer as séries finais do Ensino Fundamental, possibilitando assim, o acesso de alunos de quinze anos⁷³, idade mínima para o ingresso do aluno no ensino supletivo. Este dado, com certeza, estimulou a procura por esta modalidade, não só por jovens, mas por adolescentes também.

⁷³. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sob o nº. 5692, promulgada em 1971, em seu Capítulo IV, dedicado ao ensino supletivo determinava que as idades mínimas para o ingresso nos anos finais do 1º. Grau (Ensino Fundamental) e do 2º. grau (Ensino Médio) eram de 18 e 21 anos, respectivamente. A nova LDB sob o nº. 9394/96, no que se refere a Educação de Jovens e Adultos determina que a idade mínima para o ingresso nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio, é de 15 e 18 anos, respectivamente. O Parecer nº. 774/99 do Conselho Estadual de Educação reitera a lei determinando que a idade mínima para o ingresso no ensino supletivo fundamental e médio, com metodologia própria para jovens e adultos, é de 15 e 18 anos, respectivamente.

Com o passar do tempo fui observando que mudanças significativas foram acontecendo neste espaço. Quando comecei a trabalhar no ensino supletivo os alunos eram, na sua maioria, adultos, o objetivo maior era recuperar o tempo perdido, pois muitos deles tinham parado há muito tempo de estudar. A conclusão do Ensino Fundamental ou Médio abria portas para um emprego melhor ou a oportunidade de promoção no seu emprego. Voltar à escola 'regular' para muitos era difícil, a vantagem maior era a conclusão dos estudos num curto espaço de tempo, o que só o supletivo permitiria.

O supletivo também facilitava, principalmente aos mais velhos, uma relação de amizade e de ajuda mútua que dificilmente eles conseguiriam numa escola 'regular', mesmo esta sendo noturna, pois a faixa etária dos alunos destas escolas, em geral, era menor que a do supletivo privado.

O ensino supletivo privado, alguns anos atrás, era realizado majoritariamente em estabelecimentos com características semelhantes a cursinhos pré-vestibulares, que somente preparavam os alunos para os Exames Supletivos da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, não podendo os mesmos emitir certificados de conclusão de seus cursos.

Atualmente⁷⁴ a maioria destes estabelecimentos passaram à categoria de Escola de Ensino Supletivo, sendo possível realizarem

⁷⁴ O Parecer nº. 774/99 nos esclarece: "à escola caberá prever e organizar procedimentos de avaliação apropriados em períodos adequados ao longo do desenvolvimento do currículo, capazes de verificar o grau de conhecimento e adiantamento do aluno, permitindo-lhe avanços progressivos quando demonstrar aptidão para tal".

avaliações em suas sedes. Esta autorização possibilitou a estas escolas emitirem certificados oficiais, reconhecidos pela SEC/RS, de conclusão de seus cursos. Desta maneira, as escolas tiveram que se adaptar às exigências legais de ampliação de seu espaço físico, aumento de carga horária das disciplinas, de disponibilização de espaços para bibliotecas e laboratórios, transformando aquele ambiente de "cursinho" em um ambiente escolar com características de escola 'regular'⁷⁵.

A implementação destas mudanças não alterou algumas características próprias do ensino supletivo, pois este tipo de ensino possui um diferencial e uma caracterização específica. Observamos isto, por exemplo, na estrutura física das escolas, muitas vezes em prédios comerciais e a maioria deles próximos aos centros urbanos; na duração dos seus cursos, em geral menores que dos supletivos públicos; nos regimentos escolares; na metodologia usada, voltada a um público que, em geral, prioriza o mercado de trabalho e na maior flexibilidade nos seus currículos e, principalmente, segundo a fala de alunos e professores, o ambiente escolar, a relação de amizade entre professores e alunos, a diversidade dos alunos em sala de aula e a relação afetiva que se cria entre eles no decorrer do curso⁷⁶.

⁷⁵ "O Parecer nº.323/99, do Conselho Estadual de Educação em seus subitens 5.4 e 5.5, trata do ambiente escolar e de seus recursos didáticos, demonstrando com clareza o quanto são importantes. Assim, os laboratórios de Ciências e Informática bem como o acervo bibliográfico em número suficiente e adequado à faixa etária dos alunos e aos componentes curriculares são recursos imprescindíveis para o desenvolvimento do Ensino Fundamental e /ou Médio, seja qual for a clientela a que se destinam. Quando a clientela envolvida for o jovem ou o adulto, a escola deve considerar suas particularidades e grau de desenvolvimento biopsicosocial, tendo a compreensão de que o que é bom para a criança e o adolescente nem sempre o será para aquele que, na maioria das vezes, já é trabalhador"(Parecer CEED nº. 774/99, p. 7).

⁷⁶ O Parecer nº. 774/99 na página nº.5 diz "para esta clientela, face à diversidade de características e, com isso, a ausência de uniformidade quanto às necessidades, a escola deve prever a seqüência mais adequada de tratamento dos componentes curriculares em espaços ou módulos de tempo, possibilitando ao aluno transitar por este currículo de acordo com o seu "tempo próprio" de construção das aprendizagens".

Estas características encontradas, freqüentemente, nesta modalidade de ensino atraem os jovens e são determinantes na escolha e continuação deles neste espaço. As falas que seguem dão uma idéia da relação dos professores com os alunos, da preocupação deles com o currículo a ser trabalhado em sala de aula e da relação afetiva que os professores procuram manter com os alunos.

“Ultimamente nos supletivos eu tenho notado que os alunos vem cada vez mais jovens, isto acarreta para o professor lidar com esta juventude, esta falta de maturidade que muitos deles expressam, né, e o professor tem dentro da sala de aula estes alunos, que estão despreparados emocionalmente pra encarar a responsabilidade que eles tem de ver em pouco tempo os conteúdos que eles precisam, e não de qualquer jeito, mas de uma forma que dê elementos para eles seguirem a vida deles adiante, fazer um vestibular, cursar uma faculdade, de refletir, de fazer as ligações e principalmente de ter a responsabilidade do que eles estão fazendo na sala de aula”(Profa.Rita. E.E.Supletivo A).

“Tem alguns que realmente não entendem a matéria, eles dizem: olha eu rodei em Física no meu 2º grau, eles tem muita dificuldade, eu procuro contornar isso aí, não passando a mão por cima, mas procurando sempre relacionar o nosso conteúdo de sala de aula com o dia a dia deles. A gente procura relacionar alguma coisa do cotidiano deles, não é, com o conteúdo em sala de aula”(Prof.Vilmar. E.E.Supletivo A).

“(…)se tu pegar pelo lado afetivo eles respondem. Até, os meninos que sentam no fundo, teve um torneio de Ed. Física, eu participei do torneio, aí aquele pessoal do fundo eles formaram um time, então aqueles rebeldes, bem rebeldes, aí eu tava no torneio, deu uma briga com o time deles, eu fui lá e separei, separei todo mundo né, e aí eles disseram: então senta e vem olhar pro nosso time, porque eu tava do outro lado e aí eu fui pro lado do time deles, e comecei a torcer: “pára de brigar, vai Felipe”, né, que era o brigão, daqui a pouco terminou o jogo eles vieram, sentaram, me abraçaram, ficaram abraçados ali comigo,

pareciam outras pessoas”(Inês, Orientadora Educacional. E.E.Supletivo A).

Nestas falas, observa-se a atitude compreensiva dos professores em relação aos alunos, no que diz respeito ao conteúdo e aos problemas emocionais que eles trazem para o cotidiano escolar, em geral, é uma característica dos professores do ensino supletivo. Isto ficou evidenciado nas entrevistas e depoimentos por escrito de alunos e professores no decorrer da pesquisa.

Nos últimos três anos, principalmente no diurno, percebe-se um aumento considerável de jovens no ensino supletivo. Esta é uma realidade nova que exige do professor um novo olhar sobre estes alunos, pois estes são, na maioria, recém egressos da escola 'regular'.

Não podemos esquecer que este professor estava acostumado com alunos não tão jovens e que, em geral, tinham parado muito tempo de estudar. Em contrapartida, esta realidade também não é fácil para o aluno, pois este encontra um ambiente diferenciado da sua escola de origem.

“Muitos casos aqui, são jovens com problemas anteriores no seu processo de ensino e que os pais já não aceitam a continuidade deles no ensino tradicional, às vezes funciona como uma espécie de punição, ou como uma alternativa assim de última chance. Então para mim dificulta muito o trabalho do professor, porque se nós temos em conta que o ensino supletivo não é uma mera formalidade de dar um diploma fictício mas o de realmente preparar jovens e adultos para um mundo muito mais competitivo, moderno, seletivo, né, onde há problemas de desemprego, de

qualificação, então essa é a grande temática do ensino supletivo, quanto mais se integra jovens do ensino tradicional, mais aumenta os problemas da parte valorativa e de socialização, e o trabalho de socialização feito no supletivo diminui muito a carga da parte cognitiva que muitos precisam para ter acesso ou manter uma opção de trabalho”(Prof. Leonardo, E.E. Supletivo A).

Sem dúvida, trabalhar com estes alunos, cada dia mais jovens, é um desafio para os professores. Entretanto, a partir da fala deste professor, percebe-se que existe nele uma vontade muito grande de realizar um trabalho sério e competente, sem esquecer o ético e o humano.

Ficou visível que nesta modalidade, apesar de todos os problemas inerentes à condição de suplência, verifica-se um ambiente favorável para o trabalho com as diferenças individuais, e observa-se um sentimento de compreensão por parte dos professores e alunos quanto aos problemas que se apresentam nesta ‘caminhada’. Neste sentido os professores dizem:

“Muita gurizada, eles vem carentes, querem chamar a atenção. Porque tu podes ver, se tu sabes ganhar, tem que saber ganhar esta gurizada, saber levar eles. Eu acho que isto é carência”(Prof. Mônica. E.E. Supletivo A).

“(…)mas o pessoal é muito bom, muito atencioso, muito preocupado, né, muitos trabalham, então a gente já vê um certo comprometimento, por isso eu digo, que me chama a atenção porque entregam a tarefa, quando não entregam vêm justificar, e às vezes a justificativa é muito boa e ganham uma segunda chance, né, porque trabalham o dia inteiro, têm filhos, é uma realidade bastante difícil, né” (Prof. Clara. E.E. Supletivo A).

“Outra questão também, tu tens que estar muito preparada porque às vezes surge problemas, eles se desentendem, ou eles te respondem, te agridem, e tu tem que estar bem embasada, pra ti poder não deixar que este aluno tome conta da tua aula, ou estragar toda a tua turma, né, tu tem que ter um apoio psicológico por trás, então pra isso o professor do supletivo tem que estar sempre lendo, não é, ele tem que ter um conhecimento mais pedagógico, mais psicológico, além do conteúdo que ele trabalha, senão ele não faz um bom trabalho” (Profa. Beatriz. E.E. Supletivo A).

O professor que se depara com esta realidade precisa trabalhar com várias dificuldades. Podemos citar o espaço físico que, mesmo com as mudanças ocorridas neste local, em geral, restringe o trabalho do professor, pois se este resolver simplesmente mudar a posição das cadeiras em sala de aula, sem dúvida causará transtornos, pois na maioria das turmas, ainda existem muitos alunos. A dificuldade de conhecer todos os alunos individualmente e saber de seus problemas mais imediatos é outra realidade que o professor deverá enfrentar.

Este ambiente que se propõe democrático, constatado em anos de experiência, segundo a fala de professores, alunos e equipe pedagógica da escola, e até de ajuda mútua, não é observado somente no campo da aprendizagem, existe uma cumplicidade também na área afetiva, pois de alguma maneira todos estes alunos possuem, em comum, alguma problemática que os coloca em uma situação semelhante.

“Eu creio que o aluno vem para o ensino supletivo, né, deixando a escola regular porque ele assim, na escola regular ele é muito mais cobrado

no sentido de ser igual aos outros, apresentar as mesmas maneiras, o mesmo comportamento e o adolescente hoje, o jovem ele não aceita mais certas coisas, e aqui ele tem mais liberdade, aqui conosco eles podem chegar e conversar e contar os problemas deles, não que o professor da escola particular ou do Estado não tenha essa intenção também, ele tem, só que não deixam ele fazer isso né, eles não podem perder tempo, conversando com o aluno, nós temos essa liberdade, nós professores do supletivo temos”(Profa. Beatriz. E.E. Supletivo A).

“O professor de supletivo é um professor bem diferente, ele é bem mais flexível que o professor das escolas normais, né, é um professor mais aberto a conversa com o aluno e o aluno sente isso e ele acaba gostando, principalmente o pessoal do turno da tarde, eu vejo a necessidade que eles tem de conversar sobre a vida deles, pois eles te olham meio como amiga, de conversar as coisas que acontecem no final de semana, nas férias, sobre os namorados, trazer foto dos namorados, isto acontece muito”(Profa. Fabiana. E.E. Supletivo A).

“Minha relação com os professores é muito boa, adoro todos os que me dão aula e há alguns que marcaram muito pra mim, vou sentir falta. Hoje, aqui na escola, conheci muitas pessoas, tenho prazer em ir à aula. Fiz amizades que tenho certeza que vão durar por muito tempo, vou sentir falta da minha escola”(Lúcia, aluna, 22 anos).

Na fala dos professores, percebe-se que o tempo que eles dispõem em sala de aula não é somente para a transmissão de conhecimentos, mas também para o diálogo com os alunos. Ouvi-los, oportunizar que eles falem da sua vida, dos seus sentimentos e das suas problemáticas também é importante neste contexto.

Em uma escola de ensino supletivo privada encontramos os mais diversos tipos de alunos. São alunos com histórias diferentes, mundos diferentes e comportamentos diferentes. Encontramos alunos que

pararam de estudar por dificuldades financeiras; alguns porque reprovaram mais de uma vez, outros que na adolescência desistiram dos estudos porque achavam que a escola naquele momento não era prioridade para eles. O trabalho, as festas, a rua, as amizades e os amores eram mais importantes naquela fase da vida, e hoje o ensino supletivo apresenta-se como a alternativa mais rápida para a retomada da caminhada escolar.

“Eu escolhi o supletivo, porque fui reprovado 3 vezes no 2º.grau”(Luiz, 19 anos).

“Optei pelo supletivo, pelo curto período de ensino para concluir o 2º. grau, e quando parei de estudar foi devido ao falecimento de meus pais”(Marcos, 23 anos)

“Eu optei pelo supletivo, porque estava atrasada na escola 3 anos, reprovei 3 vezes por descuido e preguiça de estudar. Parei de estudar um ano quando estudava no coleginho, parei de estudar porque comecei a ‘fumar’ e jogar Ping-Pong”(Flávia, 18 anos).

“Escolhi o supletivo, porque a escola em que eu estudava entrou em greve”(Cibeli, 19 anos).

“Optei pelo supletivo, porque desejo terminar rapidamente meu 2º grau, pois em 1999 não estudei porque servi o exército”(Afonso, 19 anos).

“Vim pro supletivo, depois que parei de estudar. Eu parei porque mudei de escola”(Neila, 18 anos).

Na fala destes jovens, fica evidente que não existe somente um motivo que possa explicar o rejuvenescimento desta população. Vários são os fatores que fazem com que estes jovens optem pelo ensino supletivo. Nestes depoimentos foi possível identificar fatores cognitivos, pessoais, emocionais. A necessidade de recuperar o tempo perdido, as reprovações, os “problemas” com a escola pública, devem ser considerados neste contexto.

Apesar da constatação do rejuvenescimento desta população, ainda encontramos muitos adultos no ensino supletivo, principalmente no noturno. Encontramos policiais civis e militares, funcionários públicos, profissionais liberais ou assalariados, garotas de programa, jovens em busca de emprego. Nos três turnos encontramos jovens com dificuldades graves de aprendizagem (alunos que provavelmente seriam classificados em outras escolas como alunos especiais); alunos com deficiência visual e de locomoção e também jovens e adolescentes com históricos de violência e passagem por instituições para menores infratores.

Encontramos algumas mulheres que pararam de estudar porque casaram e dedicaram-se exclusivamente ao marido e aos filhos; moças que desistiram de estudar porque engravidaram na época da escola, e hoje estas mulheres e estes homens retornam aos estudos pois desejam recuperar a auto-estima perdida ou porque precisam qualificar-se para o mercado de trabalho.

“Vê o meu caso, o tempo que eu perdi, eu já podia tá estudando lá, sei lá onde, né, mas o caso é que eu casei, tive dois filhos, e aí tu te acomoda de vez, né, com 23 anos tive o primeiro, daí eu parei de vez, com filho pequeno tu não estuda, é difícil”(Clarice, 34 anos).

“Parei de estudar faz 12 anos. Não tinha condições financeiras e em 1992 eu tive um filho” (Luisa, 29 anos) .

“Optei pelo supletivo, porque eu já passei da idade de estudar na escola normal, quando eu parei de estudar foi para trabalhar”(Lilian, 35 anos).

“Eu escolhi o supletivo, pela rapidez, porque eu parei de estudar em 1995, em função de casamento, gravidez”(Alicia, 21 anos).

Os jovens, apesar da pouca idade, também sentem a necessidade de recuperar o tempo perdido, mesmo que esse tempo seja de apenas dois ou três anos, pois eles precisam e desejam o quanto antes entrar no mercado de trabalho ou fazer um vestibular.

“Eu optei pelo supletivo porque perdi 2 anos brincando, só agora vi que estes 2 anos foram decisivos na hora que vou fazer uma entrevista para um estágio ou emprego de meio turno. Resumindo perdi tempo, hoje eu já poderia estar no 4º semestre da faculdade à noite e trabalhando ao mesmo tempo em algum escritório ou loja” (Hélen, 18 anos).

“Eu vim para o supletivo porque eu repeti, e daí eu tinha que terminar para fazer vestibular, acho que foi muito importante, eu conheci muitos amigos, foi muito bom” (André, 18 anos).

“Eu vim pro supletivo porque eu fiquei dois anos sem estudar, pra mim o supletivo me quebrou um galho, pra mim terminar mais rápido, porque eu pretendo fazer um vestibular, né, entrar para a faculdade” (Gilson, 18 anos).

Os problemas sociais e econômicos agravados no decorrer dos anos se verificam na sala de aula quando observamos as angústias e inquietações desses jovens em relação à realidade atual brasileira e ao seu futuro. Infelizmente, estes refletem em sala de aula, gerando, muitas vezes, a evasão escolar por questões financeiras, fazendo com que muitos destes alunos novamente adiem a volta à escola.

A partir da constatação de que o aluno ingressa no supletivo cada vez mais cedo, observa-se que, na maioria dos casos, este jovem ou

adolescente foi reprovado uma ou mais vezes na escola 'regular'. O objetivo deste aluno, que frequenta o Ensino Fundamental é terminar esta etapa num curto espaço de tempo e ingressar imediatamente no Ensino Médio 'regular' ou, se tiver idade, continuar no supletivo.

Os jovens que não possuem o Ensino Médio ou possuem parte dele realizado em outras escolas, têm por objetivo concluí-lo e assim estarem aptos legalmente a realizarem concursos públicos, cursos técnicos profissionalizantes ou exames vestibulares. É importante destacar que encontramos vários alunos, principalmente no diurno, oriundos de escolas particulares.

“Eu vim de escola particular, eu vim pro supletivo porque eu parei na metade do ano passado, porque eu fui pro Rio, pra lutar Jiu Jítsu e daí larguei e aí resolvi vim pra cá pra acabar, pra acabar no meio do ano e poder voltar pra lá e ter o 2º grau completo” (Mauro, 18 anos).

“O supletivo, pra mim na idade que eu tô, eu acho que é a velocidade, por exemplo, o 2º grau eu vou completar em um ano, pra mim é bom pelo canudo, vou ter o canudo que todo mundo fala, vou ter o 2º grau, até pra eu fazer um vestibular, tô com uma idade boa, então se eu fizer um normal é mais três anos da minha vida que eu vou ter que puxar, então eu acho que só assim, só fazendo supletivo, o supletivo é bom por causa disso” (Alberto, 24 anos).

Outro aspecto importante a acrescentar é o envolvimento de alguns jovens com as drogas, em geral, este assunto é tratado com os pais e com a equipe de orientação educacional da escola, mas os professores percebem o problema na sala de aula e os alunos, muitas vezes, conversam informalmente com seus professores sobre o assunto.

O papel do professor neste contexto não é fácil, pois é um assunto que deixa tanto os professores quanto os pais extremamente angustiados.

Neste aspecto, a necessidade do diálogo familiar ficou muito evidente nos depoimentos dos alunos, pois pouquíssimos alunos não citaram a influência familiar neste problema tão presente na atualidade e, conseqüentemente, na vida dos jovens. Esses são apenas alguns depoimentos, mas foram muitos os que citavam a ausência dos pais ou de uma prática dialógica mais contínua com eles sobre essa problemática.

“A falta de amor é a principal causa do uso das drogas. O diálogo franco e aberto na família é o principal, porque tu deve jogar aberto com teu filho desde cedo colocando ele ao par do que realmente acontece quando se utiliza droga” (Marcos, 23 anos).

“A principal causa é a falta de diálogo em casa, de quem possa ajudar a solucionar problemas na adolescência, conselhos, problemas em casa, os jovens não são entendidos pelos pais” (Luís, 19 anos).

“A falta de união da família e as más companhias de amigos são fatores que levam muitos jovens ao uso das drogas” (Angela, 23 anos).

“O que pode levar um adolescente ao uso das drogas é a falta de diálogo com os pais, os pais devem ser bem mais aberto quando se trata deste assunto” (Ismael, 18 anos).

“Falta liberdade de expressão entre os pais e os filhos, os pais devem procurar saber qual as amizades dos filhos” (Clarice, 35 anos).

“Na minha opinião as principais causas que levam uma pessoa à dependência das drogas são: a falta de carinho e de amor da família, por que as drogas não são apenas problemas dos “pobres”, muitas pessoas da classe média-alta não dão carinho devido aos seus filhos, dão presentes,

brinquedos quando são crianças, para compensar a falta de carinho" (Flávia, 19 anos).

Muitos pais com filhos dependentes de drogas os colocam no supletivo como última tentativa de mantê-los na escola e continuarem os estudos. Infelizmente alguns não se 'adaptam' também nesta modalidade de ensino, o que em geral deixa os pais e também alguns jovens extremamente angustiados e decepcionados, pois o supletivo é praticamente a última alternativa viável para mantê-los na vida escolar.

"É, sem dúvida, no estilo de vida familiar como um todo, na ordem moral doméstica, que é, indissociavelmente, uma ordem mental, que podemos reconstruir os princípios de produção de comportamentos adequados do ponto de vista escolar" (Lahire, 1997, p.294).

Segundo os depoimentos de muitos alunos e, principalmente, na fala da orientadora educacional e da supervisora da escola, a postura dos pais, o relacionamento deles com os filhos são relevantes para entendermos muitas das atitudes desses jovens. Sem dúvida, a família segue sendo uma referência importante para eles, pois nesta fase de incertezas, de medos e descobertas sua preservação é fundamental⁷⁷.

"O pai e a mãe estão saindo do ambiente familiar cada vez mais cedo, estão deixando os filhos mais cedo sozinhos, o que deixa o pessoal totalmente solto e eles não tem o hábito do estudo em casa, da convivência familiar e isto acaba deixando o aluno desmotivado, não comparecendo à escola, não tendo o hábito da leitura, né, e o

⁷⁷ "Através de uma presença constante, um apoio moral e afetivo estável a todo o instante, a família pode acompanhar a escolaridade da criança" (Lahire, 1997, p. 26).

aluno fica cada dia mais perdido” (Diana, Supervisora da E.E.Supletivo A).

“Eu tenho exemplos aqui em todas as turmas, eu tenho um aluno que a mãe viajou pra Espanha, o pai trabalha toda a semana fora, não tem irmãos, ele só consegue ver o pai no final de semana e a maioria desses alunos que os pais permanecem longe, são os alunos que apresentam problemas de infreqüência, de indisciplina, e a gente percebe que esta fragmentação da família acaba repercutindo na escola” (Inês, Orientadora Educacional, E.E.Supletivo A).

“(…) por exemplo: aconteceu um problema X, o pai foi chamado, ele tá ali resolvendo o problema contigo ou com a orientação, e aí o aluno vira para o pai e diz ‘cala a tua boca’, quer dizer, se ele trata o pai assim, como ele pode tratar a sociedade, quer dizer eu acho que os pais e a sociedade, hoje, estão muito perdidos em relação à educação de uma criança, tá todo mundo empurrando um para o outro e não é por aí, eu acho que a família também tem que resgatar esse sentido de educação, respeito, porque está se perdendo muito isso, as pessoas não se respeitam mais, né, então tu tens alunos agressivos, que te respondem, que te ofendem” (Profa.Beatriz. E.E.Supletivo A).

Segundo as falas que seguem, para os alunos, a relação entre pais e filhos deve estar baseada em laços fortes e afetivos, para eles a família é uma referência importante nas suas vidas, é um apoio nas horas difíceis. Eles se preocupam com ela e sabem que os pais também esperam algo dos filhos, principalmente, em relação à escola.

“Ah! A família é a base de tudo. É ou não é? Existem coisas que só a escola ensina, mas o apoio maior é de casa” (Leila, 19 anos).

“Na adolescência mudou muito a minha cabeça, bastante. E comecei a trabalhar com 14 anos, porque, a família pobre, aquela coisa toda, meu pai bebia, aí na função de querer ajudar em casa, sabe, eu já não tive essa adolescência direto assim, como eu conheço gente assim que curte a

adolescência de um jeito, eu acho que a minha foi diferente, eu acho que na cabeça passou muito rápido, fiquei adulto muito rápido” (Alberto, 24 anos).

Eu voltei a estudar agora pra acabá, porque tem a minha mãe que ficava botando uma pressão para eu acabá, e daí eu já aproveitei agora que eu tô aqui me inscrevi até no vestibular” (Mauro, 18 anos).

Outra problemática muito freqüente entre os jovens ou mesmo adolescentes que freqüentam o ensino supletivo, é que muitos deles moram com avós, com tios, padrinhos, ou somente com o pai ou com a mãe, e há casos de adolescentes que moram sozinhos em decorrência da separação dos pais, ou como os pais mesmo dizem "*não posso mais com a vida deste menino/menina*", e assim eles assumem uma maturidade que evidentemente não possuem, e isto reflete, na maioria das vezes, de forma negativa na escola.

“Sem dúvida, uma configuração familiar relativamente estável, que permite à criança relações sociais freqüentes e duráveis com os pais, é uma condição necessária à produção de uma relação com o mundo adequada ao “êxito” no curso primário” (Lahire, 1997, p.26).

Lahire, neste texto, nos diz que a convivência familiar estável no ambiente doméstico pode repercutir de uma maneira positiva no desempenho escolar dos alunos e, segundo a fala de alunos e professores, a família continua sendo uma referência importante na vida deles.

Esta convivência deve ser permeada pelo diálogo franco e aberto entre todos os componentes da família. Entretanto, a prática do diálogo ainda é rara entre pais e filhos, e as mudanças comportamentais muito rápidas que ocorrem no nosso tempo deixam muitos pais sem saber como agir, assimilar as novidades e compartilhá-las com os filhos. Buzzi (1997, p.167) nos diz: *“A população juvenil sempre se caracterizou por uma propensão transgressiva maior em relação às normas morais e legais da sociedade, mas foi nos últimos anos que o distanciamento entre gerações parece ter aumentado”*.

Observa-se no cotidiano escolar que os pais demonstram muito interesse em manter os filhos na vida escolar, se preocupam com o futuro deles e que estão dispostos mesmo, com algum ou muito sacrifício, pagar os seus estudos. Na fala das professoras ficou claro que esta é uma fase difícil na vida dos alunos, e que os pais não estão sabendo como agir em muitas situações.

“Eu chamo o pai, no momento que eu começo a perceber que este aluno está fora da sala de aula, eu tenho notado que os pais de um tempo pra cá tem procurado mais o supletivo, né, pra saber como é que tá, até do 2º grau. É claro que a procura ainda é bem maior, infelizmente, no final do semestre, mas tem aumentado a procura pra saber sobre a frequência, se ele está indo bem. Eu escuto sempre uma frase dos pais, eu até acho engraçado: “Ah, professora, eu não sei mais o que eu faço, o que a senhora acha que eu devo fazer?” (Inês, Orientadora Educacional, E.E.Supletivo A).

“É que o pai e a mãe ao mesmo tempo que eles estão omissos eles super protegem o filho, porque qualquer dificuldade que o filho tenha, mesmo no supletivo, não importa o que aconteça eles dizem: ‘o meu filho não fez isso, o meu filho não está despreparado, o meu filho não bebe, o meu filho não fuma, ele não faz este tipo de coisa” (Diana, Supervisora Educacional. E.E.Supletivo A).

Os jovens sabem o quanto a sua escolarização é importante para os pais, que eles se preocupam com o seu futuro e desejam que os filhos avancem no processo escolar. A maioria dos jovens reconhece esse interesse e compartilha com os pais estes objetivos.

“A importância da escola para a minha família é a constituição do meu futuro” (Alexandre, 21 anos).

“Ao meu ver e o ver da minha família a escola de ensino médio e superior, é que, sem ela não somos absolutamente ninguém, se hoje a coisa tá difícil para as pessoas formadas em universidades, imagine para os outros” (Leila, 19 anos).

“Os meus pais acham muito importante o estudo, pois sem ele não se tem qualidade de vida e muito menos sonhos a serem alcançados” (Helena, 23 anos).

“O pai coloca o filho no supletivo, porque o pai quer que ele não perca o ano, porque o pai quer que ele termine o segundo grau, para entrar num curso superior” (Prof. Leonardo. E.E.Supletivo A).

De todos os alunos pesquisados só uma aluna, relatou que sua mãe não queria que os filhos estudassem, e que dificultava sua ida à escola. Este é um fato interessante, pois mesmo que os pais, muitas vezes mostrem-se ausentes em determinados aspectos da vida dos filhos, no que se refere ao ingresso e permanência na escola, eles sempre respondem positivamente.

A aluna relatou que na terceira série sua mãe a retirou da escola e que ela só retornaria ao ambiente escolar aos 21 anos, através do

ensino supletivo. E o interessante, neste caso, é que apesar de tanto tempo sem estudar a aluna teve um bom desempenho escolar.

“A minha vida na escola nunca foi um mar de rosas. Meu primeiro dia de aula, não foi dos melhores, cheguei atrasada. Não que eu quisesse, mas por causa de que à minha mãe nunca quis que os filhos fossem a uma escola, e sim ficassem em casa fazendo os trabalhos domésticos. Ela sempre foi mais maldosa comigo, ela me deixava sem ir à escola por uma semana, às vezes ela me mandava um dia sim, outro não. Já o meu pai queria que todos os filhos estudassem, para ter um futuro melhor. Mesmo com todas essas dificuldades familiares, ainda assim consegui completar até a terceira série do primeiro grau, quando eu fui retirada do colégio. Eu sempre gostei de estudar, pena que minha mãe me tirou, mas eu adoro. Se passaram treze anos, quando resolvi estudar novamente, entrando para o Curso Supletivo A, onde significa para mim, a certeza de um futuro melhor. Hoje graças a Deus já consegui superar todas as dificuldades por ter ficado sem estudar todo esse tempo e passar em todas as provas. Atualmente estou fazendo o segundo grau. Meus objetivos são bem claros, pois desejo realizar o concurso vestibular e ingressar na faculdade, concretizando desta forma, um dos sonhos da minha vida” (Angela, 23 anos).

Em se tratando de conhecimento escolar, em geral, os jovens do ensino supletivo possuem uma bagagem cultural relativamente boa, muitos deles nunca pararam de estudar. Muitos reprovaram porque desistiram de estudar, ou como eles mesmos dizem: *“profi. eu só queria festa”*.

“Então, muitos destes alunos que tem problemas, são difíceis de trabalhar, mas eles são alunos que tem um bom conhecimento, quer dizer, eles não são alunos no cognitivo falho, eles são

alunos bons, eles conhecem professores bons e se tu não der uma boa aula, uma aula qualificada, tu perde a turma toda” (Profa. Beatriz. E.E. Supletivo A).

No universo trabalhado verifica-se uma mudança no perfil do aluno do ensino supletivo. Alguns anos atrás este aluno optava por este tipo de ensino pois tinha parado há muito tempo de estudar, era mais velho e o objetivo maior era terminar o Ensino Fundamental e Médio com vistas a um melhor emprego ou uma promoção no seu local de trabalho.

“Na realidade alguns anos atrás o ensino supletivo era destinado a pessoas, jovens mas já mais próximos da sua fase adulta, ou já da idade média com 35, 40 anos que por um motivo de ordem pessoal, de trabalho, tinham que interromper por muito tempo seu processo de estudo e a mentalidade com que o professor encarava o ensino supletivo estava adequada a esta faixa etária, a esta condição social, a este atraso, digamos assim, na parte cognitiva” (Prof. Leonardo. E.E. Supletivo A).

A mudança mais evidente é constatada na faixa etária dos alunos, eles optam pelo ensino supletivo cada vez mais cedo, pois o objetivo maior é avançar rapidamente no processo escolar. Compreende este novo perfil: os alunos que não trabalham, outros que não admitem⁷⁸ a reprovação na escola ‘regular’ e recusam-se a voltar a ela. Repetir mais de um ano implica na possibilidade de constituir-se como o aluno mais velho da sala, o mais alto e de não encontrar nos seus novos colegas a amizade e o companheirismo tão necessários em sala de aula. A reprovação para eles implica em distanciar-se dos colegas de muito

⁷⁸ Os alunos não admitem perder tempo e a reprovação, para eles, representa uma perda significativa neste aspecto.

tempo, no estacionar de um processo e, principalmente, na repetição de conhecimentos já trabalhados.

“A reprovação e, por conseqüência, a repetência da série, tem significado a reiteração da “não aprendizagem” dos alunos. Repetir a mesma série, via de regra, resulta na repetição da experiência de insucesso, pois o ponto de partida na série repetida não é determinado pelo grau de conhecimento atingido, até então, pelo aluno, mas pelo currículo pré- estabelecido pela escola” (Moll, 1999, p.47).

Observa-se que alguns jovens não ajustam-se às regras disciplinares da escola ‘regular’ e muitos deles possuem a idéia de que no ensino supletivo podem fazer o que quiserem sem cobrança nenhuma, o que pode provocar problemas entre alunos e professores e, muitas vezes, entre os próprios alunos. Esta mentalidade pode acarretar a evasão destes jovens, também do ensino supletivo, pois é interessante salientar que existe uma diferença entre um ambiente de liberdade e outro de licenciosidade. A este respeito Paulo Freire (1998, p.99) esclarece que:

“Assim como inexistente disciplina no autoritarismo ou na licenciosidade, desaparece em ambos, a rigor, autoridade ou liberdade. Somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas à vocação para o ser mais”.

Neste sentido, ao mesmo tempo em que a postura do professor deve ser afetiva em sala de aula, ele não pode esquecer o seu papel determinante neste contexto, ele orienta e dá uma diretividade neste espaço, tem a responsabilidade de não deixar que a sala de aula vire um

ambiente onde reine a licenciosidade. A autoridade do professor não se baseia em atitudes duras e agressivas, surge da generosidade, da segurança e da competência profissional aliadas a sua experiência de vida e nunca pela força ou pelo autoritarismo.

Assim, através de uma postura generosa de escuta e respeito, temos condições de construir com esses jovens, momentos dialógicos e pedagógicos nos quais as diferenças não sejam empecilhos, mas ao contrário, propiciem momentos ricos de troca de saberes.

6.1. A Sala de Aula: Conhecendo os Sujeitos

Neste sub-capítulo, apresento os dados estatísticos da escola pesquisada, comprovando o crescente rejuvenescimento da população de jovens no ensino supletivo. Faço um perfil da turma onde realizei a pesquisa com os alunos e um relato dos primeiros encontros. Neste espaço, priorizo a fala dos jovens, mas também haverá espaço para a fala dos professores e da equipe pedagógica da escola.

Proponho a visualização de alguns dados mais gerais da escola, onde já se constata o rejuvenescimento desta população e depois dados mais específicos da turma pesquisada. Convém ressaltar que os dados de 2000, correspondem somente ao primeiro semestre deste ano.

Tabela 14. Total de Adolescentes, Jovens e Adultos na E. E.Supletivo A. Anos 97/98/99/2000.

Ano	Adolesc.	Jovens	Adultos	Total
1997	160	450	380	990
1998	230	478	469	1177
1999	357	530	362	1249
2000	48	445	144	637

Fonte: Secretaria da Escola

Estes dados já demonstram um aumento no número de jovens e adolescentes em relação aos adultos, mas estes continuam procurando esta modalidade de ensino, contudo, em número bem menor.

Somente no 1.º semestre de 2000, o total de adolescentes matriculados na escola, no Ensino Fundamental foi de 48 adolescentes, 104 jovens e 28 adultos, num total de 180 alunos neste curso. No Ensino Médio, encontramos 341 jovens e 116 adultos, perfazendo um total de 457 alunos matriculados. Estes dados demonstram um maior número de alunos no Ensino Médio.

Tabela 15. Ensino Fundamental – Escola Privada

Alunos	Nº. alunos	%
Adolescentes	48	26,7
Jovens	104	57,8
Adultos	28	15,5
Total	180	100%

Fonte: Secretaria da Escola

Tabela 16. Ensino Médio – Escola Privada

Alunos	Nº. alunos	%
Jovens	341	74,6
Adultos	28	25,4
Total	457	100%

Fonte: Secretaria da Escola

Para realizar o perfil da turma pesquisada foram selecionados dados de 31 alunos da turma K. Alguns alunos desta turma não participaram de todos os encontros, mas aqueles selecionados foram os que mais efetivamente participaram da pesquisa e, sem dúvida, representam a turma pesquisada. Dentre eles estão os seis jovens que foram ouvidos mais densamente.

Dos 31 alunos, 19 são do sexo feminino e 12 do sexo masculino. Entre eles, 23 alunos estudaram em escolas públicas estaduais antes de entrarem nesta escola de ensino supletivo e 8 vieram diretamente de escolas privadas. A idade média dos alunos é de 22 anos (21,6 anos). Foram encontradas somente 4 alunas com idade superior a 25 anos⁷⁹.

Tabela 17. Idade/Número de Alunos – Escola Privada

18=8	19=5	20=2	21=4	22=2	23=5
24=1	26=1	29=1	34=1	35=1	

Fonte: Questionário entregue aos alunos. 2000

Quanto à naturalidade: 21 alunos são da capital, 7 são do interior do Estado; 1 aluna é do Estado de Santa Catarina, outra aluna do Estado do Rio de Janeiro e 1 aluna é de nacionalidade Chilena.

Quanto à escolaridade dos pais destes alunos encontramos:

Tabela 18. Escolaridade dos Pais

Filiação	Ens.Fund.	Ens.Médio	Ens.Sup.
Mãe	15	11	3
Pai	13	6	7

Fonte: Questionário entregue aos alunos. 2000

⁷⁹ Os dados das tabelas 17 e 18 foram obtidos através de questionários respondidos pelos próprios alunos.

Entre os 31 alunos, dois não souberam responder a escolaridade dos seus pais e 3 não souberam responder quanto à escolaridade do pai.

6.2 O Primeiro Contato

Era manhã de sexta-feira, sete de abril de 2000, a turma onde se desenvolveria a pesquisa seria observada pela primeira vez. Era o primeiro contato com os sujeitos desta pesquisa. Esperei os alunos entrarem e acomodarem-se na sala, pois vinham do intervalo, a maioria do barzinho da escola, onde estiveram conversando com colegas, amigos e namorados e feito o lanche, entre outras atividades. O intervalo terminava às 10h30min. Entrei na sala quinze minutos após este horário.

Antes de entrar conversei com a professora. Os alunos a serem pesquisados seriam os da disciplina de Português⁸⁰. Conversei com a professora fora da sala de aula e expliquei a ela que naquele dia somente observaria a turma sem me identificar. Ela aceitou e eu sentei mais ou menos no meio da sala, mais próximo do fundo, como se fosse uma aluna nova. A turma era constituída, na sua grande maioria, por jovens. Os alunos mais próximos foram gentis. Ficaram um pouco curiosos, mas me trataram como uma aluna normal. Fiquei só observando. Como era sexta-feira nos últimos períodos os alunos estavam um pouco agitados, mas pareciam bem dispostos. A professora, após explicar o conteúdo, começou a falar de um projeto que a escola estava realizando sobre os

⁸⁰ Como a matrícula é por disciplina, os alunos desta turma, necessariamente, não são os mesmos em todas as disciplinas.

500 anos do Brasil, que seria desenvolvido em todas as disciplinas, com um enfoque multidisciplinar.

Após às 11h30min os alunos começaram a solicitar à professora que fizesse a chamada. Atitude muito comum dos alunos do supletivo, principalmente, entre os mais jovens e que sentam-se no fundo. Isto em geral ocorre nos últimos períodos de qualquer turno, todos os dias, mas com maior insistência na sexta-feira. Eles gritam do fundo: “faz a chamada”, “faz a chamada profi.”, “são vinte para o meio dia”, são dez para o meio dia”, e repetem isso várias vezes. O professor às vezes ignora a fala dos alunos, outras vezes explica que não pode “largar” antes, mas mesmo assim isto repete-se todos os dias.

Em relação à turma, a primeira impressão foi de que era constituída mais por moças do que por rapazes. Durante a chamada é interessante notar que os jovens respondem-na, não com o tradicional “*presente*” tão comum em outros tempos, mas com expressões menos formais. Alguns ainda respondem da maneira antiga, principalmente os mais velhos e alguns “*mais sérios*”. A maioria dos alunos responde “*aí*”, “*oi*”, “*eu*”, “*aqui*”, “*aí professora*”, outros somente levantam a mão, outros simplesmente acenam. Por mais que o professor peça para que eles não conversem na hora da chamada, eles conversam muito e falam alto. Isto é muito corriqueiro na sala de aula.

Em geral, é uma hora cansativa para os professores, pois como são muitos alunos e a conversa é geral e alta, o professor não ouve direito à resposta e tem que chamar mais de uma vez e parar para pedir silêncio. O silêncio dura uns dois minutos e a conversa continua.

Próximo do meio dia, a professora fez a chamada e um convite aos alunos, para aqueles que estivessem dispostos a participar do projeto “500 anos do Brasil”, que permanecessem na sala após a chamada. Permaneci para saber mais do projeto e conversar com os alunos que ficassem. Um aluno perguntou se eu ia participar e eu lhe respondi que de uma certa maneira sim. Ele ficou me olhando e não disse nada. Ficaram seis alunas e dois alunos. Um dos rapazes ficou um pouco, pareceu interessado, mas disse que não ia participar, as alunas disseram que depois o convenceriam.

O outro menino que permaneceu, foi meu aluno nesta mesma escola no Ensino Fundamental em 1996. É um aluno que sempre lembro com alegria, quando falo dos alunos do supletivo. Naquela época ele não se relacionava muito bem com os colegas, acredito que por timidez e alguma dificuldade na fala.

Lembro-me que, às vezes, ele não fazia os exercícios de Física (Ciências da 8ª. série) e não pedia ajuda, como eu já conhecia seu jeito tímido, sentava ao seu lado, ia explicando, fazia perguntas e para o meu espanto ele respondia e acabava realizando a tarefa. Foi uma alegria quando o encontrei no segundo grau a um tempo atrás e agora nesta turma, sempre quis saber um pouco mais sobre ele, pois à primeira vista parece um aluno com dificuldades de aprendizagem, de convivência e até para expressar-se oralmente, convivendo com ele, estas dificuldades vão se diluindo.

Minha alegria com a permanência desse jovem, foi pelo fato de ser o único rapaz que ficou na sala e aceitou o trabalho proposto pela professora para participar do projeto. Apresentar-se espontaneamente

para participar de um projeto deixou claro como este aluno conseguiu superar barreiras, vejo nesta atitude uma vitória tanto dele quanto dos seus professores que sempre apostaram na sua capacidade. Não saberia explicar a satisfação daquele momento.

6.3 O Primeiro Diálogo Com a Turma

Uma semana após este contato com a turma, tivemos o nosso primeiro diálogo. Iniciei conversando com os alunos, expondo minhas intenções e tentando mostrar a importância do envolvimento deles na pesquisa. Expliquei que a pesquisa era com alunos do ensino supletivo, sobre o rejuvenescimento desta população, procurando entender o fenômeno e como essa realidade afeta a sala de aula e a vida dos alunos. Disse que gostaria de ouvi-los para que eles também pudessem falar sobre esta realidade, e que eu estava ali, naquele momento, convidando-os a participarem da minha pesquisa, pois a ajuda deles seria definitiva para o trabalho.

Ouviram-me com atenção. Fiz algumas perguntas, as quais alguns responderam prontamente, uns (principalmente os alunos que sentam no fundo) não pareceram muito interessados, outros só olhavam, mas pareciam curiosos. No decorrer da conversa, perguntei a eles porque optaram pelo ensino supletivo, ao que alguns responderam prontamente:

“é mais rápido” (Alberto, 24 anos).

“eu não gosto de estudar com alunos menores” (Leila, 19 anos).

Fiquei ouvindo com atenção, mas pela minha experiência como professora de supletivo, constato que estas são as respostas que em um primeiro momento os alunos sempre dão, continuei perguntando: *“Vocês, quando começaram a estudar, pensavam em concluir seus estudos na escola ‘regular’ ou não?”* Responderam que na escola regular. Continuei: *“Será que os motivos que fizeram vocês optarem pelo supletivo, são apenas esses?”* Alguém falou em repetência. Aproveitei a resposta e falei: *“Porque vocês reprovaram na escola ‘regular’?”* Um jovem (Alexandre, 21 anos) sem pensar muito disse, *“é muita festa professora”, “é muita bagunça na sala de aula”,* continuei perguntando: *“E a responsabilidade será somente do aluno? E a escola? E os professores? E o ensino?”*

O mesmo aluno respondeu prontamente: *“a culpa é da gente mesmo, de mais ninguém”*. Nesta hora Angela (23 anos) falou, *“não é bem assim!”*, e não disse mais nada. Como eu já conhecia a trajetória escolar desta aluna, sabia o quanto a escola era importante para ela e que a interrupção de seus estudos não tinha sido por opção própria, entendi o que ela queria dizer. Outra menina falou que tinha optado pelo supletivo porque: *“o ensino é importante, a sociedade exige”* (Claudia, 19 anos).

Avisei a turma que na próxima sexta-feira começaríamos o trabalho. Um aluno me perguntou *“A senhora paga muito para fazer o Mestrado, me disseram que é caro”* (Alexandre, 21 anos). Respondi que, como fazia este curso em uma Universidade pública, eu não pagava, mas que na Universidade privada é um curso relativamente caro. Outro aluno

me disse: “*para entrar é difícil né professora?*” (Flávio, 22 anos). Respondi que é necessário estudar bastante, preparar-se, pois são muitos os candidatos, mas que é um curso acessível a todos, desde que cursem uma faculdade.

Despedi-me da turma e quando saía da sala, uma jovem (Helena, 23 anos) me contou que assistiu a defesa de dissertação de uma amiga e que achou bem legal, se interessou muito. Eu respondi que isto é ótimo, pois o que ocorre na Universidade deve estar presente na vida dos alunos e de toda a comunidade escolar.

Este interesse dos alunos do supletivo pelo Mestrado é um fato que eu poderia chamar de “novo”. Alguns anos atrás falar em faculdade para eles parecia uma realidade distante, em pós-graduação então nem se falava. Estes questionamentos demonstram um interesse pelo mundo universitário e que, no mínimo, este espaço começa a fazer parte do imaginário destes alunos. O interesse pelas questões acadêmicas é uma realidade na vida destes jovens.

Os poucos alunos adultos, que constituíam a turma, mostraram interesse pelo trabalho, apesar de não manifestarem-se oralmente. Apesar disto, seus olhos estavam bem atentos e demonstraram bastante atenção pelo que estava sendo proposto.

A partir desse primeiro contato, no qual conversamos sem um tema específico, passamos para outra etapa da pesquisa, que se constituiu em cinco encontros com temas referentes à vida desses jovens. Os encontros tiveram por objetivo saber como eles vêm a escola, como

é a sua vida individual, afetiva, familiar, como eles vêem o momento atual e suas perspectivas para o futuro para, a partir daí, entendermos melhor as suas escolhas, principalmente, sua opção pelo ensino supletivo.

6.4 Os Encontros: Relatos, Debates e Descobertas

A partir dos encontros, com temas específicos, começaram as interlocuções, os diálogos mais diretos e abertos. Apesar de estar em contato com a turma toda nestes momentos, houveram espaços para conversas mais próximas com os seis jovens que foram ouvidos mais densamente.

Os temas trabalhados nestes encontros tiveram por objetivo entender melhor a realidade na qual estão inseridos estes jovens, suas opções, seus desejos, medos e incertezas frente ao contexto atual. Conhecer um pouco o seu cotidiano escolar, suas amizades e seus sonhos foram importantes, pois *l'expérience scolaire n'est pas strictement scolaire: les amitiés et les amours, les rencontres avec des professeurs "extraordinaires" ou odieux, les passions politiques et idéologiques s'agrègent dans l'école*⁸¹ (Dubet, 1991, p.17). Esse contato com os alunos oportunizou conhecer sua visão de mundo, de escola e, principalmente, a possibilidade de conhecer alguns dos motivos que os levaram a optar pelo ensino supletivo.

⁸¹ A experiência escolar não é estritamente escolar: as amizades e os amores, os encontros com os professores "extraordinários" ou odiosos, as paixões políticas e ideológicas se agregam na escola. Tradução da autora.

Começarei contando em detalhes o que se passou neste primeiro encontro com os alunos da turma K, agora já com os olhos e os ouvidos mais atentos a tudo o que eles diziam ou escreviam.

Entramos na sala de aula, eu e a professora responsável pela turma, após o intervalo de quinze minutos para o descanso de alunos e professores. Era outra sexta-feira de abril, nos últimos períodos do dia. Nesta hora, como já foi dito anteriormente, em geral os alunos, principalmente os jovens, estão com a cabeça mais no final de semana do que em qualquer outro lugar. Os alunos me receberam bem, eles já sabiam que eu estaria ali. Não foi nenhuma surpresa para eles. Como a turma era grande e existia pouco espaço na sala, primeiro conversei com a turma sobre o tema, fizemos um pequeno diálogo e depois organizei os alunos em grupos.

Neste momento eu conhecia pouco ou quase nada sobre eles. Para conhecê-los melhor e poder fazer um perfil da turma, entreguei um questionário⁸² para cada aluno, para que respondessem, colocando dados pessoais acerca de sua vida escolar, enfocando o ensino supletivo e sua passagem pela escola 'regular'. Enquanto eles respondiam, eu caminhava por entre os grupos, sentava com eles, fazia perguntas, eles também perguntavam, mostravam o que escreviam, alguns colocavam posicionamentos, conversavam entre eles, uns concordavam em determinados pontos, outros discordavam.

Alguns deixaram para entregar seus depoimentos por escrito na aula seguinte, pois preferiram ficar discutindo o tema proposto, com o que

⁸² Ver Anexo.

concordei de imediato. Poucos alunos não assistiram todos os encontros, mas a maioria participou de todos eles. Minha postura sempre foi de total liberdade ao aluno quanto a sua participação. Acredito que esta postura fez com que nossa convivência fosse sempre de respeito e carinho. O que fez com que eles participassem da pesquisa, respondendo a tudo o que lhes era proposto sem sentirem-se extremamente cobrados.

No final dos encontros eu tinha um material maravilhoso nas mãos, relatos reais e emocionantes. Os conceitos desses jovens sobre a vida, juventude, violência, escola e amor são realmente impressionantes, de uma sensibilidade e compreensão que ia me surpreendendo a cada dia e fazendo com que acreditasse na possibilidade de sonhar com um mundo mais generoso para todos.

Durante minhas andanças pela sala fui conversando com os alunos, perguntando e respondendo coisas. Nestas interlocuções fui anotando algumas falas, sobretudo as que achei mais interessantes.

Conversando com o grupo do Dante, o jovem que anteriormente tinha dificuldade para relacionar-se com os outros colegas, perguntei a ele: *“Dante, pra ti, o que te fez optar pelo supletivo?”* Ele ficou me olhando e não disse nada. Insisti e perguntei: *“Como tu vê a escola ‘regular’?”* *“É igual ou diferente do supletivo?”*

Ele respondeu: *“é diferente, professora!”* Perguntei: *“Diferente em que sentido?”* Ele novamente ficou me olhando com um sorriso que é muito particular seu, um sorriso doce e um pouco tímido. Esperou um pouco e me respondeu: *“os colegas eram muito bagunceiros lá, infantis,*

eu não gostava da brincadeira deles”. Perguntei novamente: “mas os colegas aqui não bagunçam também”? Ele me respondeu: “bagunçam mas é diferente, aqui as brincadeiras são mais adultas”.

Quando lecionava para o Dante sempre notei que os meninos respeitavam o seu jeito simples, tímido e de pouca conversa. Notei que com o passar do tempo ele está mais aberto, pois conversa com os colegas, tem um relacionamento bom com eles, participa dos grupos. Atitudes que há três anos não aconteciam pois, naquele tempo, ele era um menino que se comunicava muito pouco. Sua mudança foi espantosa, senti em cada conversa avanços impressionantes. Perguntei se ele desejava entrar em uma faculdade. Prontamente respondeu-me que sim.

Leila (19 anos), que se manifestou na nossa primeira conversa em sala de aula, também foi minha aluna há algum tempo atrás, nesta mesma escola. Depois de concluir o ensino supletivo fundamental, ela voltou para a escola ‘regular’, e novamente optou pelo supletivo para concluir os seus estudos. Pedi a ela que explicasse melhor sua opção pelo supletivo e porque não gostava de estudar com alunos menores. Ela disse-me:

“Sora, a mentalidade é diferente. O que tu vai conversá? Nada! Meus amigos são mais velhos, já estão na faculdade. Só eu que não”!

Conversando com o Alexandre, perguntei porque ele atribuía a si mesmo toda a culpa da sua reprovação. Ele disse-me:

“Eu perdi tempo, professora! Eu só queria festa! Minha mãe falava: guri estuda, estuda! Agora eu quero estudar, tudo que tiver incluído de

música, eu vou fazer. Meu sonho é ser músico mesmo”!

As salas de aula das escolas de ensino supletivo privado, em geral, não possuem classes tradicionais com cadeiras separadas. Assemelham-se a salas de cursinhos pré-vestibulares, onde as cadeiras possuem um apoio para o caderno e em geral pouco espaço para circulação de alunos e professores. Este fato parece irrelevante, mas os jovens que sempre estudaram em escolas ‘regulares’ sentem essa diferença. Por isso registrei algumas falas nesse sentido.

“Não gosto de sala de aula assim, sem classe e cadeira direita, essas cadeiras são muito ruins”
(Cintia, 21 anos).

“É muito apertada, é muita gente”
(Fernanda, 18 anos).

Conversando com Helena (23 anos), sobre como ela vê a realidade atual do ensino supletivo e como os outros vêem esta realidade, seus antigos colegas da escola ‘regular’, ela deu um depoimento muito importante e que retrata muito bem a imagem negativa com a qual ainda hoje o aluno do ensino supletivo convive.

“Quando tu dizes que é do supletivo, é tachado como um aluno (pausa) inferior é discriminado! Quando tu dizes que vai para um supletivo, todo mundo te discrimina, te olha diferente. É uma situação ruim”!

Este tipo de discriminação que os alunos carregam, somam-se aos traumas, às reprovações, às diversas dificuldades que esses jovens

sofreram durante sua história escolar, trajetória esta marcada, freqüentemente, por descontinuidades e rupturas.

É importante salientar que esta aluna é muito dedicada, lê bastante, fala muito bem, tira boas notas e mantém qualquer diálogo com posturas bem seguras. É uma ótima aluna, e pelo fato de freqüentar uma escola de ensino supletivo é taxada de aluna inferior e seus professores, freqüentemente, são também assim classificados. Diante desta situação difícil e muito comum nesta modalidade de ensino, é preciso construir um novo olhar sobre esta realidade, pois a escola pode ser boa e competente quando alunos e professores estão ali para trocas de saberes, de conhecimentos, e quando esta relação tem um sentido para ambos, o que transcende a forma de organização.

*“Tudo depende do professor, parte dele, para ser um bom professor, um professor com qualificação, independe se é do supletivo ou não”
(Helena, 23 anos).*

Estes depoimentos mostram que esta aluna tem consciência da sua realidade e por isso sofre quando é discriminada, porque ela sabe que não é uma aluna inferior, nem seu professor é melhor ou pior que outro, mas mesmo assim é discriminada.

Quanto ao conceito que a aluna tem de seus professores, no que se refere a competência e desempenho deles em sala de aula Dubet (1997, p.231) nos diz:

“Obviamente o efeito professor é considerável. Isto significa que há professores que

ensinam muitas coisas a muitos alunos, há professores que ensinam muitas coisas a alguns alunos, e há professores que não ensinam nada a nenhum aluno. Quando os alunos dizem “depende do professor”, este tipo de medida confirma sua impressão”.

Pouco a pouco pontos importantes da pesquisa foram consolidando-se através dos depoimentos, que ocorreram em todos os encontros. Estes foram fundamentais para entendermos a escolha destes jovens pelo ensino supletivo e para conhecermos um pouco de seus pensamentos.

6.5 Os Jovens: Resistência, Sonho e Esperança

Nossa prática pedagógica não é um transmitir sem alma, sem desejo e emoção. No nosso cotidiano nos deparamos com dezenas de jovens. É impossível, ao estar com eles, que nossos pensamentos não recaiam em reflexões do tipo: por que estão aqui neste momento? Como foi a sua trajetória escolar? Como é o seu dia a dia, seus sonhos e aspirações? Será que gostam de dançar, de ler? Como serão em suas casas, com os seus mais próximos, será que amam ou odeiam, são generosos ou egoístas, tranquilos ou violentos?

«En ce sens, les amitiés et les amours enfantines et juvéniles, les enthousiasmes et les blessures, les échecs et les succès participent tout

autant de la formation des individus que les seuls apprentissages scolaires»⁸³ (Dubet, 1996, p.13)

Segundo a fala dos alunos, eles acham que o professor do ensino supletivo tem um jeito especial de tratá-los, de conversar com eles, mas ao mesmo tempo, eles querem um professor que tenha controle da turma. Nas suas falas, o bom professor é aquele que prende a atenção do aluno, explica bem a matéria, mas ao mesmo tempo deve manter uma certa disciplina em sala de aula.

Leila: O professor é maravilhoso, ele chama a tua atenção sabe, ele tá aqui, ele brinca, ele faz uma gracinha, sabe, ao invés dele pegar e dizer assim (aos berros): Fulano Pára! Ele diz: Oh meu! vamo lá! Ele não abusa da autoridade dele e vários professores abusam disso.

Alexandre: Neste caso, aqui na escola, eu acho que não tem ninguém.

Leila: Não, aqui não!

Lúcia: Não, aqui eu nunca vi. Às vezes eu acho que deveriam.

Leila: Olha só, agora, presta atenção, agora um exemplo: Quando tu tá no 3º. ano, no colégio, eles geralmente preparam para o vestibular, né, certo, aí tá, tu vai para aquela aula, bah! Aquela aula é um saco, o professor é muito chato. Aí tu vai para um cursinho de vestibular, olha a forma que eles te atraem, sabe, eles fazem piadinhas, eles agradam.

Lúcia: Ah! Mais aqui no supletivo tem um pouco disso

Leila: é aqui tem, um pouco tem.

Lúcia: É o professor que te chama a atenção, ele te bota, assim, para assistir a aula dele.

⁸³ Neste sentido, as amizades e os amores infantis e juvenis, os entusiasmos e as feridas, os fracassos e os sucessos participam tanto da formação dos indivíduos quanto as suas aprendizagens escolares. Tradução da autora.

Dubet em seu livro “Les Lycéens” (1991) nos esclarece que os alunos franceses também consideram um bom professor aquele que é eficaz, apaixonado pelo que faz, claro e simpático na relação com os alunos.

«Bien, sùr⁸⁴, tous les élèves tracent le même portrait du “bon prof” : il est efficace, intéressant et sympathique » (p.31).

Dos 31 alunos ouvidos, 10 trabalham, sendo que dois trabalham com os pais e 21 não trabalham, observa-se pelas falas dos alunos que trabalham e pagam a escola com o seu próprio dinheiro, que eles tem outro olhar sobre esta realidade, um outro comportamento em sala de aula. Apesar de que, nesta idade, todos eles concordam que silêncio total é impossível e conversar sobre outras coisas, fora do conteúdo, segundo eles, faz parte.

Alexandre: O pai deles é que pagam o curso, tu acha que eles vão se esforçar?

Leila: É que daí é cômodo, né!

Lúcia: Eles acham que porque pagam, eles podem fazer o que quiserem.

Alexandre: O pior é que nem são eles que pagam, é o pai deles que pagam. Eu, pago o meu curso, tô me escabelando pra pagar. Faz oito meses que eu tô trabalhando numa firma de eletrônica. O cara vem conversa contigo, eu também converso, tudo né, mas eu não faço aquele esparro, que muitos aqui fazem.

⁸⁴ Com certeza, todos os alunos traçam o mesmo perfil do “bom prof”: ele é eficaz, interessante e simpático. Tradução da autora.

Leila: é normal, sabe, é normal tu chegar e falar alguma coisa pro teu amigo. Bah! Tu sabe, tu viu o que aconteceu? Sabe, é normal tu conversar, sabe, porque ninguém vai chegar aqui e ficar mudo.

O professor que trabalha com estas turmas, nas quais cada dia aparecem mais jovens, tem que conciliar o afeto com a disciplina e com um currículo a ser cumprido. O papel do professor não é fácil nesta modalidade, pois ele sabe que muitos destes alunos têm uma trajetória de descontinuidades e rupturas na sua escolarização e, para muitos, o ensino supletivo é a última alternativa para se manterem no espaço escolar. Nestas falas os professores explicitam melhor esta problemática.

“Eu acho importante o afeto, esta relação afetuosa pra tu conseguires ter o aluno como parceiro para tu trabalhar né, mas tu não podes ter ele só como parceiro, aí tu viras a sora, a profi, a tia” (Profa.Fernanda. E.E.Supletivo A).

“O que a gente pode querer deles, se eles tem dezessete, dezoito anos? Então tu tens que levar isto em conta também, quando tu analisas a atitude de uma turma, com esta idade tu não podes exigir que eles fiquem o tempo inteiro compenetrados, eles são agitados, próprio da idade deles, aí tu tens que aprender a lidar com esta agitação deles pra que tu consigas achar um jeito, sem te tornar uma professora ditadora, porque aí tu tá perdida, pra este tipo de público tu sendo ditadora, aí tu não consegue nada e te perde, então tu tens que cativá-los de alguma forma” (Profa.Rita. E.E.Supletivo A).

Outro aspecto interessante a analisar, é que dos seis jovens que foram escolhidos para uma escuta mais densa, dois possuem na sua trajetória escolar traumas que foram decisivos no seu processo escolar e na sua vida particular.

Leila: *Tem professor que é muito qualificado, chega ali dá a aula, e ninguém entende, outro menos qualificado, consegue passar melhor a matéria.*

Lúcia: *Tem o jeito da pessoa, também*

Alexandre: *tu gostando do que tu faz, tu sempre vai te dar bem.*

Leila: *Isto pode vir a prejudicar o aluno no futuro, porque desinteressa.*

Lúcia: *Isso é o que eu ia falar. Eu tive problema com uma professora na quarta série. Eu faço tratamento com uma psicóloga, hoje, por esta professora. É uma coisa que eu não vou esquecer, eu tenho 22 anos, eu não consegui tirar. Porque ela me botou (riso)...., brigou comigo, porque eu tinha (pausa)... É, até ridículo, mas eu tenho vontade de chorar. Porque eu tinha mania de quando eu ia ler eu começava a ler ao contrário, e ela gritou e me disse: Não! Não é assim, tu tem que fazer assim. E eu continuei fazendo e ela veio e fez assim (apertou o braço). Eu nunca vou esquecer esta cena, nunca! Eu fico até nervosa quando eu falo. Bah! É horrível.*

Leila: *Minha professora, na primeira série, que absurdo! Ela pegava um livrão assim, muito grosso e batia com ele assim...pá!!! Eu tava normal né, minha idade era aquela, eu tava certinha. Eu fiquei apavorada, aquilo não era pra mim, minha mãe não batia em mim. Eu nem falava em aula. Nem 'ai' eu falava. Eu falei para minha mãe que eu não queria mais ir para a aula. E não fui mais para a aula.*

Depoimentos como estes mostram como determinadas atitudes dos professores podem marcar a vida dos alunos, e que podem repercutir de uma maneira positiva na vida escolar deles ou, pelo contrário, constituírem-se como elementos negativos e de atraso nesta trajetória. Conforme depoimentos posteriores destas alunas, foi a partir destes fatos citados acima, que elas começaram a se desinteressar pela escola e suas

trajetórias escolares passaram a ser repletas de descontinuidades e rupturas.

Lúcia: “Nos primeiros tempos de aula eu lembro de gostar muito dos colegas, das brincadeiras, aquela coisa de 1ª e 2ª série, que só uma criança sabe aproveitar. Existiram professores maravilhosos, lembro de uma estagiária da 4ª série que era muito dedicada e querida, ao contrário de uma outra que prefiro nem falar, pois esta me causou problemas que ela nem imagina. Tive uma decepção tão grande com aquela professora que até troquei de colégio, chegando na 5ª série fui reprovada, voltei no ano seguinte um pouco decepcionada, mas voltei, aí começaram problemas e acabei desistindo, com a intenção de voltar no próximo ano. Mas foi aí que eu parei de estudar, devia ter uns 11 ou 12 anos, aí fiquei um tempo sem estudar, com 14 anos tentei um supletivo, mas rodei, aos 16 anos fui estudar num supletivo, aí me envolvi com uns esquemas, não legais, e parei de novo. Para encurtar um pouco, aos 17 anos conheci o Supletivo A, fiz o 1º grau e rodei em matemática, mas aí já foi um grande passo, voltei para fazer só matemática mas desisti outra vez. Aos 20 anos com os problemas mais no lugar voltei para esta escola e terminei matemática do 1º grau com a professora Anita que foi a melhor professora que já tive, talvez ela não saiba mais ela me ajudou muito. Aí no mesmo ano, já com 21 anos comecei o 2º grau e hoje com muito orgulho estou terminando.

O que ocorreu com esta aluna, Bernard Charlot (1999) chama de *la dérive*⁸⁵, que é uma expressão usada pelos jovens franceses e quer dizer: o aluno está indo bem⁸⁶, tudo está caminhando normalmente, num certo momento ocorre algum fato ou uma situação que o faz afastar-se da sua trajetória, ele não premeditou este fato, e a partir daí vão

⁸⁵ Segundo o dicionário, *Dérive* significa: “desviar de seu leito (o rio); afastar-se (de sua rota)”. Michaelis, Francês-Português, Melhoramentos, 1983, p.107.

acontecendo coisas que o faz “cair lentamente”. A idéia inicial não era seguir por este caminho e esta queda pode levar anos, até que um outro fato aconteça, ou provoca um *déclíc* no aluno, outra expressão usada por Charlot (2000), que também é usada pelos jovens franceses, como se fosse um “*estalo*”, a partir do qual este aluno começa a reerguer-se, ter novas perspectivas e a escola, muitas vezes, volta a ocupar um espaço importante na vida deste jovem.

"Les élèves qui dérivent.

Certains perdent pied dès le primaire, où ils commencent à redoubler, et le plus souvent ils redoublent également au collège. Les uns, nous l'avons vu, n'entrent jamais dans les logiques de l'école mais d'autres ont d'abord aimé l'école⁸⁷"
(Charlot, 1999, p.158).

Para Charlot (2000) este *déclíc* é como se fosse uma ‘luz’ que surgisse e permitisse ao aluno perceber coisas que até então ele não tinha percebido, é como se antes não existisse saída, e agora começasse a surgir uma outra imagem de si mesmo, uma outra relação consigo, com o outro e com o mundo. No caso desta aluna o *déclíc* pode ter ocorrido antes dela entrar no ensino supletivo ou lá mesmo, mas foi a postura positiva de uma professora que a fez novamente ter prazer na escola e retornasse à rota escolar.

⁸⁶ Pode ocorrer que o aluno já apresente algumas ‘dificuldades’ no início da sua escolarização, no caso desta aluna os problemas escolares começaram a partir da 4ª. série.

⁸⁷ Os alunos que derivam: Alguns perdem o pé desde o primário, onde eles começam a reprovar, e o mais frequente é eles reprovarem igualmente no colégio. Uns, nós temos visto, não entram jamais na lógica da escola, mas outros gostam da escola desde o início. Tradução da autora.

Segundo Charlot, este *déclíc* pode surgir através da religião, de um amor, de um amigo ou de uma pessoa especial. É algo que o faz novamente sentir que é capaz, que pode construir algo, e a partir daí ele passa a acreditar novamente no futuro, a pensar em constituir família, a procurar um emprego, a voltar a estudar ou continuar os estudos.

Lúcia: “Hoje no Supletivo A, conheci muitas pessoas, tenho prazer em ir à aula. Fiz amizades que tenho certeza que vão durar por muito tempo, vou sentir falta da minha escola. Para mim ao contrário do que alguns falam o ensino supletivo é muito bom, não tenho reclamação alguma e tenho certeza de que tenho as mesmas condições de um aluno da escola formal. Acabando agora o 2º grau vou tentar vestibular pra psicologia ou enfermagem não tenho certeza ainda, se eu passar agora ótimo, se não, vou ter que trabalhar para pagar um cursinho pré-vestibular e ao contrário do passado, hoje pretendo estudar ainda por muito tempo”.

Esta aluna terminou o Ensino Médio na metade do ano 2000, fez vestibular para enfermagem em uma Universidade privada e foi aprovada, consolidando assim um de seus planos para o futuro.

Paulo Freire na sua sabedoria fraterna e amorosa nos diz que o diálogo é uma exigência existencial. É também amor. Acredito que antes de qualquer reflexão, seja ela social, política ou de qualquer natureza não podemos prescindir de categorias como diálogo e amor. As relações humanas pulverizam-se ou desgastam-se quando estas duas palavras deixam de fazer parte do cotidiano daqueles que pretendem com o outro construir algo.

O ato de aprender e de ensinar perpassa nossas existências. Viver significa aprender e transmitir conhecimentos. Aprendemos na família, na escola, na rua. Vivemos e convivemos com o outro, igual ou diferente, com amigos e não amigos, com rituais consagrados e com magias próprias que só a nossa criatividade pode produzir. O outro é que dá sentido aos nossos atos.

“Existe em nossa subjetividade humana esse lugar habitado pelas noções de alma, de espírito, animus⁸⁸, anima, e temos o sentimento profundo de uma insuficiência da alma que só pode satisfazer o outro sujeito. E, no fundo, com a relação de amor, no sentimento de amor, está a idéia de que o outro restitui a nós mesmos a plenitude de nossa própria alma, permanecendo totalmente diferente de nós mesmos. E nós mesmos, ainda sendo o outro” (Morin, 1996, p.53)

É neste encontro com o outro que se baseia nosso estar aqui. Nossas atitudes são determinantes na vida daqueles que compartilham o mesmo espaço conosco, mesmo que sejam nas poucas horas que dividimos o espaço da sala de aula. Nossa reflexão é necessária, nosso silêncio muitas vezes também.

Boff (1999, p. 99) nos diz *“construímos o mundo a partir de laços afetivos. Esses laços tornam as pessoas e as situações preciosas, portadoras de valor. Preocupamo-nos com elas. Tomamos tempo para*

⁸⁸ “Animus/anima: expressão difundida pelo psicanalista C.G.Jung (1875-1961) para designar a dimensão masculina (animus) e feminina (anima) presentes em cada pessoa e que se reflete nos padrões culturais de comportamento”(Boff, 1999, p.185). Na versão original da citação, não existe esta nota de rodapé, ela foi colocada aqui pela autora.

dedicar-nos a elas. Sentimos responsabilidade pelo laço que cresceu entre nós e os outros". Neste contexto um estar-junto⁸⁹ mais dialógico e prazeroso com esses jovens é importante para a continuidade de seus estudos, e quem sabe na diminuição de alguns "traumas" que a escola 'regular' tenha deixado neles.

Na relação professor-aluno é interessante fazer com que esta relação não prescindia do humano, do social e do singular. Este afeto por parte do professor, pode ser traduzido muitas vezes em uma simples atitude de escuta, respeito e interesse do professor pelas coisas do aluno. Neste sentido Dubet (1997, p.231) aponta:

"O problema é que não se sabe o que determina o efeito professor. O método pedagógico escolhido não faz diferença. Os homens não são mais eficazes que as mulheres, os antigos não mais que os novos. Há velhos professores totalmente ineficientes e pessoas que começam eficientes logo na primeira semana. A ideologia do professor também não tem nenhum efeito. O único elemento que parece desempenhar um papel é o efeito pigmaleão, isto é, os professores mais eficientes são em geral aqueles que acreditam que os alunos podem progredir, aqueles que tem confiança nos alunos. Os mais eficientes são também os professores que vêem os alunos como eles são e não como eles deveriam ser. Ou seja os que partem do nível em que os alunos estão e não aqueles que não param de medir a diferença entre o aluno ideal e o aluno de sua sala".

Neste contexto, o professor "afetivo" é aquele que sabe ouvir, que tenta entender o aluno na sua singularidade, pois cada um tem a sua

⁸⁹ "Levando em consideração também uma certa falência dos grandes sistemas explicativos que regeram a modernidade, pode-se propor uma outra lógica do estar-

maneira de ver a vida, reflexo de suas experiências e de seu mundo próprio. O professor não precisa ter vivido as mesmas experiências do aluno para poder conversar com ele, aprender e ensinar coisas.

“Os alunos eram sensíveis ao fato de eu me interessar por eles como pessoas, isto significa que eu falo com eles, que eu me lembro das suas notas, de suas histórias”. “...Com os alunos, digamos que eu tive o sentimento que começava a aprender pouco a pouco a dar aulas” (Dubet, 1997, p.224)

Quando o professor consegue ver o aluno mais que um simples indivíduo, quando ele percebe que existe em cada aluno um universo rico de saberes, que esses alunos são sujeitos capazes de dizerem muitas coisas, talvez boas ou não, como todo o ser humano, a relação começa a mudar e o sentido de estar ali se faz presente.

Freire (1995, p.94) nos diz que a juventude deverá entregar-se à aventura de uma escola séria, rigorosa, alegre, mas que jamais poderá prescindir do ato sério de estudar, que jamais deverá confundir essa alegria com a alegria fácil do não-fazer. Ele nos diz ainda que: *“não é preciso enrijecer as mesas mais do que a madeira já as fez endurecidas; não é preciso endurecer o porte das crianças, não é preciso pôr colarinho e gravata na criança para que ela imbuída de um certo sofrimento, que é o sofrimento do saber, possa aprender. Não. Mas, por outro lado, é preciso não afrouxar, para que a criança não se perca apenas no brinquedo, apenas na alegria”*. Para Freire o saber não é um processo fácil, mas é preciso que o aluno perceba que, mesmo sendo difícil, é um processo bonito.

junto. Lógica que não seria mais finalizada, direcionada para o longínquo, mas, ao

Outra história, também muito comum na realidade dos jovens que freqüentam o ensino supletivo e que justifica em muitos aspectos sua opção por esta modalidade, é de Alberto (24 anos), um dos rapazes da pesquisa, que possui uma trajetória escolar marcada por descontinuidades e rupturas no espaço escolar.

“Na minha família a escola sempre ficou em primeiro lugar, mas a dificuldade em comprar o material, tudo se tornava mais difícil. Mas com o esforço da minha mãe eu consegui completar a 5ª série do 1º grau, foi quando eu parei de estudar por motivos pessoais muito fortes. Depois de um tempo eu fui pro supletivo pela 1ª vez, numa escola pública, ali eu passei e fui até 7ª série sem rodar e tava passando pra 8ª. quando eu parei e aí depois só aqui, no Supletivo A. Mas agora eu voltei a estudar e espero não parar mais, comecei no supletivo no primeiro semestre de 99, cheguei no supletivo através de amigos e hoje eu estou fazendo o 2º grau e pretendo ir mais longe, não pretendo parar de estudar por motivo algum. A minha vida deu uma virada muito grande desde que eu comecei no supletivo, graças ao estudo eu estou pensando num futuro melhor para mim, antes eu não tinha perspectivas do futuro. Agora eu penso em trabalhar num bom emprego, pagar a faculdade de Educação Física”.

Apesar do desejo explicitado, Alberto não conseguiu terminar o Ensino Médio no ano de 2000, arranhou um emprego à noite, e como as aulas eram pela manhã não conseguiu mais assisti-las. Matriculou-se em outra escola de ensino supletivo e espera terminar o Ensino Médio no final deste ano.

Os alunos do supletivo, em geral, possuem uma visão positiva dos seus professores, é freqüente eles citarem a boa relação que eles têm com a escola, mas é interessante observar que, mesmo quando a relação deles com a escola não é boa, a relação harmoniosa com os professores não é alterada. Esta imagem positiva que, freqüentemente, os jovens desta pesquisa manifestaram acerca de seus professores, pode constituir-se em um dos fatores que os atraíam para esta modalidade de ensino.

“Dos professores sim, da escola mais ou menos”(Roseane, 26 anos).

“Gosto dos professores, mas da escola não”(Geovane, 21 anos).

“Da escola mais ou menos, adoro a professora de matemática, ela é a melhor, mas este trabalho que a escola inventou é ridículo, não tem nada a ver com a matéria que deveria estar sendo dada, e com certeza vai diminuir espaço para o aprendizado de todo o currículo”(Elige, 21 anos).

“Dos professores sim, são muito legais, permitem esclarecer minhas faltas ou algum problema”(Elcio, 22 anos).

6.6 “... Uma Escola Onde Todos Tenham os Mesmos Direitos ...”

A falta de uma política pública eficiente na área de educação e o conseqüente descaso com a escola pública pelo governo é citado como fator relevante na opção destes jovens pelo ensino supletivo, isto ficou evidente na fala dos professores e dos alunos durante a pesquisa.

“(...) tem outra questão que é a questão da escola pública, ela passa por uma carência muito

grande, não se tem professor, não se tem pessoal pra trabalhar, falta muita gente, né, tu não tem uma equipe de apoio, tu tem que subir período, tu não pode dar a tua aula tranqüila, dá uma complicação fora da sala de aula, tem poucas pessoas ali pra resolver essa complicação que já foge do teu trabalho, teu trabalho é sala de aula e aqui não, aqui a gente tem uma equipe de apoio”(Profa. Beatriz. E.E. Supletivo A).

“Eu penso que as escolas estaduais ultimamente tem feito muitas greves, acabam atrapalhando, desestimulando o aluno, ele ficam em casa, depois ele não quer voltar mais, não dá mais bola, pára de estudar, ou às vezes até mesmo reprova, e o colégio particular está caro”(Profa. Mônica, E.E. Supletivo A).

“Realmente há um rejuvenescimento na sala de aula, e isto se deve ao fato de que neste período a gente pegou alguns fatos históricos que são importantes, por exemplo: algumas greves no magistério do Estado, não é, isto contribuiu para que o aluno do ensino público buscasse uma alternativa como o supletivo” (Prof. Vilmar. E.E. Supletivo A).

Na fala dos jovens, observa-se que eles possuem uma consciência crítica da situação precária de muitas de nossas escolas públicas e da educação brasileira de uma maneira geral. Nestes depoimentos que seguem, eles explicitam sua opinião, no que se refere ao estado de conservação de algumas escolas, na falta de professores e no descaso do governo com a educação.

“Minha escola estadual era suja, a sala de aula do supletivo é bem diferente, mas ela tem suas vantagens e desvantagens” (Alexandre, 21 anos).

“Eu particularmente acho a escola pública muito desorganizada, esquecida pelo governo, mas existem professores muito interessados com todos os alunos, sem distinção. O fracasso escolar é a

falta de professores e o desinteresse do governo” (Leila, 19 anos).

“A escola pública que eu gostaria que existisse aqui no Brasil deveria ser como é no Uruguai. Lá o ensino é exemplar. Lá não se paga faculdade e a prova é muito mais acessível. É um país do tamanho do Rio Grande do Sul, mas as nossas escolas poderiam ser melhores, os professores bem mais remunerados” (Helena, 23 anos).

“Eu acho que a escola pública precisa ser valorizada. Um ponto negativo é a greve, acho que os alunos não tem nada ver com os problemas de professor e governo” (Lúcia, 22 anos).

Os problemas apresentados pela escola pública são verificados na falta de professores, nas greves e no pouco investimento das autoridades no que se refere à educação da população e mais, quando questionados sobre a escola dos seus sonhos, muitos deles disseram que gostariam de uma escola mais igualitária, mais democrática e acessível a todos.

“Eu queria uma escola onde todos tenham os mesmos direitos, tanto ricos quanto pobres. Onde a educação é realmente levada a sério” (Cibele, 19 anos).

“Apenas, que desse oportunidade a todos estudarem, preços acessíveis estendidos a uma classe social mais baixa” (Marcos, 23 anos).

“A escola é ótima, mas algumas coisas não são boas como a diferença entre os ensinos, deveriam padronizar todas as escolas sejam elas públicas ou particulares” (Rose, 18 anos)

“Bom, deveria ser gratuita desde a 1ª série do primário até a faculdade. O governo deveria dar ajuda de custo para todo aluno, transporte gratuito, depois de estar formado e trabalhando poderia ter alguma taxa para que os próximos alunos tenham a chance de estudar” (Clarice, 34 anos).

Fica evidente, nestas falas, que eles sabem a sua condição de excluídos de um sistema que não atinge a todos, que os alunos que tem condições de pagar uma escola privada tem mais chances de conseguir melhores empregos ou entrar mais cedo na faculdade. Eles sabem que a escola pública, hoje, não os deixa no mesmo patamar dos alunos que saem das escolas 'regulares' privadas e daqueles que tem condições de pagar um curso pré-vestibular.

Neste sentido Freire (1995, p.51) nos diz que: *“a escola pública não anda bem, não porque faça parte de sua natureza não andar bem, como muita gente gostaria que fosse e insinua que é. A escola pública básica não anda bem, repetamos, por causa do descaso que as classes dominantes neste país tem por tudo o que cheira a povo”*. Nota-se que as falas dos alunos vem carregadas de uma certa mágoa em relação ao ensino público, quanto à desigualdade de chances que as diferentes escolas podem ocasionar, não os preparando da mesma forma para competir num mundo tão seletivo e exigente.

“Eu queria que todas as escolas tivessem o mesmo nível de ensino e qualidade. Que todos tivessem direitos iguais. Acho que deveria haver um só tipo de escola para todas as classes, às vezes pinta um preconceito. Gostaria que só existissem escolas boas para todos, sem diferenças, que todos pudessem ter o mesmo nível de ensino e que fosse o melhor possível”(Lúcia, 22 anos).

“Que tivesse os melhores professores e os alunos em busca de seus objetivos, boa ética, boa estrutura para capacitar os alunos que chegam a ela. E que você não fosse logo julgado ou taxado de inferior por estar fazendo um “supletivo”, às vezes sinto vergonha e não comento. Os alunos das escolas particulares tem mais qualidade de

ensino, professores mais qualificados, melhor ambiente de estudo, já na escola pública tudo é precário, quem estuda na escola estadual é porque tem menos condições. É um problema social que deveria ser encarado de frente, pois qualidade de ensino é fundamental. Como serão os brasileiros de amanhã? Acredito que os diferentes tipos de escolas reforçam, sim, as desigualdades” (Helena, 23 anos).

Muitas vezes as causas que determinam as situações de fracasso escolar são atribuídas somente aos alunos e, freqüentemente, eles mesmos acreditam nisto. É mais fácil dizer que o problema é dos jovens ou das famílias. Na realidade os professores, a escola, a família e os alunos sofrem as deficiências de um sistema escolar carente e excludente.

Os professores sofrem com os baixos salários e com cargas horárias excessivas, as escolas com a falta de recursos para a manutenção de seus prédios e investimentos em projetos que melhorariam o ensino e, no caso dos pais, estes sofrem cada dia mais com os problemas sócio-econômicos, como a violência, a instabilidade econômica, o desemprego, o alto do custo de vida. Neste sentido Freire (1995, p.34) aponta:

“Precisamos demonstrar que respeitamos as crianças, suas professoras, sua escola, seus pais, sua comunidade; que respeitamos a coisa pública, tratando-a com decência. Só assim podemos cobrar de todos o respeito também as carteiras escolares, às paredes da escola, às suas portas. Só assim podemos falar de princípios e valores. O ético está muito ligado ao estético. Não podemos falar aos alunos da boniteza do processo de conhecer se sua sala de aula está invadida de água, se o vento frio entra decidido e malvado sala a dentro e corta seus corpos pouco abrigados”.

Todos estes problemas afetam as relações escolares, prejudicando alunos, pais e professores e, neste contexto, muitos alunos não respondem positivamente às exigências escolares e acabam abandonando a escola 'regular' e procurando outros caminhos, nesta procura, o ensino supletivo, principalmente o privado, se apresenta como uma opção atraente.

Desta maneira, as escolas supletivas privadas proliferam e com vistas a um mercado cada vez mais promissor, elas se preparam para receber estes alunos que o sistema escolar público excluiu, oferecendo cursos de rápida duração para a conclusão do Ensino Fundamental e Médio, com bons estabelecimentos de ensino e uma estrutura pedagógica que muitas escolas públicas não possuem.

Os jovens estão numa fase da vida, na qual desejam entrar na faculdade, precisam ingressar no mercado de trabalho, enfim, ter condições de sonhar com um futuro promissor, com um bom emprego, constituir uma família, adquirir bens, como casa, carro, e para muitos deles a faculdade é a chave, mas para isso precisam concluir o Ensino Médio, o mais rápido possível.

Desde as nossas primeiras conversas, entrar para a faculdade é um objetivo constantemente apresentado por estes jovens, eles percebem que quanto mais qualificarem-se, mais oportunidades sociais, pessoais e profissionais terão. Palavras como vestibular e faculdade estiveram sempre presentes na fala destes jovens. Para eles sem faculdade, as opções se reduzem. Se terão condições de entrar imediatamente ou não,

eles não sabem, mas o objetivo é este, ou seja, qualificar-se para ocupar um espaço nesta sociedade tão seletiva e exigente.

“A escola é a base de tudo para todos nós, sem ela como trabalharíamos, nos comunicaríamos? O conhecimento abre a porta para tudo, até para um simples diálogo. A época que eu fiquei sem estudar, no início era maravilhoso, me achava o máximo, mas depois me senti burra, ignorante. Enfim uma pessoa sem perspectivas. Hoje eu aprendi que o conhecimento é tudo na vida de uma pessoa, que bom se todos tivessem acesso ao conhecimento. Eu vejo no ensino superior tudo para que eu possa ser alguém, no mínimo respeitada. Eu quis voltar a estudar quando vi que sem estudo, eu não conseguia nem um emprego de lixeira” (Lúcia, 22 anos).

Apesar das descontinuidades e rupturas escolares, que fazem parte da trajetória escolar destes alunos, a escola, tanto a ‘regular’ como a de ensino supletivo tem um papel importante na vida deles. A escola para eles é:

“a ampliação do espaço, uma visão de futuro diferente e com grandes expectativas” (Alberto, 24 anos).

“uma espécie de sociedade onde ensinamos e aprendemos, com professores e colegas. É o presente, a porta para o futuro” (Leila, 19 anos).

“a nossa segunda casa, é onde aprendemos a crescer, tanto mentalmente, profissionalmente e levamos ensinamentos para a nossa família, ou seja, nossos filhos”(Livia, 29 anos).

“um lugar onde estudamos e encontramos bons amigos” (Amanda, 18 anos).

“muitas vezes pode ser chata, irritante, mas é necessária para nossas vidas e para nossa formação não só cultural mas social” (Alfredo, 19 anos).

“uma fonte de sabedoria, o futuro da humanidade” (Luíz, 19 anos).

As reprovações, os traumas, os problemas sócio-econômicos e familiares atravessaram a trajetória destes jovens e fizeram com que muitos interrompessem seus estudos e na ânsia de recuperar o tempo perdido, para eles, o ensino supletivo foi a melhor escolha. Entretanto, o interessante de todo este fenômeno, observado a partir da fala dos jovens, é que a escola continua ocupando um espaço importante na vida deles e continua sendo uma referência positiva e fazendo parte dos seus projetos.

Se, apesar de todas as dificuldades que permearam a trajetória escolar desses alunos, eles ainda vêem a escola de uma forma positiva, cabe a nós, educadores, nos posicionarmos com uma visão também positiva sobre a situação deles.

Charlot (2000) nos diz que diante de um aluno que fracassa num aprendizado, freqüentemente é feita uma leitura negativa da situação, fala-se em deficiências, carências, lacunas, enquanto que uma leitura positiva quer saber: O que está acontecendo com este aluno? A leitura positiva busca compreender como as ‘situações de fracasso’ foram constituindo-se na trajetória deles. O que ocorreu com ele? O que ele fez? O que ele pensou? E não somente o contrário, o que ele não fez, o que ele não pensou, o que ele não entendeu.

" La théorie du handicap socioculturel pratique une lecture «en négatif de la réalité» sociale, qu' elle interprète en termes de manques. L' analyse du rapport au savoir implique au contraire une lecture «en positif» de cette réalité: elle s'attache à

*l' expérience des élèves, à leur interprétation du monde, à leur activité*⁹⁰ (Charlot, 1997, p.33).

A leitura positiva quer saber o que está correndo, em que situações ele fracassa e em quais ele consegue ter sucesso, “*a leitura positiva busca compreender como se constrói a situação de um aluno que fracassa em um aprendizado e, não, ‘o que falta’ para essa situação ser uma situação de aluno bem-sucedido*” (Charlot, 2000, p.30). Não apenas olhar o aspecto negativo da situação, não se deter somente nas suas supostas carências e deficiências, mas prestar atenção em outras coisas que os alunos podem fazer e que fazem muito bem.

Neste sentido, Charlot (2000) ressalta que devemos levar em conta a singularidade deste aluno, sua história particular, pois ele é um ser humano original. Ele vai para a escola e encontra este professor e não outro, e a interferência do professor pode ser muito importante na vida dele e sua contribuição conta muito na sua história escolar.

Para Bernard Charlot⁹¹ (2000) existem três questões básicas que precisamos refletir: Qual é o sentido que a escola têm para o jovem? Como ele mobiliza-se para ir até ela? Como o aluno se vê dentro e fora da escola? Estes questionamentos, segundo o autor, também valem para o professor, pois o fato de ir à escola também deve ter um sentido para ele. O que muitas vezes acontece é que o aluno vem para a escola sem saber muito bem o porquê, conseqüentemente, faz de conta que estuda e

⁹⁰ A teoria da deficiência sociocultural pratica uma leitura negativa da realidade social, que ela interpreta em termos de faltas. A análise da relação com o saber implica ao contrário numa leitura positiva desta realidade: ela se liga à experiência dos alunos, à sua interpretação do mundo, à sua atividade. Tradução da autora.

⁹¹ Diretor da Equipe de Pesquisa ESCOL (Educação, Socialização e Coletividades Locais). Departamento das Ciências da Educação. Universidade Paris VIII. Saint Denis.

também o mesmo pode acontecer com os professores, pois estes também, muitas vezes, fazem de conta que ensinam. Para Charlot (2000), isto é a crise da educação.

Entendo que a grande procura pelo ensino supletivo por alunos de todas as idades e, em especial, pelos jovens, que são os sujeitos desta pesquisa, está relacionada também com esta crise pela qual a escola passa. Crise esta que é também social, política e econômica. Vista de um ângulo mais abrangente, esta é a crise da própria modernidade, uma crise nos seus pressupostos básicos, mencionados no capítulo IV. Se a modernidade está em crise, a escola também está. Partindo desta reflexão, se a modernidade fracassa em muitos de seus pressupostos, a instituição escolar fracassa e muitos alunos também. Mas o que é fracassar na escola, o que é realmente fracasso escolar?

Conversando com meus alunos durante a pesquisa, descobri que eles não se sentem fracassados e não admitem serem assim classificados. Neste sentido, Charlot (2000), nos alerta: *“o fracasso escolar não é um monstro escondido no fundo das escolas e que se joga sobre as crianças mais frágeis, um monstro que a pesquisa deveria desemboscar, domesticar, abater. O ‘fracasso escolar’ não existe; o que existe são alunos em situação de fracasso, histórias escolares que terminam mal”* (2000 p.16). Segundo o autor como a categoria é muito ampla, é polissêmica e ambígua. Ela pode caracterizar reprovação, a não aquisição de conhecimentos ou competências, entre outras situações.

Pode estar associada a alunos do Ensino Fundamental ao Ensino Superior e como diz Charlot *“ela se tornou, mesmo tão extensa, que uma espécie de pensamento automático tende hoje a associá-la à imigração,*

ao desemprego, à violência, à periferia..” (2000, p.14). Este pensamento automático, muitas vezes citado pela mídia e aceito em determinados setores da sociedade como corretos, é o que Charlot chama de aspectos sócio-mediáticos. Incute-se na sociedade que os alunos que ‘fracassam’, são aqueles que apresentam carências ou lhes falta algo.

Para Charlot (2000), nem sempre o ‘fracasso’ é uma carência ou uma falta, pois o aluno que fracassa em uma determinada escola, poderia ter sucesso em outra; pode fracassar num determinado período e em outro não. São inúmeras as situações, difíceis ou não, por que passam os alunos e que interferem na vida escolar deles, e que podem ser determinantes no seu ‘sucesso’ ou ‘fracasso’ na escola. Não são apenas os aspectos cognitivos que devem ser analisados aqui, mas os aspectos individuais, sociais e econômicos. Nas conversas e entrevistas com os jovens, percebeu-se que os aspectos sócio-afetivos e econômicos foram determinantes para a sua reprovação ou abandono da escola.

É importante salientar que muitos alunos do ensino supletivo, não tiveram problemas na escola nos primeiros anos, ou se tiveram não estavam relacionados a fatores cognitivos. Muitos deles reprovaram quando chegaram na adolescência, pois a escola já não era tão interessante como antes, os professores já não satisfaziam seus anseios e o pátio, a rua, os amigos, os namorados começaram a ocupar o lugar que a escola antes tinha no cotidiano deles.

Muitas vezes, as aulas monótonas e repetitivas, os professores autoritários não satisfaziam mais os alunos naquele momento. Não podemos esquecer também, que a falta de professores na escola pública é tida pelos alunos, pais e pelos professores, como um desestímulo à

permanência na escola, pois no momento em que os alunos ficam dois períodos sem aula, no pátio ou vão para a casa mais cedo, quebra-se a “seqüência escolar”. Sem contar que muitos alunos passam meses sem ter um professor para determinada disciplina e não é raro quando isso ocorre em mais de uma disciplina.

“No Fundamental ela estudava em uma escola estadual das melhores, era tudo controlado, pra sair, pra entrar, das que funcionam melhor, aí ela terminou foi para o segundo grau, quis ir para outra escola pública, completamente desestruturada, com liberdade total, com falta de professores em várias disciplinas, aí claro que o pátio começou a ser mais interessante, envolvimento com colegas de todos os tipos, problemas de saúde e outros problemas, chegou no final do 1º ano reprovou, começou a fazer o segundo, não teve mais condições, aí a gente parou pra conversar, pra ver o que ela realmente queria fazer. Daí o supletivo ela assumiu” (Marta, mãe de aluna de supletivo e professora de jovens e adultos) .

Esta realidade pode fazer com que o aluno considere o pátio mais interessante e não retorne à sala de aula. A falta de professores na escola pública é considerada um problema grave. Muitos professores acreditam que estas faltas possam ser mais prejudiciais que as greves do magistério. Sabe-se que as greves apesar de serem, em muitos casos, longas, ocorrem em determinadas períodos, enquanto que a falta de professores é um problema permanente.

Os baixos salários, as turmas grandes, a desvalorização social da categoria, a falta de materiais escolares, e muitas vezes de apoio pedagógico em muitas escolas fazem com que professores e alunos sofram com esta realidade. Para tanto Charlot (2000, p.14) nos diz:

“A questão do fracasso escolar remete para muitos debates: sobre o aprendizado, obviamente, mas também sobre a eficácia dos docentes, sobre o serviço público, sobre a igualdade das “chances”, sobre os recursos que o país deve investir em seu sistema educativo, sobre a “crise”, sobre os modos de vida e o trabalho na sociedade de amanhã, sobre as formas de cidadania, etc”.

Todos esses fatores fazem com que muitos alunos procurem uma escola ‘regular’ privada, mas como esta, em geral, é muito cara e o tempo de permanência é maior, a escola de ensino supletivo privada se constitui como uma opção viável, por ser mais barata e oferecer cursos de Ensino Fundamental e Médio num curto espaço de tempo.

Nestes treze anos de convivência com jovens no ensino supletivo, hoje mais do que alguns anos atrás, aprendemos que vários são os motivos que os fazem optar por esta modalidade e cada vez mais cedo. Através das entrevistas nos pareceu, que as questões sociais, afetivas e econômicas são mais determinantes que as dificuldades cognitivas e as que mais interferem na história escolar destes alunos.

A escola para o aluno precisa ter um sentido real. Senão ele não vai ou se for para a escola ele não aprende. É preciso que este sentido de estar ali, tenha sua origem no prazer que o ato de aprender pode proporcionar e aliado ao prazer exista uma atividade intelectual a ser desenvolvida. Para Charlot (2000) resolvendo estas questões, tudo estará praticamente resolvido. O sentido de ir à escola, o prazer de estar nela e a atividade intelectual a ser desenvolvida são pontos primordiais para que o processo educativo seja eficiente. O método a ser usado não é o mais

importante, o importante é fazer com que os alunos, dentro da sala de aula, despertem o sentido e o prazer de estar e permanecer ali.

As situações de fracasso escolar que muitos alunos enfrentam, principalmente, nas classes populares, estão também, mas não só, relacionadas às desigualdades sociais ou a problemas econômicos. Neste sentido o que ficou claro nas conversas com os alunos, é que muitos deles faltam a escola, pois precisam temporariamente trabalhar, ajudar os pais em casa, cuidar de um irmão ou irmã menor, de uma avó ou avô que estão doentes e fazer pequenos serviços para ajudar no sustento da família. Estas situações podem, num determinado momento, constituírem-se como mais importantes do que ir à escola.

Procurar os motivos que fizeram com que esses jovens optassem por esta modalidade de ensino, nos aproximou de sua realidade pessoal e escolar. Constatamos, a partir das suas falas, que a escola de ensino supletivo apresenta uma diversidade de alunos, hoje não tão diversa no que se refere a idade como em épocas anteriores, mas no que diz respeito a escola de origem desses alunos, pois alguns são do interior do Estado, outros são da capital, alguns de outros Estados até de outros países.

Encontramos alunos oriundos de bairros mais próximos ou de bairros mais afastados do centro da cidade e conseqüentemente de situações sociais, políticas e econômicas diferentes. Observou-se que, para muitos desses jovens saírem da escola 'regular' e optarem pelo supletivo, não foi tarefa fácil, pois tiveram que enfrentar uma realidade diferente da sua em vários aspectos.

“...no supletivo principalmente, claro, porque tu conversando tu fala que tu é pobre, sabe, aí uns outros que sabem já querem sabe...., na escola era mais misturado, todo mundo era igual, nunca teve discriminação” (Alberto, 24 anos).

No caso desta pesquisa, a maioria dos alunos é oriunda de escolas públicas da capital, apesar de encontrarmos alunos que estudaram em escolas particulares e alunos do interior do estado. Observamos que os problemas sócio-econômicos influenciam na opção destes alunos pelo ensino supletivo, mas existem outros fatores de ordem pessoal, e poderíamos até dizer, de ordem emocional e afetiva que os colocam neste espaço.

A procura destes jovens pelo ensino supletivo não pode ser limitada a questões econômicas, pois o seu cotidiano e suas escolhas pessoais também determinam a sua opção pelo supletivo. Neste sentido, a trajetória escolar de cada aluno é importante, é preciso levar em conta as suas singularidades, pois cada ser humano é único. Cada um têm uma história que determina suas escolhas, seus posicionamentos e atitudes.

Cada aluno é um ser humano original e dentro de uma escola de ensino supletivo, onde a diversidade se faz presente, conhecer um pouco a história individual de cada aluno é imprescindível. Neste sentido, a postura do professor, em sala de aula, pode ser fundamental na trajetória escolar deste aluno e na possibilidade de um possível sucesso escolar, pois quando o aluno chega na escola, ele encontra um professor que poderá ser muito importante na sua vida escolar, poderá desencadear futuros sucessos ou novas rupturas.

Segundo Charlot (2000) o ser humano é 100% singular e 100% social, neste sentido é preciso que o professor escute o aluno, conheça um pouco de seus medos e desejos. Muitos deles, quando chegam ao supletivo estão desgastados, cansados, muitos com problemas na sua vida pessoal e um olhar mais cuidadoso é fundamental.

Charlot (2000) nos diz que toda a relação consigo é também uma relação com o outro, e toda a relação com o outro é também uma relação consigo próprio. Cada um leva consigo o fantasma do outro. Para tanto, este é um princípio fundamental para compreendermos a experiência escolar desses jovens. A experiência escolar, é antes de tudo, uma relação consigo, uma relação com o outro e uma relação com o saber.

O sucesso escolar representa vencer um desafio, é algo que desperta sentimentos de vitória e orgulho, mas do ponto de vista social pode custar caro ao aluno, ele terá que trocar de turma, de amigos, muitas vezes de escola, poderá freqüentar uma universidade, o que para muitos é um sonho, um desafio, algo desejado mas que, ao mesmo tempo pode causar um certo temor. Entretanto é preciso que este aluno tenha sucesso escolar para poder ocupar outros espaços, conhecer novas pessoas e ter a possibilidade de um futuro profissional. Neste sentido, impõe-se aos professores o desafio de criar um ambiente escolar onde estabeleçam-se novas relações com o saber, com a escola, onde o sentido e o prazer de aprender sejam a norma e não a exceção.

“Eu vou fazer faculdade se Deus quiser, eu quero Educação Física. Eu acho que, o que eu escuto das pessoas que fazem, bah! (euforia), eu

vou fazer várias amizades lá dentro, vou curtir um monte, eu acho que muita coisa que eu não fiz, vou fazer lá dentro. Vai me abrir um campo de conhecimento e pô, tu vai encontrar outras pessoas, e sabe, tu vai conhecer outros lugares, ter outras influências, eu acho que a faculdade te dá isso” (Alberto, 24 anos).

É com esta leitura positiva, da situação desses jovens, que esta pesquisa pretende mostrá-los. Através de suas falas, eles apresentam-se como jovens dinâmicos, críticos, que sabem o que querem, conscientes de seu entorno e da sua situação escolar e social. E mais, apesar de todas as dificuldades encontradas nesta trajetória, esses jovens estão dispostos a avançar no processo escolar e como eles mesmos dizem: *“Professora eu quero recuperar o tempo perdido, eu quero, eu posso!”*

6.7 “Ser Jovem é Esperar Que o Melhor Ainda Aconteça...”

Nos últimos três anos, principalmente no diurno, percebe-se um aumento considerável no número de jovens que freqüentam o ensino supletivo. O professor precisa estar atento para esta nova realidade, pois esses alunos são, na maioria, recém egressos da escola ‘regular’.

Sem dúvida, é um desafio para alunos e professores que compartilham este cotidiano. Entretanto, a partir da fala deles, percebe-se que existe, de ambas as partes, uma vontade muito grande de fazer deste ambiente um local de troca de saberes e de convivência agradável, já que o tempo de permanência destes jovens neste espaço é pequeno.

Através das entrevistas, parece que esses jovens esperam que as gerações que os precederam lhes apontem caminhos, não que os direcionem como máquinas. Os jovens esperam que o mundo adulto não somente cobre atitudes e comportamentos, mas que possa lhes transmitir algo, que haja uma troca de saberes e conhecimentos. O conhecimento do vivido é importante para as novas gerações. Neste sentido é importante refletirmos sobre a fala desse aluno, no que diz respeito a postura dos adultos em relação aos jovens.

“Ser jovem é tarefa difícil. Embora as pessoas em geral achem que os jovens deveriam ter boas maneiras, senso de responsabilidade e respeito pelos outros, a realidade é muitas vezes bem diferente desses ideais. Os adultos acham fácil culpar os jovens pelos conceitos deturpados da juventude, mas para falar a verdade, será que não são os adultos que merecem boa parte da culpa pelo que está acontecendo com os jovens na atualidade? Não há dúvida que o colapso da família, divórcios, discórdias e conflitos entre os adultos, além do que está passando nosso país com desemprego, miséria, crianças abandonadas nas ruas, nossos governantes a cada momento sendo cassados por fraudes. O que poderemos esperar do novo milênio? O que tínhamos no passado está difícil no presente, e o futuro? Apesar disso sou um jovem com esperança no retorno da humanidade e num futuro mais humano” (Gustavo, 20 anos).

É importante salientar que a escola ‘regular’ perde muito dos seus alunos quando estes chegam a adolescência, ela não responde mais aos seus anseios por definir-se como um “lugar de infância”. O jovem não quer ficar um turno todo, praticamente sentado, simplesmente ouvindo, ele quer participar e ter voz na sala de aula, quer um currículo que esteja relacionado com a sua realidade e o mais importante, o jovem quer ser respeitado na sua individualidade.

“Eu gosto da forma divertida de ensinar dos professores de matemática, português, geografia, história e artes, pois são os períodos que não perco por nada a aula é tão divertida, democrática, que todos ficam sem vergonha de perguntar e o retorno é ótimo” (Mauro, 18 anos).

Os jovens se comportam, se vestem, usam linguagem própria e são identificados pelo resto da sociedade justamente por assim agirem. Segundo Melucci (1997, p.9) *“na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica mas uma definição cultural”*. Os jovens comunicam-se com o mundo e são reconhecidos pelo seu modo de ser e expressar.

É importante valorizarmos o que esses jovens têm a dizer e mostrar, já que nos parece que eles estão sem voz na sociedade atual. Na maioria das vezes a juventude é citada como categoria problema e enfocada negativamente, relacionando-a, principalmente, as drogas, a promiscuidade e a violência.

Observamos, através da mídia, e em vários debates sobre a juventude, uma ênfase demasiada nos fatores negativos no que diz respeito aos jovens. A droga, a prostituição, a delinquência, a gravidez indesejada, as doenças sexualmente transmissíveis e a violência, em geral são os temas mais desenvolvidos.

Em geral, a escola parece reforçar estes enfoques com uma postura moralista e distante. O debate qualificado e crítico sobre estas problemáticas é importante no ambiente escolar, pois estas fazem parte

do cotidiano deles. São temáticas necessárias e pertinentes, desde que, possamos estar atentos, também, às vozes destes alunos sobre elas, pois é muito fácil rotular a juventude de consumista e alienada sem dar-lhe voz de defesa.

“De um lado, o estereótipo é aliado íntimo do preconceito, fato criador de enormes dificuldades para aqueles que se dedicam ao trabalho educativo. De outra parte, o estereótipo não permite que interroguemos o sujeito – neste caso o aluno jovem – ao qual atribuímos determinadas características a priori e negamos o direito da fala, isto é, nos negamos escutar o que ele teria a nos dizer sobre si mesmo” (Sposito, 1996, p.99).

Todo este panorama reforça a necessidade de pensarmos a realidade da juventude atual, a relação professor-aluno, a escola que temos e a que queremos. Professores e alunos, apesar das dificuldades encontradas, almejam uma escola que se preocupe com o saber, com o ato de aprender e não só como um aparelho de certificação ou um local de simples socialização.

“Dar aula, porque dar aula é qualquer coisa, então a tua aula vai ser qualquer coisa, agora se tu der uma aula que tu gosta, o aluno magicamente, nem é magicamente, é uma coisa que é sensibilidade, ele vai perceber, que tu tá dando aula por prazer, que tu preparou aquela aula bem, que tu gosta de dar aula, naquele conteúdo, na tua matéria e que tu estás fazendo o que tu gostas, o aluno reage positivamente a isso” (Profa.Rita. E.E.Supletivo A).

Sabemos que o diploma é importante para o ingresso deste jovem no mercado de trabalho, pois mesmo que eles saibam, que a escola pode ser insuficiente para uma boa colocação, ela ainda é indispensável como garantia de um possível ingresso neste mercado. O

desemprego é uma marca evidente dos nossos dias vivida de forma trágica pelos jovens, pois o número de jovens desempregados e os que ainda não tiveram a oportunidade do primeiro emprego é alarmante. Isto causa frustração e um certo medo do futuro. O desemprego e empregos temporários e precários são constantes na vida destes jovens.

“As mudanças introduzidas tanto na organização do processo de trabalho, quanto no conteúdo do trabalho, ou seja, na natureza das atividades, nas exigências de qualificação ou requalificação profissional, e que parecem configurar um novo tipo de trabalho e de trabalhador, se já provocam situações difíceis para os trabalhadores adultos, no caso dos jovens elas ganham certa dramaticidade” (Martins, 1997, p.99).

A instabilidade e falta de perspectivas podem gerar vários conflitos e um sentimento de apatia e desesperança neles. O trabalho para os jovens não significa apenas garantir um espaço econômico na sociedade, mas também adquirir bens de consumo que os identifiquem como jovens e uma certa sensação de liberdade. Neste sentido, Marques (1997, p.71) nos diz:

“Quando questionamos os jovens sobre os motivos de sua inserção no mundo do trabalho, a maioria respondeu porque era pobre e precisava ajudar na família. Porém, quando aprofundamos a discussão nas entrevistas individuais e em grupos, outros motivos ficaram evidentes como: ter mais liberdade, garantir os estudos, ter dinheiro para comprar roupas e gastar no fim de semana, ter uma carteira de trabalho, etc. Entre esses jovens, o trabalho, ao mesmo tempo em que os coloca numa situação de explorados, possibilita a afirmação de sua identidade. Ao contrário do discurso moralizante de seus pais sobre a necessidade do trabalho para transformá-los em pessoas

responsáveis, eles vêem no trabalho seu caráter provedor”.

O jovem busca seu lugar na sociedade, sua identidade, ele quer ser reconhecido a partir da sua visão de mundo e percepção da realidade. Conhecer um pouco do seu cotidiano, seus sonhos, seus engajamentos culturais, sociais e políticos, nos aproxima cada vez mais deles e nosso olhar antes restrito vai se transformando em um novo olhar, mais rico e interessante.

“Se queremos pensar a identidade dos jovens frente aos outros com os quais eles se relacionam, se confrontam na família, na escola, no trabalho, no espaço da rua, temos que pensar qual é a rede de significados que a vida social constrói no plano simbólico da cultura e que é movida pela própria dinâmica da sociedade. Rede de significados frente à qual os jovens estão dizendo quem são eles, se aceitam ou não as identificações que lhe são atribuídas pelos adultos, se estabelecem campos de negociação com outros atores, com os quais se confrontam, se transformam ou manipulam as representações que os outros fazem de si” (Marques, 1997, p. 67).

Convivendo com jovens, descobrimos indivíduos criativos, sensíveis e conscientes do seu entorno. Muitos deles, realizam atividades culturais e sociais, como participação em grupos de capoeira, bandas musicais, em associações de bairros, esportivas, religiosas, e muitas outras. Dos seis jovens pesquisados, três realizam atividades culturais, que segundo suas falas, são fundamentais em suas vidas. O jovem Alberto tem na capoeira uma filosofia de vida, o Alexandre ama a música e pretende estudar para ser um músico profissional e a Angela adora fazer poesias. As outras jovens, mesmo que não se dediquem a uma atividade cultural específica, gostam de música, de dança, de teatro, entre

outras. Essas preferências e manifestações culturais, os identificam como sujeitos participativos que interferem na sociedade. Neste sentido Giroux (1996, p. 80) nos alerta:

“Os educadores precisam entender que as diferentes identidades entre os jovens estão sendo produzidas em esferas geralmente ignoradas pelas escolas. Aqui caberia incluir-se uma análise de como a pedagogia trabalha para produzir, circular e confirmar formas particulares de conhecimento e de desejos naquelas esferas públicas e populares em que sons, imagens, textos e cultura eletrônica tentam utilizar o significado a favor e contra a possibilidade de estender a justiça social e a dignidade humana. Os centros comerciais, cafés, cultura televisiva e outros elementos da cultura popular devem converter-se em sérios objetos do conhecimento escolar”.

Para Sposito (1996) não é por acaso que o mundo da produção cultural e das artes, atrai tanto os jovens. A música, a poesia, o teatro e a dança ocupam grande parte do universo juvenil. Entretanto as políticas públicas capazes de oferecer condições para que estes jovens possam mostrar suas habilidades são deficientes. Neste sentido quanto mais ausente se mantém o Estado na oferta de locais de socialização juvenil, mais a rua, as drogas e a violência pode ocupá-los.

“Ser jovem está quase impossível, pois a cada dia que passa temos que nos tornarmos mais velhos, mais sábios para lidar com a realidade que nos é mostrada. Armas, drogas, miséria e doenças acabam com o lado jovial de uma geração dita futuro do país. Como podemos aproveitar a juventude em meio a tanta brutalidade? Se saímos pela noite, somos assaltados. Se queremos amigos novos, temos que nos drogar, pois é difícil achar alguém careta hoje em dia. Se queremos sexo, temos que lembrar do fantasma sempre presente

da AIDS. O que aproveitamos da juventude? O que o Brasil tem a nos oferecer, em troca de nosso patriotismo, que a mim foi passado no Exército? Tenho sonhos, esperanças, mas sinto que minha força de vontade deverá elevar-se para a milésima potência, pois a cada dia, o país revela-se um péssimo local para colocar pilares para uma futura construção pessoal” (Afonso, 19 anos).

Freqüentemente, nos espaços escolares, encontramos jovens com uma postura crítica da realidade atual, que sonham com uma vida mais digna para todos e esperam que uma nova ordem se estabeleça e que novas relações se construam.

“Ser jovem é esperar que o melhor ainda aconteça neste país, é esperar que se possa sair de dia ou de noite sem correr riscos, é esperar que a justiça aconteça não só com os pobres, mas sim com os ricos que prejudicam muito mais este país. Eu espero particularmente que os políticos que roubam sejam castigados severamente, não com multinhas absurdas. Eu espero poder usufruir do SUS sem ter que esperar quatro, cinco, seis horas por uma coisa que eu tenho direito, já que todos pagamos nossos impostos. É isso que eu espero para o meu filho também” (Luisa, 22 anos).

“Tenho uma grande fome de saber, não me refiro restritamente a dos livros, mas principalmente ao da compreensão dos seres, da vida para me tornar uma pessoa melhor e tornar tudo melhor o que me rodeia, pois a verdadeira sabedoria está em saber aprender e repassar conhecimentos com humildade, para sermos conscientes de que sempre teremos mais e mais a aprender e que não somos melhores que ninguém e sim diferentes entre si” (Elige, 22 anos).

“Ser jovem é estar de bem com a vida e com o ambiente que você vive, eu me sinto muito jovem. A característica maior de ser jovem é ter o pensamento jovem. Não faço parte de nenhuma tribo, mas me identifico como um defensor da raça negra. Eu sou um jovem que pensa muito no que faz, em tudo o que acontece na minha vida,

trabalho, estudo, amor. Me sinto um pouco pai de algumas pessoas, como por exemplo meus alunos de capoeira” (Alberto, 24 anos).

“Ser jovem hoje em dia está muito difícil, pois o mundo onde vivemos requer responsabilidades cada dia mais cedo, muitas vezes não paramos para brincar com os carinhos e já temos que trabalhar para ajudar no sustento da casa. Espero que este milênio seja bom para todos, tanto jovens como crianças, adultos, idosos e claro aqueles que estão por vir” (Alfredo, 19 anos).

É interessante notar que estes jovens, apesar de, freqüentemente, serem discriminados pela comunidade escolar por estarem em um ensino supletivo e serem classificados por muitos como alunos inferiores, que ‘fracassaram’ no seu processo escolar, possuem uma visão crítica e generosa da escola, do mundo e da sociedade.

Observa-se, pela fala desses jovens, que eles estão conscientes do seu entorno e que são sabedores da situação atual do país e das dificuldades enfrentadas no cotidiano e mesmo que, no início de suas falas haja uma aparente falta de perspectivas, as palavras finais sempre vêm acompanhadas de esperança e de uma certa confiança no futuro.

Este capítulo localizou o leitor, no campo do ensino supletivo privado, através da trajetória escolar dos seis jovens que foram ouvidos mais densamente, das falas dos outros alunos que constituíam a turma e de seus professores. Saber um pouco da vida particular e escolar de cada um, seus medos, “traumas”, lutas, e esperanças nos possibilitou conhecê-los melhor, tanto dentro quanto fora da sala de aula, e assim identificar alguns dos motivos que os fizeram optar pelo ensino supletivo e, conseqüentemente, entendermos o rejuvenescimento desta população.

As falas dos jovens, desta pesquisa, querem nos dizer que, apesar dos rótulos, do caminho difícil que muitos deles percorreram e ainda terão que percorrer para alcançarem seus objetivos escolares, apostam num futuro melhor para eles, para os seus, e o mais impressionante, com os olhos voltados para a humanidade.

CONCLUSÃO

Neste estudo procurei conhecer os motivos pelos quais, cada vez mais, um grande número de jovens optam pelo ensino supletivo e assim compreender o rejuvenescimento desta população. Fenômeno este que surge no panorama brasileiro a partir dos anos 90 e que, a cada ano, se consolida com um número maior de adolescentes e jovens. Dar voz a estes jovens, já que eles são os principais sujeitos deste fenômeno, foi fundamental para compreender a sua escolha pelo ensino supletivo e, conseqüentemente, seu estar e permanecer neste contexto e no mundo.

Os fios que fizeram parte da tessitura deste texto, que se propõe mostrar o fenômeno do rejuvenescimento do ensino supletivo, foram trazidos, em um primeiro momento, de dois passados distantes, um não tão longínquo e outro que nos reporta a séculos passados.

Os primeiros fios, os trago de minhas memórias, de minha trajetória escolar, que explicam o prazer que o ato de ensinar e aprender sempre me proporcionaram e que justificam a indignação que sinto frente às decepções causadas pela escola e pelo contexto social e político que interferem e interferiram na vida de muitos dos meus alunos. As

decepções, neste contexto, podem ser traduzidas em “traumas” escolares, na falta de uma política pública responsável e competente na área da educação e nos problemas econômicos que afetam a vida pessoal e escolar destes jovens.

Em um segundo momento tento entender, a partir da compreensão do pensamento moderno, que ditou e dita normas de viver e de pensar da humanidade, identificar muitas das problemáticas das instituições que ainda hoje formulam conceitos e estabelecem regras que a sociedade deve seguir e acatar. Entre estas instituições está a escola que, seguindo os ditames da modernidade, consolidou-se como um local de conhecimentos prioritariamente científicos de caráter tecnicista e utilitarista.

Se os pressupostos básicos que regeram a modernidade estão em crise, a escola também está em crise, necessitando de uma reformulação nos seus métodos, nos seus currículos, nas relações que se estabelecem entre os diversos sujeitos que ali se encontram. Talvez seja o tempo de pensar em uma escola mais integrada e receptiva aos anseios e desejos da comunidade escolar. Quem sabe, desta maneira, não ocorram tantas evasões, exclusões, repetências, descontinuidades e rupturas no processo escolar, situações estas freqüentes na vida dos jovens aqui pesquisados.

Desenrolando os fios tecidos nesta dissertação, percorri os caminhos que o ensino supletivo trilhou no país, buscando compreender muitas das deficiências da educação brasileira em seu conjunto e, especificamente, como a Educação de Jovens e Adultos se posicionou neste contexto. A partir deste estudo constatei a carência de uma política

pública eficiente nos anos 90, em âmbito nacional, no que diz respeito a esta modalidade de ensino.

Na última década fica evidente que nenhum projeto corajoso e responsável nesta área foi realizado, deixando milhares de jovens e adultos sem uma educação pública que respondesse as suas necessidades, fazendo com que muitos jovens optassem pela educação supletiva privada e contribuindo, desta maneira, para o aumento do número de escolas particulares de ensino supletivo.

No contexto da pesquisa era importante conhecer também, no âmbito das políticas públicas estaduais e municipais, a existência de projetos e serviços nesta área. Através de dados estatísticos, das atividades desenvolvidas na DEJA, no CMET, no SEJA, no MOVA-RS e no MOVA-POA, e através das falas de alguns de seus integrantes, foi possível conhecer muitos dos projetos oferecidos nesta área e, principalmente, constatar nestes espaços, a existência de um grande número de jovens.

O rejuvenescimento desta população no âmbito do ensino privado é um fenômeno que interfere no cotidiano de professores e alunos que ocupam este espaço, exigindo dos professores um novo olhar sobre esta realidade. Minha experiência como professora, nesta área, possibilitou perceber estas mudanças e os desdobramentos delas em sala de aula e a sua interferência na vida dos alunos.

A partir da trajetória escolar dos seis jovens que fizeram parte desta pesquisa, das falas dos outros alunos e de seus professores pude

conhecer, agora com um olhar de pesquisadora, as dificuldades que esses jovens tiveram que superar para retomar a caminhada escolar, já que todos eles, construíram suas trajetórias escolares fora dos padrões definidos pela escola 'regular'.

A escolarização desses jovens foi permeada por descontinuidades e rupturas neste processo. As diversas repetências, o descaso dos governantes pela escola 'regular' e os problemas pessoais, fizeram com que estes abandonassem a escola 'regular' e optassem pelo ensino supletivo. Os fatores de ordem emocional, familiar, "traumático" e econômico, identificados na trajetória desses jovens e na fala dos outros alunos que constituíam a turma pesquisada, foram decisivos no momento da escolha pelo ensino supletivo.

Ouvir densamente estes jovens e saber de seus desejos, suas inquietações e projetos, possibilitou-me conhecer um pouco da realidade da juventude atual. Oportunizar-lhes um espaço para que expressassem os seus desejos, medos e anseios foi significativo para eles, já que a juventude em nossa sociedade é uma categoria, muitas vezes, discriminada e enfocada negativamente.

As falas destes jovens explicita que eles buscam seu lugar na sociedade, sua identidade, o reconhecimento da sua visão de mundo e de sua percepção da realidade. Conhecer um pouco do cotidiano dos jovens aqui pesquisados, seus sonhos, ansiedades e engajamentos foi me aproximando cada vez mais deles e percebendo melhor o seu universo. Descobri indivíduos criativos, sensíveis, conscientes do seu entorno e que, principalmente, procuram um espaço em que eles acreditam ter de direito.

Outro aspecto importante na vida destes jovens, muitos deles em defasagem idade/série, é a necessidade de entrarem no mercado de trabalho. Sabedores de que este mercado, hoje, é extremamente restrito, seletivo e que exige o máximo de qualificação, faz com que optem por uma modalidade de ensino que seja mais rápida do que a escola 'regular'.

Nesta procura o ensino supletivo privado apresenta-se como uma opção atraente, pois como eles mesmos dizem: "professora, eu preciso terminar o segundo grau, senão eu não consigo nenhum trabalho". Eles sabem que sem estudo, diminuem as chances de conseguirem uma boa colocação e, neste contexto, o ensino supletivo lhes proporciona a oportunidade de concluir os seus estudos num curto espaço de tempo, que na escola 'regular' seria impossível.

Assim como a busca pelo emprego, existe um forte desejo desses jovens de realizarem o concurso vestibular. A cada ano é maior o número de alunos que pretendem cursar um ensino superior, e o supletivo acaba sendo o caminho mais rápido. Esta ansiedade para entrar na faculdade é determinada, também, pela necessidade de entrar no mercado de trabalho, de se qualificar mais, e também, cursar uma faculdade para eles é entrar em outros domínios, outra cultura, um mundo novo e diferente que lhes possibilitará competir em igualdade de condições com outros jovens.

Segundo a fala dos jovens, pude constatar que muitos deles sofrem, por um lado, pelo fato de serem jovens, de freqüentemente serem tachados de irresponsáveis, de estarem ligados ou de terem sua imagem ligada às drogas, à promiscuidade, ao desemprego e, por outro lado, por

freqüentarem um ensino supletivo, ensino este, ainda hoje, considerado de segunda classe e seus alunos vistos como inferiores.

Quanto aos professores pareceu, através de suas falas, que eles estão ali, junto com os alunos, para superarem barreiras, quebrarem tabus e, na maioria das vezes, resgatar ao aluno a auto-estima perdida por inúmeras reprovações e desencantos com a escola. Não esquecendo que os professores de ensino supletivo, historicamente, também foram considerados professores de segunda classe e, como os alunos desta modalidade, foram pouco ouvidos e valorizados.

Observei, através das falas dos professores, que eles não querem mais que a escola de ensino supletivo passe a idéia de que são escolas onde se tenta “socializar os bárbaros”, as quais foram criadas para os que não se “adaptam” à escola ‘regular’, local para onde se dirigem os alunos “rebeldes”, aqueles com “dificuldades” na aprendizagem, os “atrasados”, enfim, quase sempre mencionados com adjetivos que, de alguma forma, os discriminam.

Percebo que estar no supletivo, para a maioria, é uma passagem rápida, mas marcante. Geralmente, pelo que dizem, esta experiência os impulsiona para um objetivo maior, parece que eles estavam “estacionados” e o supletivo os lança em uma nova caminhada. Retomar a trajetória escolar, para muitos destes jovens, pode constituir-se em uma alavanca para novos projetos, para uma outra imagem de si mesmo, uma outra relação consigo, com o outro e com o mundo (Charlot, 2000).

Voltar a estudar pode levá-lo a pensar em um futuro melhor, em cursar uma faculdade, constituir família e sonhar com um bom emprego. O supletivo pode, mas não necessariamente, provocar um *'décliv'* no aluno (Charlot, 2000). É como se fosse uma "luz" que surge e permite ao aluno perceber coisas que até então ele não tinha percebido, e ele começa a acreditar que é capaz de lutar pelos seus objetivos e sonhar com um futuro melhor para si e para os outros. Desta forma, reafirmo a necessidade de um ouvir sensível para recuperarmos a auto-estima, muitas vezes perdida, em consequência de várias repetências, de histórico de violência, do envolvimento com drogas, problemas familiares, entre outros.

Através das entrevistas com os seis jovens que foram ouvidos mais densamente, dos outros alunos que constituíam a turma pesquisada e dos seus professores, constatei que, neste processo, as questões sociais, afetivas e econômicas são mais determinantes que as dificuldades cognitivas e as que mais interferiram trajetória escolar deles.

É importante destacar que vários foram os motivos pelos quais estes jovens optaram pelo ensino supletivo, e seria impossível eleger um que explicasse o porquê deles estarem e permanecerem ali. Deixando claro que o rejuvenescimento desta população não pode ser analisado somente por um ângulo, mas que deve ser compreendido como um fenômeno complexo e multifacetado.

Espero, no desenrolar dos fios que teceram esta dissertação, ter demonstrado que o rejuvenescimento da população que frequenta o ensino supletivo é real e que, a cada ano, este número vem aumentando. Além disso, espero ter oportunizado um espaço para os jovens

pesquisados, dizerem suas “coisas”, mostrarem suas angústias, seus desejos, seus sonhos e quem sabe mostrá-los, não só pelo prisma das faltas e deficiências, através das quais os alunos desta modalidade de ensino são freqüentemente caracterizados, mas como seres humanos, como todos os outros, com sonhos, ideologias, medos, resistências, frustrações, coragem, que são os ingredientes para se viver e permanecer no mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. *Os pensadores*. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BARBIER, René. *A escuta sensível em educação*. Cadernos ANPEd, Porto Alegre, n.º 5, 1993, p. 187-286.
- BEISIEGEL, Celso Rui. *Ensaio 85. Política e educação popular (A Teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil)*. São Paulo: Ática, 1992.
- BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha. Uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _. *Saber cuidar – Ética do humano – Compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Outros olhares, outros afetos, outras idéias: homem, saber e natureza*. In: *Somos as águas puras*. São Paulo: Papirus, 1994. p. 71- 135.
- BUZZI, Carlo. *Transgressão, desvio e droga*. Revista Brasileira de Educação/ANPEd. n.ºs 5 e 6, mai/dez. 1997, p. 167-179.
- CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia*. Cadernos de Pesquisa. nº. 97, maio. São Paulo, 1996, p. 47-63.

_____. *Du rapport au savoir. Éléments pour une théorie*. Paris: Anthropos, 1997.

_____. *Le rapport au savoir em milieu populaire. Une recherche dans le lycées professionnels de banlieue*. Paris: Anthropos, 1999.

_____. *Da relação com o saber. Elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do iluminismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

CRAIDY, Carmem Maria. *Meninos de rua e analfabetismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. *Visões da educação de jovens e adultos no Brasil, 2000*, Texto digitado.

DUBET, François. *Les lycéens*. Paris: Seuil, 1991.

_____. *Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor*. Entrevista com François Dubet, concedida a Angelina Teixeira Peralva e Marília Pontes Sposito. Revista Brasileira de Educação/ANPEd. n.ºs 5 e 6, mai/dez. 1997. p. 222-231.

DUBET, François; MARTUCELLI, Danilo. *A L'école. Sociologie de l'expérience scolaire*. Paris: Seuil.1996.

FARIA, Lia. *O Papel da escola no processo de reversão (ou eliminação) da exclusão Social*. ANPEd, Caxambu, 1997.

FERRARI, Alceu R. *Escola e Produção do Analfabetismo no Brasil*, in *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 12, n. 2, 1987, p. 81-96.

- FISCHER, Nilton et alli. *Educação & classes populares*. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- FONSECA, Cláudia. *Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação*. Trabalho apresentado na ANPEd, Caxambu, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- _____. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FREITAS, Maria Virginia. Dissertação de Mestrado “*Jovens no ensino supletivo: Diversidade de experiências*”. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 1995.
- GIROUX, Henry. et alii. *Jovens, diferença e educação pós-moderna*. In: *Novas perspectivas críticas em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- HADDAD, Sérgio. *Ensino supletivo no Brasil - O estado da arte*. Brasília: REDUC- INEP, 1987.
- _____. *Educação fundamental de pessoas jovens e adultas e a nova LDB: Políticas de inclusão e exclusão de direitos*. ANPEd, Caxambu, 1997.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. *Escolarização de jovens e adultos*. 2000a. (Texto digitado)

_____. *Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de jovens e adultos no Brasil: uma avaliação da década da educação para todos*. Textob. (Texto digitado).

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

QUEIROZ, Maria Isaura. *Relatos Oraís: Do “indizível” ao “dizível”*. In: *Experimentos com histórias de vida (Itália/Brasil)*. São Paulo: Vertice, 1988.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares. As razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB n.º5692/71

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB n.º9394/96

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MARQUES, Maria. S. *Escola noturna e jovens*. Revista Brasileira de Educação/Anped. n.ºs 5 e 6, mai/dez, 1997, p. 96-108.

MARRE, Jacques. *História de vida e método biográfico*. Cadernos de Sociologia: Metodologias de Pesquisa. 3(3), 1991, p. 89-142,.

MARTINS, Heloisa. T. S. *O jovem no mercado de trabalho*. Revista Brasileira de Educação/ANPEd. n.ºs 5 e 6, mai/dez, 1997, p. 63-75.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 1999.

MELUCCI, Alberto. *A experiência individual na sociedade planetária*. Lua Nova, Revista de Cultura e Política, n.º 38, 1996, p.199-222.

- _____. *Juventude, tempo e movimentos sociais*. Revista Brasileira de Educação/ANPEd. n.ºs 5 e 6, mai/dez, 1997. p. 5-14.
- MICHELET, Jules, *O povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MOLL, Jaqueline. *Tempos de viver, espaços de educar*. Revista Literária Blau. n.º. 19. Porto Alegre, 1997, p. 20-22,.
- _____. *Alfabetização possível – Reinventando o ensinar e o aprender*. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- _____. *Histórias de vida, histórias de escola: Elementos para uma pedagogia da cidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- _____. *Sociologia*. Madri: Tecnos, 1995.
- _____. *A noção de sujeito. in Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996 .
- _____. *Amor Poesia Sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.
- _____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Brasília: UNESCO, 2000.
- NOSELLA, Paolo. *A escola de Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- PEREIRA, Helena B. C.; SINGER, Rena. *Michaelis: minidicionário francês-português, português-francês*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- Porto Alegre. Governo Estadual. Secretaria de Educação e Cultura. *Estatísticas Educacionais*. Unidade de Informática. Porto Alegre: 1992, 1993, 1994, 1995 e 1996.

- Porto Alegre. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. *Falando de nós: o SEJA. Pesquisa participante em Educação de Jovens e Adultos*. Porto Alegre: 1998.
- Porto Alegre, Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação. *SEJA. Palavra de Trabalhador 8*. Porto Alegre: 1999.
- Projeto de Plano Nacional de Educação*. Brasília. 1997.
- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido. O tempo recuperado*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil: 1930/1973*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997.
- _____. *Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo*. In: *A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- _____. *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum: A ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. Cortez: São Paulo, 2000.
- SPOSITO, Marília Pontes. *A Ilusão fecunda – A Luta por educação nos movimentos populares*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- _____. *Violência coletiva, jovens e educação: Dimensões do conflito social na cidade*. Trabalho apresentado na ANPEd. Caxambu, 1993.
- _____. *Juventude: Crise, identidade e escola*. In: *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1996, p. 96-104.

TODOROV Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes. 1988.

ANEXO

QUESTIONÁRIO: JOVENS NO ENSINO SUPLETIVO

Profa. Carmen Brunel

Escola:

Turma:

Nome:

Data:

Idade:

Naturalidade:

- 1) Por que você optou pelo Ensino Supletivo?
- 2) Qual é a escola que estudavas antes de ingressar no supletivo e o ano? Já paraste de estudar alguma vez? Por quê?
- 3) Você tem uma profissão? Você trabalha atualmente?
- 4) Qual é a escolaridade de seus pais?

Mãe:

Pai:

- 5) Você deseja cursar um Ensino Superior?
- 6) Qual é a melhor qualidade que você atribui a um professor?
- 7) Você gosta de seus professores e da escola atual?
- 8) Você já reprovou alguma vez? Qual a principal causa que você atribui a este fato?

9) O que é um bom aluno para você?

10) Quais são os aspectos positivos e negativos que você identifica na escola?

11) Qual é a importância do saber?

12) Como você gostaria que fosse a escola dos seus sonhos?